# UNIVERSIDADE DE SOROCABA PRÓ-REITORIA ACADÊMICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Fabiana Cristina Pereira

### BELEZA DO CORPO FEMININO: JOGOS DE PODER EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sorocaba/SP

#### **Fabiana Cristina Pereira**

### BELEZA DO CORPO FEMININO: JOGOS DE PODER EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando

Sorocaba/SP

#### Fabiana Cristina Pereira

### BELEZA DO CORPO FEMININO: JOGOS DE PODER EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba

Aprovado em: 25/06/2013.

#### BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Pedro Laudinor Goergen Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Hylio Lagana Fernandes Universidade Federal de São Carlos

#### Ficha Catalográfica

Pereira, Fabiana Cristina

P491b Beleza do corpo feminino : jogos de poder em aulas de educação física / Fabiana Cristina Pereira. -- 2013.

164 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2013.



#### **AGRADECIMENTOS**

Manoel de Barros, uma vez disse: "escrevo para entender meus silêncios". Assim sabendo, entendo agora porque escrevi tanto. São longos os meus silêncios! Às vezes, até acho que sou feita deles... E um dia, nesses silêncios mais profundos, olhei onde meus pés estavam, olhei para trás, depois olhei para um lado e depois para o outro lado, fechei bem os meus olhos e dei um passo, um pequeno passo a frente... Passo este que durou dois anos. E nesta breve jornada, longo foram os dias. Nunca caminhei só... sobre mim, o céu que nos protege e abaixo dele, quase providencial, havia sempre um olhar amigo, um colo, um abrigo. E, neste momento, que posso parar um pouco, descansar, respirar com um tiquinho mais de calma, consigo já olhar para trás e dizer: obrigada a estes, que fizeram possível este meu caminhar.

Assim, sou extremamente grata a minha família! Por trazer-me até aqui, segurando em minhas mãos, meu pai Jonas Pereira e a minha mãe Zélia Gonçalves Pereira. Minhas irmãs, as quatro estações da minha vida, meu cunhado Beto, minhas sobrinhas em especial Laurin, que tanto me ajudou. Giovana, minha filha, luz dos olhos meus e razão do primeiro passo.

Agradeço minha amiga e irmã Carmem Machado, por suspender o cotidiano para que eu pudesse enxergar a beleza. Márcia Renata, por me abraçar quando chorei. Edimara, por suas palavras... Sandra, por seus silêncios. Stela, amiga de infância. Meu amigo Edmilson por ouvir minhas confidências e pela amizade, como todos os meus outros amigos do mestrado.

Minhas alunas, que participaram da pesquisa, de forma tão carinhosa, generosa muitas vezes me emocionando por tamanha confiança, outras vezes me fazendo rir com suas brincadeiras e seus olhares tão inocentes para o mundo. Sem elas, nada disso existiria... Aos alunos Dário, Emily e Thais, por não me deixarem esquecer como eu exatamente era na minha adolescência.

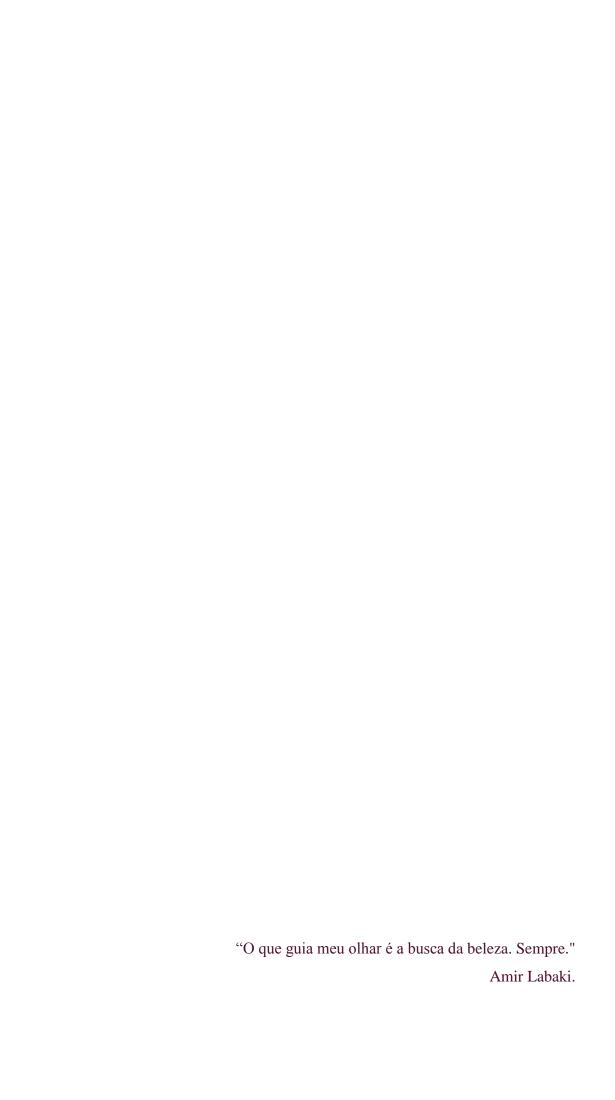
E lembrando do colégio, o rosto de três mulheres me vem, à frente... Nalva, Miriam e Lázara, a quem eu sempre corri, pedindo que orassem por mim, quando tudo parecia impossível... Sempre tive certeza, que Deus as ouvia. "Chefe" Neuza, por seus abraços apertados... Diretora Valéria Quintiliano, por escolher conduzir a escola através do caminho da paz e as coordenadoras Débora e Cristina pela cooperação e paciência para comigo. Todos os professores, colegas de dias trabalhosos...

E olhando bem lá para trás, tenho que agradecer meu amigo e primeiro mestre Dr. Marcelo Conte, por acreditar em mim, e me apresentar a vida acadêmica, tanto quanto Dr. Paulo Borges e Dra. Marilene Oliveira, que viram em mim alguém cheia de perguntas e me fizeram crer que isto era bom.

Ao professor Dr. Marcos Reigota, por ter apresentado a mim o texto (de sua autoria) "A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens". Dr. Pedro Goergen, pelos livros emprestados e por sua contribuição na qualificação. Dr. Hylio Lagana Fernandes por aceitar participar da defesa e suas contribuições.

... São muitos a quem tenho que agradecer! Mas sobretudo um, que tem meu carinho eterno; professor Dr. Luiz Fernando Gomes, pelo qual tive a honra de ser orientanda. Luiz me faz lembrar que qualquer homem que sorria como uma criança é digno de confiança. E de tantos adjetivos, títulos e tudo mais, é na verdade isto que vou levar, "sorri como, sorri uma criança".

Por fim, agradeço o órgão da Educação do Governo do Estado de São Paulo, que através do Bolsa mestrado, me foi possível a realização desta pesquisa, tanto quanto a realização do mestrado.



**RESUMO** 

A beleza está no centro de inumeráveis diálogos e discursos no alvorecer da

modernidade. Nesse contexto, esta pesquisa de mestrado estuda e explora as

significações de beleza que são atribuídas ao corpo feminino e quais são suas

adjacências com o poder no cotidiano escolar, nas aulas de Educação Física. Em meu

trabalho como professora de Educação Física, observei que as alunas consideradas mais

bonitas utilizavam sua beleza para escalar times, serem escaladas em todos os jogos,

decidir quem permanece no banco de reserva, enfim ocupar lugares de liderança em

todas as atividades. A pesquisa apresenta um estudo sobre a história da beleza do corpo

feminino, partindo de Vigarello. Recorro também a Baudrillard para falar do poder

advindo do corpo e Daólio para discutir o cotidiano escolar da Educação Física. A

pesquisa de mestrado inclui também um levantamento de dados, junto a 20 alunas do

Ensino Fundamental, de uma escola de Salto de Pirapora-SP. Observei que as alunas

consideradas bonitas no cotidiano escolar da educação física utilizam a beleza para

realizar jogos de poder, através de estratégias de dominação e exclusão das demais

alunas. Quanto aos benefícios obtidos por elas, verifiquei que na maioria dos casos,

estão relacionados ao reconhecimento social e à conquista de um maior grupo de

amigos. Apenas uma aluna, declarou haver benefícios também de ordem financeira. Os

resultados da pesquisa têm me feito rever minhas práticas de ensino e meu

posicionamento diante dos jogos de poder.

Palavras – chave: Estética. Beleza feminina. Poder. Cotidiano escolar. Educação física.

#### **ABSTRACT**

Beauty is in the center of countless dialogues and discourses at the dawn of modernity. In this context this research master's studies and explores the meanings of beauty that are assigned to the female body and what are their adjacencies with the power in daily school physical education classes. In my work as a physical education teacher I have noticed that female students considered beautiful used such concept to define teams, to be chosen for every game, to decide who stays on the bench, and so occupy the leading places in all activities. The research presents a study on the history of the beauty of the female body, from Vigarello. Then I turned to Baudrillard to talk about the power coming from the body and to Daólio to discuss the daily school physical education. The master's research also includes a data collection with 20 female students from an elementary class of a school in Salto de Pirapora-SP, which sought to verify whether the students use beauty as a way to earn goodies in the school environment, as do and what results are achieved. The results show that the students considered beautiful in the daily school physical education used beauty as power by dominating and excluding students considered less beautiful. As for the benefits, in most cases, they are related to social recognition and achieving greater group of friends. Only one student said there were also financial benefits. The results have made me think about my teaching practices and my positioning before such powers games.

Key- words: Aesthetics. Feminine beauty. Power. School routine. Physical education.

#### LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Propaganda do concurso "A mais bela estudante"	30
Figura 2 Convite para o ensaio do concurso	30
Figura 3 Evento "A mais bela estudante"	31
Figura 4 Personagens da história "Branca de neve" e a relação da beleza com o bem	35
Figura 5 Rafael Nunes, ex- morador de rua	36
Figura 6 "O nascimento de Vênus"	42
Figura 7 Quadro de Mona Lisa	46
Figura 8 Mulher melancia e figura 9 Gisele Bündchen	48
Figura 10 Kate Moss	49
Figura 11 Casal Noel antigo e figura 12 Casal Noel contemporâneo	50
Figura 13 Angélica, Xuxa e as Princesas Disney	53
Figura 14 Lady Gaga vestida de carne crua	56
Figura 15 Caveira cravejada de diamantes	57
Figura 16 Aluna agredida por estar maquiada em embiente escolar	59
Figura 17 Página do site da maternidade Santa Joana	61
Figura 18 Melissa Nelson	68
Figura 19 Revistas que se propõem a falar sobre saúde do corpo	72
Figura 20 Lady Gaga - capa da Vogue	84
Figura 21 Quadra na praça do terminal Bandeira	88
Figura 22 Ambarina	89
Figura 23 As duas fotos escolhidas por Galatéia	100
Figura 24 As três fotos não escolhidas por Galatéia	101
Figura 25 Análise da primeira foto de Galatéia	107
Figura 26 Análise da última foto de Galatéia	109
Figura 27 As duas fotos escolhidas por Afrodite	116
Figura 28 As três fotos não escolhidas por Afrodite	116
Figura 29 As duas fotos escolhidas por Polidora	121
Figura 30 As três fotos não escolhidas por Polidora	122
Figura 31 As duas fotos escolhidas por Réia	125
Figura 32 As três fotos não escolhidas por Réia	125

Figura 33 As duas imagens escolhidas por Tétis	127
Figura 34 As três fotos não escolhidas por Tétis	128
Figura 35 As duas fotos escolhidas por Estige	130
Figura 36 As três fotos não escolhidas por Estige	131
Figura 37 Análise semiótica da primeira foto escolhida por de Estige	134
Figura 38 Análise semiótica da última imagem escolhida por Estige	136
Figura 39 Ártemis	140
Figura 40 As duas fotos escolhidas por Ártemis	140
Figura 41 As três fotos não escolhidas por Ártemis	141
Figura 42 As duas fotos escolhidas por Tálassa	144
Figura 43 As três fotos não escolhidas por Tálassa	144
Figura 44 as duas fotos que Harpias escolheu	146
Figura 45 As três fotos que Harpias não escolheu	147
Figura 46 As duas fotos que Diana escolheu	150
Figura 47 As três fotoas que Diana não escolheu	150
Figura 48 Estrada João Santos do Leme – Salto de Pirapora/ SP	153
Tabela 1 Instrumentos da coleta de dados	79
Tabela 2 Procedimentos dos instrumentos	81
Tabela 3 Roteiro para análise das fotografias	84

#### **SUMÁRIO**

1 INTRODUÇÃO
2 A BELEZA E SUAS ADJACÊNCIAS
2.1 Afinal o que é a beleza e para que ela serve?
2.1.2 A História da beleza
2.1.3 A beleza contemporânea
2.2 O Belo no feminino
2.3 Jogo de poder
2.4 Arena
Zi-T Al Cild
3 DESENHO DO ESTUDO
3.1 Material e Metodologia78
3.1.1 Instrumentos e procedimentos
3.2 Análises dos dados
4 CONTEXTO EM QUE SE REALIZOU O ESTUDO 87
4 CONTEXTO EM QUE SE REALIZOU O ESTUDO
4.1 Procedimentos para coleta de dados
4.1 Procedimentos para coleta de dados
4.1 Procedimentos para coleta de dados884.1.1 Fotos894.1.2 Foto-elicitação92
4.1 Procedimentos para coleta de dados       88         4.1.1 Fotos       89         4.1.2 Foto-elicitação       92         4.1.3 Entrevista       93
4.1 Procedimentos para coleta de dados       88         4.1.1 Fotos       89         4.1.2 Foto-elicitação       92         4.1.3 Entrevista       93         4.1.4 Grupo focal       93
4.1 Procedimentos para coleta de dados       88         4.1.1 Fotos       89         4.1.2 Foto-elicitação       92         4.1.3 Entrevista       93         4.1.4 Grupo focal       93         4.1.5 Diário de campo       96
4.1 Procedimentos para coleta de dados       88         4.1.1 Fotos       89         4.1.2 Foto-elicitação       92         4.1.3 Entrevista       93         4.1.4 Grupo focal       93         4.1.5 Diário de campo       96         4.1.6 Análise       96
4.1 Procedimentos para coleta de dados       88         4.1.1 Fotos       89         4.1.2 Foto-elicitação       92         4.1.3 Entrevista       93         4.1.4 Grupo focal       93         4.1.5 Diário de campo       96         4.1.6 Análise       96
4.1 Procedimentos para coleta de dados       88         4.1.1 Fotos       89         4.1.2 Foto-elicitação       92         4.1.3 Entrevista       93         4.1.4 Grupo focal       93         4.1.5 Diário de campo       96         4.1.6 Análise       96         4.1.7 Aspectos éticos       96
4.1 Procedimentos para coleta de dados       88         4.1.1 Fotos       89         4.1.2 Foto-elicitação       92         4.1.3 Entrevista       93         4.1.4 Grupo focal       93         4.1.5 Diário de campo       96         4.1.6 Análise       96         4.1.7 Aspectos éticos       96         5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS       98
4.1 Procedimentos para coleta de dados       88         4.1.1 Fotos       89         4.1.2 Foto-elicitação       92         4.1.3 Entrevista       93         4.1.4 Grupo focal       93         4.1.5 Diário de campo       96         4.1.6 Análise       96         4.1.7 Aspectos éticos       96         5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS       98         5.1 Galatéia       99

5.5 Tétis	127
5.6 Estige	129
5.7Ártemis	137
5.8 Tálassa	143
5.9 Harpias	146
5.10 Diana	149
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS	158

#### 1 INTRODUÇÃO

O tema que proponho analisar através dessa pesquisa originou-se, inicialmente, de uma preocupação pessoal a respeito da condição feminina no mundo contemporâneo, frente à estética midiática, que se caracteriza por propagar uma "beleza de consumo", como se refere Umberto Eco (2010, pg. 418). Meu interesse no tema iniciou-se na graduação, quando me propus a estudar para o Trabalho de Conclusão de Curso a interação entre transtornos alimentares (anorexia e bulimia) e atividade física em mulheres, o qual constatei no término da pesquisa que o tema era bastante amplo e complexo, possibilitando estudos mais aprofundados.

Na referida pesquisa de conclusão de curso, a temática considerava ser o desejo de pertencer e refletir os padrões de beleza assumidos na sociedade contemporânea, fator indicativo capaz de desencadear em algumas adolescentes, um estado patológico. Ao me formar em educação física e na sequência tornar-me professora de uma escola estadual do interior do estado de São Paulo (Salto de Pirapora), ministrando aulas para o ensino fundamental e médio, pude averiguar que meu aprofundamento nos estudos eram pertinentes. Entretanto não mais foquei nos padrões de beleza como desencadeador de patologia, mas sim como dinâmica de poder, uma vez que observei ser esta uma problemática nas aulas de educação física com as alunas participantes.

Como tentativa de compartilhar minha vivência, meu olhar, silêncios e descobertas opto por escrever esta dissertação de forma a utilizar elementos como lembranças, entremeando a teoria, referências de música, pintura, literatura, por entender que ainda que não contenham elementos ditos acadêmicos são produções legítimas e relevantes de conhecimento. Junto a isso, as conversas com professores e alunos, os relatos do cotidiano o qual estou inserida, faço na esperança que o leitor debruce seu olhar sobre esta pesquisa como se o fizesse olhando através de um caleidoscópio, onde tantas pequenas partes possam revelar o todo.

Também optei por focar a pesquisa no sexo feminino, devido o meu estudo anterior já ter sido feito com mulheres o que me proporcionou maior proximidade com o tema e também por reconhecer com maior evidencia uma dinâmica de poder relacionada a beleza junta as alunas. Percebo também dinâmicas de poder entre os alunos, entretanto com outras características que não a beleza, mas sim força física.

Essa dinâmica de poder entre as alunas, sempre me causou estranhamento, mas foram em alguns episódios que eu fiquei face a face com o problema, e confesso aqui, agi no calor do momento, movida mais de ignorância que de conhecimento.

Para exemplificar o que digo trago à lembrança um fato ocorrido no ano de 2008, quando percebi que uma aluna, Celeste<sup>1</sup> (nome fictício), era totalmente rejeitada pelos demais alunos da sala. De forma gratuita, a xingavam de "baleia, gorda, porca, quatro-olhos". Se ela pertencia ao time que perdia, não importava o motivo: Celeste era a culpada! Se o time ganhava: nada de Celeste! Isto é, quando eu a colocava nos times, caso contrário ninguém a queria. Era tão brutal, talvez mais ainda, pela tentativa reiterada dela em fazer tudo certinho, para ser aceita. Celeste, nunca revidou, apenas caminhava em passos lentos, rumo à arquibancada, ajeitando seus óculos, sentava e ali ficava. Na minha tentativa de resolver aquele problema, perguntei às demais alunas (entre as quais a rejeição era infinitamente maior), afinal qual o problema delas! O que a Celeste tinha feito de tão grave, para que nem quisessem ficar perto dela (às vezes, quando ela se aproximava, o grupo saía correndo, em debandada, aos gritos e risadas). Para minha perplexidade, nem tentaram camuflar as verdadeiras razões, tudo era "muito simples", ela era "gorda, quatro-olhos, fedia a xixi, o cabelo era seboso..." Assim, como se estivessem disputando uma gincana para ver quem conseguia falar mais rápido e mais preciso, ali estavam meninas da quarta série, à minha frente, destruindo com palavras e gestos, uma menina doce, linda e delicada. Quando a "competição" parecia ter acabado, de adjetivos para Celeste, uma delas, como em síntese disse; "Ela é muuuuito feia!". Todas concordaram. Começou ali, efetivamente minha reflexão sobre o que é Belo e o que é feio e qual a importância de um, e de outro, e se esta questão justifica fazer alguém sofrer. Fui embora, naquela tarde, pensando que já era quase metade do ano, e agora pensando em Celeste, sempre foi assim, por que só agora eu tinha percebido? Mas enfim, eu estava decidida a resolver aquela questão... "Celeste não sofreria mais, ainda que eu tivesse que fabricar uma popularidade para ela. Celeste, não seria mais rejeitada". Nas aulas que seguiram, coloquei meu plano em prática. Celeste era escolhida para tudo! Eu a escolhia como monitora, ela passava o alongamento, era a primeira a ser escolhida para todas as atividades, era quem escolhia os demais alunos, qualquer recado era Celeste a transmitir, perguntas eram para ela, e se ela não sabia a resposta, sem problemas, eu respondia e ainda lhe agradecia por ter me

-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Referente à filha de Zeus, uma musa, na mitologia grega.

ajudado... Entretanto tudo o que eu consegui, "foi piorar a situação!" A rejeição que antes tinha como pano de fundo a gozação, passou a ter um caráter de raiva nos olhares e ódio nos xingamentos. E a visibilidade que de inicio Celeste adorou, passou veementemente, em poucos dias a negar terminantemente o que eu proporcionava. De longe, vendo-a sentada na arquibancada, sozinha, mais uma vez, com um graveto destruindo o caminho das formigas, enquanto toda sala na mais "plácida harmonia" se ocupava cada um de sua atividade, senti o peso do fracasso sobre os meus ombros, nem sequer o que dizer eu sabia. Outros dias vieram, e eu sentava perto dela na arquibancada, ela não dizia nada nem eu... E foi nesse silêncio que nos encontramos... Afinal, "O que pode ser mais humano que um homem querendo dizer, sem que se possa saber o quê?" (BARTHES, 2005, p. 236). Celeste não tinha preâmbulo para começar um assunto, então do nada perguntou; "Como eu faço para emagrecer?" Depois vieram outras perguntas. "Se eu usar lente minha cara melhora? Por que elas dão risada quando eu corro?". As perguntas foram sendo respondidas, até que em certo momento da nossa relação de amizade, ela me confiou a sua história. Aí tudo tomou outra dimensão, mais profunda e dolorosa... Era difícil aceitar que uma menina que tinha mãe e avó no presídio há mais de dois anos, ainda tinha que passar por tudo aquilo. Outra vez tomei caminho equivocado, tornei-me sua confidente, ouvia tudo o que ela tinha para dizer!Equivocado, pois seu lugar deveria ser junto a outras crianças, mas Celeste, estava sempre ao meu lado, grudada, quase como uma sombra minha. Quando tinha que falar com alguém, dar explicações, direcionar a aula, ou alguém se aproximava ela silenciava, para em seguida continuar falando de onde tinha parado. Entendi que também não era esse o caminho, ela parecia estar bem na medida do possível, ria, contava histórias, conversava, mas só comigo... Seus assuntos prediletos eram reeducação alimentar, função dos hormônios e como cuidar do cabelo. Na hora do seu intervalo, eu continuava na quadra, dando aula a outras turmas, e vê-la com o rosto entre as grades a me olhar, tão só, me fazia sentir novamente o peso nos ombros. Quanto às outras meninas, as ofensas praticamente cessaram, pudera, ela não mais tentava se aproximar... Estranho, como de repente ela parecia não mais ser enxergada. Sabendo que o aniversário da minha filha seria nas férias, ela trouxe um presente para que eu pudesse entregar, pediu perdão por ser do lixo (a família trabalha com coleta de reciclagem). Quando abri e vi o ursinho, e o olhar dela com medo que as outras meninas vissem, foi como "sangrar em praça pública"... Chorei, como criança! Depois das férias de julho, alunas novas

entraram, redesenhando um pouco a estrutura social da sala, principalmente das meninas, desmanchando as "panelinhas", foi neste momento que consegui fazer com que Celeste participasse das aulas, sem ser tão traumático. Hoje, encontro celeste apenas pelos corredores, sempre correndo com suas amigas, é uma adolescente agora, já não tem tempo mais para conversar com a professora, sinto falta, mas fico contente pelas razões que não tenha tempo mais para mim. A partir deste episódio eu poderia seguir inúmeros caminhos para uma compreensão do fato, afinal é de toda ordem... Social, econômica, política, ideológica, mas preferi tentar entendê-lo pela ótica da Beleza, ainda que ressoem em meus ouvidos, vozes infantis em coro gritando: "Feia"!

Mais dois casos emblemáticos ocorreram; um com uma aluna de etnia indígena, e outra descendente de etnia negra. A primeira chamarei de Graça<sup>2</sup> e a segunda de Glória<sup>3</sup>. Recebi um comunicado da coordenação que havia uma menina de descendência indígena, nova na escola, e que estava mudando de sala, que requeria atenção, pois as classes (anterior e a atual) a rejeitavam terminantemente, devido segundo alguns os alunos, ela ser muito diferente (aparência e comportamento). Ela era bastante agressiva, seus modos eram diferentes, não era alfabetizada estando na quarta série. O pedido feito pelas coordenadoras foi que eu e os demais professores cuidássemos com atenção, pois em pouco tempo já havia muitas ocorrências de brigas, e a mãe tinha ido à escola, e avisado aos gritos, que se a filha dela voltasse chorando para casa novamente, dizendo que ninguém gostava dela, ela tiraria a menina da escola e ninguém faria a colocar novamente. A rejeição era generalizada, os meninos a provocavam, pois viam nela a possibilidade real de uma briga, e as meninas, zombavam por tudo nela não ter uma identificação óbvia do feminino. A situação era complexa, basta dizer, que eu e ela desconhecíamos a cultura indígena. Mas ela se assumia como índia, ainda que fosse quando diziam: Índio é tudo vagabundo! Ou gritavam para ela: "Macaca chita, fedida! Fubá! Cabelo de boneca velha!". Sua resposta imediata era levantar-se fechar os punhos perto do peito (talvez imitando uma pugilista, ainda que de forma errada) e gritava: Venha! Venha! Incrível como "são os outros, que despertam as paixões mais imoderadas, as alegrias, mas também as dores, mais vivas". (LIPOVETSKY, 2007 p.187), era isso que claramente eu enxergava, quando via a tristeza em seus olhos, reflexo destas dores. Sua paixão era o futebol, então foi fácil, socializa-la entre os

.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Referente às Graças, na mitologia grega. Deusas do encantamento.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Refere-se à musa de grande esplendor, na mitologia grega.

meninos, nunca vou saber se estes passaram a disputá-la para seus times, por ter a certeza de vitória, ou para escaparem do vexame que parecia ser perder de virada para uma menina. Entretanto entre as meninas, nunca foi aceita, entre elas, parecia ser "engraçado" pular elástico ou corda e se errasse ter que imitar a Graça. Questionei isso, se era legal fazer aquilo, se iam gostar se alguém do nada a tratassem daquela forma. Pareceram ficar constrangidas, menos uma que disse "Deus me livre, de ser tão horrorosa". Enquanto isso Graça corria pela quadra, em força, destreza e beleza, driblando, um dois, e quem mais viesse...

E por fim, lembro de Glória... Primeira série estava na sala de costas para os alunos, escrevendo na lousa as atividades do dia, quando o silêncio se quebrou em mil vozes, um grito e um choro. Gelei. Um aluno tinha cortado com uma tesoura o cabelo de Glória. Glória é negra, e seus cabelos eram trançados com canecalon<sup>4</sup> até a altura das costas. Ali estava eu, o aluno com uma tesoura e uma trancinha nas mãos e Glória, chorando muito. No meu choque diante da situação, só consegui perguntar por que ele tinha feito aquilo e ele disse que pareciam minhocas pretas e ele queria uma para brincar, eu não sabia o que fazer, tomei a trancinha da mão dele e dei a ela. Aí Glória, chorando de soluçar ficou segurando a trancinha e olhando para mim, enquanto os outros alunos riam, e outros começavam a se aproximar dela, dizendo que também queriam minhocas pretas, se ela podia dar. Creio que tão surreal quanto era para ela era para mim. Era como estar em um filme de David Lynch<sup>5</sup> tentando entender o impossível. Quando disse que ninguém mais ia cortar o cabelo de ninguém naquela sala, que não podia cortar o cabelo das pessoas assim, o aluno que cortou o cabelo dela, e agora estava puxando minha blusa, dizia sem parar: "Mas não é dela é de mentira, olha!". Depois do protocolo ocorrido na direção onde houve averiguação do fato e tudo mais, ela parecia mais calma! No dia seguinte, Glória veio me contar que a mãe, que é cabeleireira tinha arrumado o seu cabelo, e o aluno que cortou também veio junto: e completou: Não disse que era de mentirinha, o cabelo "deles"? 6 É assim, de tirar e por! Glória tinha sua turminha, suas colegas, porém depois de anos, já na quinta série, um episódio me chamou a atenção; Glória desistiu de jogar e o time do qual ela fazia parte naquela tarde, ficou desfalcado, antes que eu pudesse sugerir uma solução, as meninas do próprio time foram agressivas quando perceberam que ela não voltaria e não

-

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Tranças feitas de material sintético que podem ser prendidas nos cabelos naturais das pessoas

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Diretor norte-americano de filme, conhecido pelo seu estilo surrealista.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> O aluno referiu-se ao cabelo dos negros

diria o motivo. Lembro-me dos comentários feitos para que todos ouvissem "Tinha que ser o cabelo de minhoca preta". Quatro anos haviam se passado, desde as ofensas e gozações e ali estava, não como um retorno, mas sim como algo que nunca tivera saído daquele lugar. Algumas alunas queriam entender o que aquilo significava, e outra incitada pela conversa disse: "Parece fio de pentelho". Chamei-a no mesmo momento, e descobri que ela não sabia o significado do que tinha acabado de falar.

Todas essas lembranças, propositalmente eu coloquei do Ensino fundamental I, séries iniciais, pois eu via e não entendia como, crianças tão pequenas, podiam ter padrões tão arraigados do que era Belo e do que não era, e agirem de forma cruel a partir disso. E assim eu vejo ano após ano, este padrão se repetir. Pode haver nuances, matizes, mas sempre está ali. E pior do que esta constatação é verificar que com o passar dos anos, esta estrutura de valoração da beleza só faz cristalizar-se, basta observar estas mesmas alunas no Ensino Médio. Mais uma vez lembro, tudo isso que relatei pode ser visto de muitos ângulos, do preconceito ao racismo, da luta de classes ao machismo e que toda e qualquer abordagem, seria importante e teria seu valor, mas pessoalmente atenho-me a questão da beleza (ausência ou presença), focando meu olhar, através de uma lupa, sobre um único ponto, que, mesmo pequeno, entendo ser relevante para se entender o todo.

Retornando às lembranças, vem-me à mente uma aluna que chamarei de Atena<sup>7</sup>, estudante do primeiro ano do ensino médio. Bastante obesa, e devido a isso usava agasalhos, mesmo em dias de muito calor, pois não gostava de mostrar os braços, (quando perguntei por que ela não tirava o moletom, pois estava evidentemente suando, disse que não gostava do braço gordo), seu rosto era completamente inflamado por espinhas, o que dava uma aparência vermelha e uma textura irregular a face. Apesar de eu ter ouvido gracinhas direcionadas a ela "A cara dela parece um Choquito<sup>8</sup>! Será que ela não tem Minâncora<sup>9</sup> na casa dela?" Nenhum desses comentários foram feitos por alunas ou alunos da sala dela. A turma tentava envolvê-la, sentar, conversar com ela, chamar para as atividades, mas havia uma repulsa da parte dela por companhia, que era evidente. Tantas vezes convidei, tantas vezes ela se recusou a participar da aula. Uma vez, fui mais dura com ela, e disse que era estranho todos terem que fazer alongamento (algo que a maioria não gosta, mas faz) enquanto ela estava sentada ouvindo música no

\_

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup>Na mitologia grega, deusa da guerra, civilização, sabedoria, justiça e arte.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Chocolate de formato irregular.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Pomada utilizada para o tratamento de pele acnéica

celular, como se não pertencesse ao grupo, sendo que ela mesma tinha me dito que não tinha nenhum problema de saúde que a impedisse de praticar atividade física. Comuniquei a ela que em relação a sua nota eu só poderia avaliá-la pela correção da apostila, o que corresponderia a metade da nota, respondeu ela: "- Faça o que quiser." Respondi que não queria dar nota cinco, antes que ela participasse das aulas, ainda que um pouquinho, a sua resposta seguinte foi "Odeio Educação Física", achei aí um caminho para um diálogo, então fui logo perguntando o porquê, mas ela encerrou a conversa quando me ignorando completamente, colocou novamente os fones no ouvido e continuou olhando para além do muro do colégio, isto ocorreu antes de serem instalados na quadra cercas de alumínio com tela de polietileno, quando ainda se podia ver nitidamente uma linda campina verde que ao longe parecia tocar o céu e que aquele dia em particular, tinha tantas cores que não sei em palavras descreve- lo. Fiquei alguns minutos também ali a olhar, o que ela olhava, tive vontade de não estar ali, mas sim lá, suponho que nos entendemos. No término da aula ela saiu e voltou quando eu estava quase só na quadra, arrumando o material, pediu desculpas por ter sido "grossa", eu respondi que nem todos os dias estamos bem, e é assim mesmo, caso precisasse conversar eu estaria ali. Nas próximas aulas, acho que ainda por sentir-se culpada, se aproximou de mim e, iniciou uma conversa, perguntando que tipo de música eu gostava, falou das músicas que ela gostava, combinamos em fazer uma lista de músicas para pôr nas aulas, mas não deu tempo, ela se mudou para São Paulo. Perguntei para os demais alunos, se só nas aulas de educação física que ela era assim, tão reclusa, e os alunos responderam que não, em todas as aulas em todos os momentos. Que abaixava sua cabeça sobre a carteira soltava seu cabelo quase como uma cortina e ali escondida permanecia, isto não parecia afetar seu desempenho em relação às notas que eram muito boas, mas socialmente criou abismos em volta de si.

E por mencionar abismos, recordo-me de imediato de Deméter<sup>10</sup>, de quinze anos aluna da 7ª série pela segunda vez, mãe de uma menina de dois anos. Quando conversando em um dado momento, disse que era horrível tomar remédio para depressão que a médica do postinho tinha receitado. A boca ficava seca e tinha dor de cabeça; no aprofundamento da conversa a frase mais dolorosa que eu já escutei de uma criança: "Eu sempre fui triste!" Perguntei se era por isso que ela quase nunca sorria e quando o fazia colocava a mão sobre a boca, ela respondeu que não, que na verdade era

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Nome retirado da Deusa grega, a qual é conhecida como "Deusa Mãe", a deusa da agricultura.

porque tinha vergonha por não ter os dentes da frente, que só notava-se quando ela sorria... Mas que antes de quebrarem (os dentes) ela já se achava feia, aquele fato só piorou a situação. Contou que sempre foi gorda e motivo de piada, mas depois da gravidez, a situação do sobrepeso se agravou. Naquele momento ela vivia atormentada, achando que seu marido (amasio), poderia estar desejando voltar para a ex-mulher, que estava muito mais bonita do que ela, tinha concluído, ao se comparar com a outra. Deméter, só participava dos alongamentos, e pedia que eu desse mais aulas de ginástica, mas não participava, dizia que preferia olhar, para repetir em casa sozinha.

Enfim, com o passar do tempo fui observando, que as relações de poder, com base na beleza, nem sempre tinham um caráter maniqueísta, que meninas consideradas belas subjulgavam meninas que não eram consideradas belas, um clichê do cinema americano direcionado à adolescentes. Não, havia muitas camadas de entendimento.

Um mundo de subjetividade surgiu, e foi então que fui buscar entender teoricamente o que eu via no meu cotidiano escolar. Afinal as respostas óbvias, o discurso do respeito mútuo, a ameaça de levar a direção, tudo falhou! Ou se não falhou, serviu para casos únicos, não como uma compreensão hegemônica entre os alunos. Ainda preparo as aulas a serem dadas pautando-me evitar ou amenizar atritos, pensando em como envolver as alunas que se negam a participar. Exemplo disso, foi o fato de eu introduzir um jogo entre as próprias alunas da sala, para daí sair um time que pudesse representar a série no interclasse<sup>11</sup>.

O que ocorria antes, no interclasse, na modalidade do futsal, era que dez alunas podiam participar de cada sala, ficando cinco no banco para jogar no segundo tempo, ou no próximo jogo, caso passassem de fase. Era a própria metáfora do caos! As alunas com maior poder de comando jogavam, não permitindo que as outras entrassem para jogar, e estas corriam para mim, chorando (algumas vezes literalmente!). Eu, no meio do campeonato, tendo que organizar tudo, fazer inscrições, distribuir uniformes, tabelas de jogos, conferir as chaves, fazer a marcação do jogo e ainda ter que resolver essa situação, que causava desgaste, brigas, mágoas, era sempre, no mínimo lamentável.

O tumulto, a desorganização e a sensação de injustiça, consegui resolver, fazendo uma prévia na aula, e o grupo vencedor representaria a sala, mas algo não se resolveu, o cerne da questão! Quando quem perde nesta pré- seleção são alunas que tem

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Jogos de futsal, onde alunos competem com outras salas, na escola em questão, há dois torneios por

características de líderes dominantes, elas acatam a vitória do outro grupo, mas no dia do jogo torcem pela derrota destas. Na arquibancada, os gritos, os xingamentos são direcionados para a aparência física. Se a beleza não é a causa da discussão, da separação dos grupos, como muitas vezes me parece, ser a aparência o ponto central de agressão (ofensa verbal), eu não tenho dúvida alguma! Como prova disso, abro um parênteses para comparar aos meninos, com os quais nunca tive problema de discussões, choros, abandono do campeonato por ficarem no banco de reserva. De modo geral se organizam para que todos joguem, e de forma alguma torcem contra, comportando-se como se o time fosse a identidade deles, perante os demais alunos da escola. E ainda falando nos meninos, quando verbalmente xingam os jogadores é do time adversário, e quase nunca se referem à estética, mas sim a habilidade, no caso a falta dela. O oposto das meninas!

Quando relatava estes episódios aos outros professores, familiares ou conhecidos, lhes parecia algo natural, pois nunca havia sido diferente. Então de forma mais sistemática conversei com três professoras do mesmo colégio onde trabalho e sendo também minhas amigas pessoais, entendi que falariam de forma mais detalhada sobre esta questão. Estes relatos em forma de conversa utilizo nesta dissertação como forma de demonstrar através não só do meu olhar, a existência e a dinâmica relacionada à questão da beleza feminina dentro do contexto educacional. Optei por também trazer lembranças destas professoras na tentativa de evidenciar que esta é uma questão que perpassa os anos, as gerações e se mantêm até a presente pesquisa no cotidiano escolar.

A primeira com quem conversei foi a Edimara, professora de História, que, relembrando seus tempos de colégio, relatou que foi um período muito difícil de sua vida principalmente nas aulas de educação física, pois era excluída por ser gordinha, sendo que nas aulas de educação física, ou era deixada de lado ou quando havia uma professora com boa vontade, dava atividades diferenciadas: [...] Agora a parte mais triste foi realmente, quando entrei para escola! É por causa do preconceito sobre os gordinhos, na época era pior que agora [...] A parte ruim é que eu nunca era escolhida para nada, né?! Tinha jogo, eu não era escolhida... (riso) tinha não sei o que, eu não era escolhida [...] "Olha, era difícil, mas era menos excluído do que é hoje"! Você ficar sentada na plateia, ficar assistindo os outros jogar futebol, jogar vôlei...

Quando questionei a existência da relação de beleza entre as alunas na aula de educação física, Edimara foi categórica: "Sempre houve!" e explicou que suas

manifestações eram percebidas do fato de "ter" que ser magra, ressaltando que não tão magra, como os dias de hoje, concluindo que tinham que "manter o que os meninos gostavam", isto é nem gorda, nem muito magra. Contou também que usavam uma saia pregueada, com shorts por baixo, e como não se maquiavam muito, a beleza era direcionada aos cuidados dos cabelos e novamente Edimara, retornou ao discurso dos meninos, quando disse em relação ao cabelo que "se preocupavam em arrumar o cabelo, passar perto do menino e jogar um charme, era isso" Quanto às vantagens, afirmou que sim, havia a utilização da beleza para obter vantagem, e esta consistia em conseguir ser "mais paquerada, mais querida, ter a máxima atenção dos meninos.".

Sandra, professora de língua portuguesa também da mesma escola, recordando sua época como estudante, que em partes ocorreu no Japão (entre 1991 e 2000), em Hiratsuka (província de Kanagawa) revela algo interessante sobre a relação de beleza feminina e o cotidiano escolar; ainda que tratando de uma cultura mais tradicional, os padrões de beleza ocidentais já são adotados, principalmente pelas adolescentes que através de meios de comunicação (principalmente a internet) absorvem a cultura principalmente americana.

O sistema educacional é bastante exigente, quanto o resultado de aprendizagem dos alunos e por diversos outros fatores há uma cultura de mérito que enaltece os que possuem melhores resultados, expressos através das notas. Ainda que neste contexto mais tradicional, Sandra explica que há muitas meninas que se preocupam mais com a aparência, indo para a escola tão arrumadas como modelos, pintam seus cabelos de loiro, chamam muita atenção (principalmente dos meninos), são populares entre os grupos, no entanto são rotuladas como "furyo", que tem seu significado literal; "estragado". Nas fábricas de fabricação de peças para carros, os materiais que tem defeito, são descartados, os funcionários costumam chamar também de furyo. Interessante observar que mesmo em uma cultura tão distante, as mulheres são julgadas moralmente por suas aparências seu vestuário, tanto quanto aqui.

Sandra, ainda explica que a vantagem existe em possuir beleza, no entanto se restringe a popularidade, quanto a outros benefícios, como nota, dispensa para não participar da faxina escolar, ser melhor tratada pelos professores, isto não ocorre.

Outro relato interessante parte da professora de artes (ensino fundamental e médio) da mesma escola, que relembrando suas aulas de Educação Física na quinta série (hoje sexto ano) do ensino fundamental, efetuado na E.E. Dr Afonso Vergueiro de na

cidade de Salto de Pirapora. Carmem conta que as aulas de educação física ocorriam em horários alternados aos das aulas e estas eram separadas por gêneros (feminino e masculino).

As aulas das meninas eram divididas em dois ambientes, a sala de aula e a quadra. Na sala de aula, faziam exercícios localizados, o que faz Carmem reconstituir em sua memória cenas vividas:

"canguru (exercício) esse eu me lembro bem diziam que ajudava a engrossar as pernas (risos) então eu fazia muito, elas eram muito finas nem usava o tênis all star que tanto achava bonito, porque o tornozelo era fino demais (risos)". Me recordo do uniforme, saia branca com preguinhas e shorts vermelho com um tênis (conga) branca e meia branca... eu adorava esse uniforme... era bonito em minha opinião. As meninas mais avançadinhas (risos) usavam um shorts tipo calcinha (grande) por baixo da saia o que mostrava um pouco a poupa do bumbum, igual as das jogadores de vôlei de praia. Mas a minha mãe comprou um que era todo fofinho e com elástico nas pernas abaixo do bumbum... eu não me importava com isso... Aliás até preferia era muito mais confortável... Já que eu adorava dar cambalhotas e isso não me incomodava... Eu amava as aulas que eram nas salas... Era somente meninas e ali éramos cúmplices... Fazíamos abdominal, pulávamos obstáculos, deitávamos no tatame, conversávamos muito... Não gostava muito de correr ao redor da quadra, mas isso era obrigatório... Não me recordo de ninguém ficar sem fazer ... Todos faziam sem reclamar, mentira às vezes reclamávamos um pouquinho (risos).

Quanto à dinâmica de poder, que ocorria na formação dos times em quadra, Carmem se pronuncia;

Na quadra eu não gostava muito não, aliás, eu nunca gostei dessa história de esperar para ser escolhida pelos grupos, nunca estive na liderança, mas torcia para não ser a última escolhida... Acho essa situação muito vexatória... A escolha. Aos poucos fui mostrando como era ruim no vôlei... (risos) eu tinha tanto medo daquela bola vindo e nunca sabia muito bem se pegava com toque ou manchete ,quando ela vinha com força eu jamais me arriscava, já tinha quase quebrado o dedo e achava uma besteira ter que ficar ali... Então eu me poupava... Com o tempo fui ficando no banco de reserva o que diminuiu mais ainda a minha vontade de jogar... E neste momento verifica-se em sua narrativa os símbolos de beleza em sua trajetória; "as meninas eram

bonitas tinham um super corpão e eu ali super Olivia Palito<sup>12</sup>. Os meninos ficavam na janela observando... Eu não me importava muito com aquilo (risos) mentira acho que me importava sim (risos)".

Carmem diminui a relevância de um fato, a seguir, entretanto, verifico como ponto importante, pois é a partir dele que se compreende os corpos valorados sócio e economicamente no contexto escolar, onde a beleza parece muitas vezes algo possível de ser comprado, que pessoas com melhor poder aquisitivo tendem a ser consideradas mais bonitas;

"Sei que nada tem a ver com isso, mas a banda, também ensaiava nesse espaço (quadra) e era o meu sonho participar da banda, mas ela ensaiava no final da tarde até o começo da noite... Jamais a minha mãe deixou... Isso é uma das coisas que mais sinto até hoje... Eu lembro das balizas, as meninas lindas, geralmente era as mais riquinhas, aliás eu não via muito a beleza, mas a posição social, isso foi gritante em toda a minha vida... Diferenças de níveis sociais, como aqui em Salto não havia escolas particulares toda a cidade era misturada. Logo o desnível social era grande demais... e é obvio que quem tem mais dinheiro vai com uma roupinha melhor nos bailinhos, porque para amenizar a situação (na escola) era obrigatório os uniformes, ninguém entrava sem. Mas as meninas riquinhas como chamavam, algumas eram até bonitinhas, mas as outras quase que compravam a beleza em suas roupas. Eu era uma menina pobre, não de alimentação isso éramos muito ricos (risos) mas a minha mãe fazia a maioria das nossas roupas, éramos em oito filhos... As minhas camisetas novas vinham de posto de gasolina que meu irmão que era caminhoneiro, trazia de suas viagens Elas, depois das aulas de educação física colocavam as suas roupas da "moda" eu preferia ir embora daquele mesmo jeito do que colocar as minhas roupas que nem chamavam a atenção (risos).

Aprofundando nesta questão e delimitando a educação física perguntei se ela percebia haver diferenciação entre os alunos? Caso sim, como? Em relação a quem? Devido a que? Ao que ela respondeu com clareza de detalhes:

"No esporte essa mania de competição, eu acho o caos, então é lógico que há diferenciação... Quem não era boa, mas tinha uma condição social melhor, sim era tratado de forma diferenciada. Mas como eu era educada e não tinha boca para nada, não me tratavam mal.. Mas era difícil ver as minhas amigas riquinhas, era assim que as

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> Personagem de desenho animado, que tem por característica física ser muito magra.

via... Dando em cima dos seus paquerinhas... Era o poder... Eu nunca me considerei bonita... Posso ter outras qualidades... (risos) mas bonita não... Aliás, eu queria ser diferente, não sabia como, mas queria. e essa diferença me afastava ainda mais das pessoas... Conversava com todo mundo, mas tinha poucas amigas. Para falar bem a verdade eu nem me recordo dos meus professores de educação física de tanto que eram distantes de mim".

E por fim, quando fui específica sobre as alunas consideradas belas, se estas tinham ou não vantagem em relação a esta característica, Carmem, sempre com bom humor, espirituosa nas escolhas das palavras e dona de um olhar que contempla o todo, relatou que:

"Elas eram as escolhidas para representarem os jogos, mesmo sendo péssima (risos), mas eram as escolhidas. E também como já te falei eram as mais riquinhas. Os professores tinham olhos somente para elas, como papel principal! Nossa que horror isso hein (risos) era para eu ser super traumatizada por isso (risos), mas não, segui outros caminhos...".

Quando procurei as teorias, para entender tudo isso, o passado e o presente que parecem confluir e que por sua vez, refletem sobre os padrões de beleza e o jogo de poder, deparei-me primeiramente com Baudrillard (1991, pg.15) afirmando com uma naturalidade espantosa: "Ora, a mulher nada mais é que aparência" e concluindo que aí reside o segredo de seu poder. Lendo, relendo, quase não acreditando no lido, tal afirmação foi categórica para que eu decidisse que este seria o ponto de partida desta pesquisa. Ainda que fosse tão somente, para discordar desta frase. Abriu-se então, um campo de reflexão sobre a valorização do poder e da aparência deste corpo feminino. Corpo este, que segundo Merleau-Ponty (1999, pg. 122) "é o veículo do ser no mundo onde se delimitam regiões de silêncio...".

Para melhor compreensão destes silêncios nada melhor que falar "DE" onde falo... A escola que trabalho há sete anos e efetuei a pesquisa é uma escola de periferia da cidade de Salto de Pirapora, sua localização geográfica lhe propicia a incumbência de receber como alunos, em sua grande maioria, moradores dos bairros do entorno; Jardim Bandeira, Jardim Cachoeira e Jardim Paulistano e esporadicamente alunos do Bairro Teixeira<sup>13</sup>. A escola aderiu no ano passado, sala ambiente, logo os profissionais de educação física, possuem uma sala onde ministram aula teórica e a quadra, onde ocorre

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Entre os demais bairros mencionados, Teixeira é considerado o mais violento entre os moradores.

a aula prática. E foram nas aulas práticas, que pela primeira vez me deparei com a problemática, o qual discuto nessa pesquisa.

De forma geral os casos que relatei acima são observações pessoais, recortes do cotidiano, que registrei como anotações, em papéis soltos, páginas de livros, e outras na memória, muitas destas memórias ainda que me esforce, não consigo esquecer, que por fim tomaram corpo e acabaram se transformando em uma bricolagem que permitiu meu entendimento quando me deparava com situações equivalentes. Ora, eram alunas consideradas mais bonitas, utilizando deste atributo para escalar times, serem escaladas em todos os jogos, decidir quem permaneceria no banco de reserva, enfim ocupando lugares de liderança em todas as atividades. Ora, eram em momentos de tensões derivadas do próprio jogo, as ofensas pessoais, que derivam quase que exclusivamente em ataques verbais priorizando agredir a estética corporal das demais colegas e não sua falta de habilidade necessária naquele momento do jogo. Ora, as alunas que não participam das aulas de educação física efetivamente, permanecendo sentadas nas arquibancadas apenas olhando o transcorrer das aulas.

Dentro deste panorama, como já mencionei, vejo-me tendo que preparar as aulas práticas, levando em conta esta dinâmica social que se estabeleceu, tentando compreender, estas relações de poder, o que me leva ao porquê, da realização desta pesquisa. Tal qual <u>o problema da pesquisa</u>, que ressoa em mim, como uma pergunta: Como eu, uma professora, deveria lidar (preparar as aulas, me posicionar, questionar, propor reflexão, silenciar...), frente as relações de poder advindas dos conceitos de belezas femininas que as alunas possuem? Antes da malograda e sedutora tendência que eu tinha por respostas rápidas e por isso superficiais, agora proponho antes refletir sobre tais palavras:

As coisas estão longe de ser todas tão tangíveis e dizíveis quanto se nos pretendia fazer crer; a maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra nunca pisou [...] Que mais lhe devo dizer? Parece-me que tudo foi acentuado segundo convinha. Afinal de contas, queria apenas sugerir-lhe que se deixasse chegar com discrição e gravidade ao termo de sua evolução. Nada a poderia perturbar mais do que olhar para fora e guardar de fora respostas e perguntas a que talvez somente seu sentimento mais íntimo possa responder na hora mais silenciosa. Rilke (2001 p. 25-28)

Diante disso, é que decido escrever esta dissertação, na esperança da hora mais silenciosa.

Para ilustrar melhor o argumento, das relações de poder oriundos das questões da beleza, basta lembrar que muitas vezes tenho que intervir, reformulando os times,

desagrupando as "panelinhas" com o objetivo de evitar confrontos verbais e físicos, colocando para jogar alunas que de outra forma não seriam escolhidas para compor o time das meninas mais populares, consideradas mais belas. Quanto às alunas que se recusam a participar da aula, observo que em sua grande maioria estão ou muito acima ou muito abaixo do peso, não são consideradas belas pelas demais alunas da classe, tendem a ser muito discretas e tímidas. Nem mesmo a diferenciação de atividades parece motivá-las a participar das aulas. Proponho atividades mais calmas como caminhada, alongamento, yoga, mas a recusa é uma constante. Quando proponho atividade de dança, fica bastante explícito que o motivo da não participação das atividades é decorrente da vergonha de expor o corpo. Entretanto, pedem que eu deixe o som ligado para que possam ficar ouvindo música (sentadas, quietas, isoladas ou em pequenos grupos).

Outro aspecto que reforça meus questionamentos, sobre o papel da beleza no cotidiano escolar e sua importância social na referida escola, foi um evento ocorrido no mês de agosto de 2012; "A mais bela estudante", organizado por toda comunidade escolar (professores, funcionários, direção, escola da família, alunas), onde aproximadamente quinze alunas concorreram ao título da "mais bela". O evento seguiu os moldes dos antigos "desfiles de miss", com preparação prévia das candidatas, sendo que uma destas candidatas teve sua participação vetada, pois no dia interior ao ensaio, "matou aula", pulando o muro da escola, como medida disciplinar não pode participar do evento. Esta aluna veio me procurar pedindo que eu interviesse junto aos organizadores, o que eu expliquei que não poderia fazer, pois eu não fazia parte daquele evento em nenhuma instância. Assim, que ela se retirou, as outras alunas que estavam presentes e também iriam participar, vieram me agradecer, pois não era bom mesmo que ela participasse pois, "a imagem dela não era boa, não poderia representar a escola" Expliquei de imediato, que os motivos para o meu não envolvimento era uma questão ideológica e quanto a imagem da aluna, expliquei o quão terrível era que a julgassem daquela forma. Um professor de dança de axé, do bairro se prontificou a ensinar as meninas a desfilar na passarela, os júris foram compostos por membros não pertencentes à escola, tal como professores, representante do Boticário, moradores do bairro. Houve, venda de doces, salgados, refrigerantes, que gerou uma renda para a escola de aproximadamente mil reais, estava presente também um fotógrafo de uma

comunidade virtual, de publicação de eventos sociais como os alunos e moradores do bairro.

A vencedora do título foi uma aluna do 3º ano do ensino médio, que possuí como características ser branca com um tom levemente bronzeado, um corpo curvilíneo e cabelo loiro. Apesar de ter cabelo curto, para a ocasião utilizou um aplique 14, também loiro para alongar o cabelo, o que suscitou a discussão depois da premiação entre algumas alunas que tinham concorrido, que não era justo, pois não era o cabelo dela de verdade. Em tom de brincadeira perguntei a essas mesmas alunas "injustiçadas" se os cílios, as unhas grandes que elas usaram eram naturais. Elas riram. Ainda nesta conversa informal, tentei descobrir a linha que separa a beleza natural da artificial para elas. Ficaram bastante confusas quando perguntei qual a diferença em simular uma boca com um vermelho intenso de batom e simular um longo cabelo. Depois, de muitas gracinhas por parte delas na tentativa de se justificarem e desdenharem da ganhadora, ela concluíram que é muito difícil ser uma mulher bonita naturalmente.

Este episódio foi determinante para a realização desta pesquisa, pois pontuou o cerne da questão; a valorização da beleza em um ambiente escolar. A própria estrutura do evento, aos moldes de um desfile de miss, deflagra a reflexão política da relação da escola com os modelos culturais que a mídia (televisão, revistas, jornais, outdoor) costumam de forma geral atribuir a mulher.

Este episódio revelou uma face do cotidiano escolar, que até o momento existia como um "ponto cego" diferente do discurso dicotômico que a escola como um elemento neutro que tem que lidar com as contingências do "mundo", que permanece do lado de fora dos muros da escola, o evento ao contrário, mostrou que a escola é didática em repassar a cultura absorvida.

<sup>15</sup> O mesmo que escotoma, região do campo de visão que apresenta perda visual total ou parcial.

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Cabelo (podendo ser natural ou artificial) fixado na cabeça, espécie de peruca.

Figura 1 - Propaganda do concurso "A mais bela estudante"



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 2 - Convite para o ensaio do concurso



Fonte: Arquivo pessoal



Figura 3 - Evento "A mais bela estudante"

Fonte: Arquivo pessoal

Frente a isso, um panorama desenhado por relação de poder, valorização da beleza e maior exposição corporal nas aulas de educação física, sou levada a afirmar que <u>a hipótese do problema desta pesquisa consiste no fato que algumas alunas utilizam da beleza como fator excludente das demais, nas aulas de educação física, como também forma de obter vantagens e dominação sobre as demais alunas consideradas por elas desprovidas do conceito de beleza, formando uma relação dual, onde Baudrillard (1991) coloca como jogo de poder.</u>

Entretanto, quando refiro – me a dominação, não se trata de uma relação bem delimitada entre dominantes e dominados, o que em primeiro momento poderia se supor, mas se assim fosse "bem separados, de um lado e de outro, não existiria reversibilidade na produção, mas justamente nesse nível nada de essencial aconteceria" (BAUDRILLARD, 1991, p. 56). Não, o jogo de poder acontece como uma relação dual de desafio e de astúcia, nunca resultado de força dos corpos, mas sim de sedução. "Sedução esta capaz de fazer figuras jogar entre si, fazer jogar entre si signos roubados que intervenham um engano e misture as imagens, que junte coisas desunidas, como num sonho, ou de repente separe coisas indivisas." (BAUDRILLARD, 1991 p. 118).

Para melhor esclarecer o que venha a ser a conceituação deste jogo de poder através da sedução pela beleza nesta dissertação, é importante que se entenda que a ética (princípios ideais do comportamento humano) esta intimamente ligado à estética (percepção do que é considerado belo), sendo que a estética é também um jogo dos

signos, tornando-se assim a própria sedução. Logo o jogo de poder que me refiro em vários momentos no contexto da desta pesquisa é uma relação de influência e o exercício da soberania sobre o outro, que por sua vez se submete como se fosse a ordem natural das coisas postas, talvez porque no jogo de poder esta submetido a regras sociais criando entre seus participantes um pacto simbólico, onde absolutamente todos necessitam participar de um ritual de obrigações, onde há aqueles que exercem o poder e os que se submetem a este poder (Baudrillard, 1991).

## Quanto as alunas que não querem participar da aula de educação física tenho como hipótese que a recusa se deva ao fato de que pessoas que não se acham belas preferem não participar de atividades que exponham seu corpo.

Como referência fundamental recorri a Abbagnano, que desenha um entendimento teórico do que o mundo ocidental entende por Belo, Vigarello, que apresenta um estudo sobre a trajetória histórica da beleza do corpo feminino, Baudrillard para falar do poder advindo do corpo e os jogos de dinâmica social, dentre eles a relação dominador/ dominado e por fim, Daólio para discutir o cotidiano escolar da Educação Física.

Evidentemente, conto com outros autores, que nortearam e estruturam o meu pensamento e desenharam um caminho, que ainda que intrincado, deixei-me conduzir, e que agora convido a seguir. Caminho este, que para entrar, é preciso responder, como se fosse uma "premissa de Absolem" 16: O que é a beleza e quais são suas imediações, seus tocantes? Para isso no segundo capítulo recorri primeiramente à Estética, baluarte do Belo, e em segundo, à História, fiel da balança. Também no segundo capítulo, para pensar as relações da beleza e da mulher, tratei da sua gênese, processo, ferramentas, estruturas sócio-comerciais, tanto quanto midiáticas que possibilitam entender como e porque a beleza se definiu no feminino no mundo contemporâneo.

Galgando este patamar, a dimensão dos jogos de poder, estruturei a pesquisa pensando sobre as ocorrências desses jogos em três situações: a auto- sedução (narcisismo), a sedução para obter vantagens (dominação) e a submissão. Na presente pesquisa, elas se traduzem nas seguintes **questões:** (a) como as alunas veem a si

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> Absolem, personagem de "Alice, no país das maravilhas" de Lewis Carroll, que faz perguntas aparentemente simples, no entanto no decorrer da trama observa-se que estas são extremamente complexas.

mesmas em relação à sua beleza?; (b) como as alunas são vistas pelas colegas, com relação à sua beleza?; (c) as alunas utilizam a beleza como forma de sedução? Caso afirmativo, de que maneira isso ocorre, nas aulas de Educação Física?; (d) Esse jogo de sedução e poder traz resultados? Caso afirmativo, quais são eles e como a escola (e a professora de Educação Física) lida com eles?

Esta abordagem possibilitou a construção e compreensão da cena no que eu habituei a chamar de arena, que quaisquer que sejam suas interpretações, sempre parecem ser adequadas, quando refiro ao meu cotidiano escolar.

Neste momento, justaposto a esta arquitetura do cotidiano, o desenho do estudo cumpriu a função de trazer à luz, através da metodologia, amostragem, contexto, amostra, variáveis e análise dos dados, o tema da pesquisa. Este enfim se corporificou em uma realidade o qual por fim, teci considerações finais.

O objetivo desta pesquisa é explorar as significações de beleza que são atribuídas ao corpo feminino e quais são suas relações com o poder no cotidiano escolar, nas aulas de educação física.

Antes de passar para as seções, é importante esclarecer que todos os nomes das alunas são fictícios, e as imagens desfocadas facialmente, de modo a preservar a privacidade das mesmas. Os nomes escolhidos foram retirados aleatoriamente da obra poética, Teogonia de Hesíodo.

#### 2 A BELEZA E SUAS ADJACÊNCIAS

"O Belo é difícil" (Platão)

Para que haja compreensão do tema que norteei como fio condutor esta dissertação; a beleza, é necessário que esta seja se não definida em caráter peremptório, ao menos seja compreendida em suas várias conceituações e em suas principais imediações.

Entretanto, antes de começar é importante o leitor ter em mente que só há um juízo correto quando se trata de discutir a beleza: depende! Fato é que, a palavra "depende", carrega em si a chave da sabedoria, nesta questão. Primeiramente há de se levar em conta, que as definições principalmente as mais remotas não fazem distinção alguma em relação ao objeto e o Belo, então falar de beleza pode ser algo muito abstrato, tanto pode se estar falando de uma bela mulher, de uma bela égua, de uma bela panela, ou ainda de uma bela música ou de uma bela escultura. Depois, são inúmeras e incontáveis as definições, classificações, adjetivos atrelados ao conceito de beleza e, se isso não fosse o bastante, há ainda aqueles que afirmam que sequer existe conceito de Belo. Afirmação esta que de forma alguma simplifica a questão, ao contrário, tornando o entendimento da beleza ainda mais complexo do que já é. (Nietzsche, 1985; Jimenez, 1999).

#### 2.1 Afinal o que é a beleza e para que ela serve?

Apesar, de ter iniciado esta parte da dissertação esclarecendo a dificuldade de conceituar o Belo, como também todo o tocante ao mesmo, coloco neste momento algumas conceituações, alertando que esta pesquisa em nenhum momento tem como objetivo seguir algumas destas premissas de beleza como ponto de partida, ou ainda, discutir tais conceitos. Faço como forma de compreensão da complexidade do assunto.

Partindo para o entendimento primeiro daqueles que conceituam a beleza recorro a Abbagnano (1998) em seu dicionário de Filosofia, quando explica o Belo e o faz dividindo em cinco conceitos; 1º O Belo como manifestação do bem; 2º O Belo como manifestação do verdadeiro; 3º O Belo como simetria; 4º O Belo como perfeição sensível; 5º o Belo como perfeição expressiva.

No primeiro conceito, como manifestação do bem, teve em Platão, seu mais alto defensor, que dizia ser só a beleza entre todas as substâncias perfeitas a mais evidente e

amável, onde o homem poderia encontrar o ponto de partida para a recordação ou a contemplação das substâncias ideais, mas foi com Plotino que Deus, o bem e a beleza são definitivamente unificados.

O conceito da beleza como manifestação do bem, perdura até o presente momento na sociedade ocidental, suas manifestações podem ser percebidas desde os protagonistas (obras literárias, cinematográficas, teatrais) serem em sua grande maioria belos e os antagonistas feios. Entretanto quando há uma mudança deste padrão e o antagonista é belo causa estranheza, como se sua própria beleza fosse um disfarce, uma técnica de engano, para esconder sua natureza má. Não raro surgem comentários como "tão linda e na verdade um demônio". Isto é, a beleza é concebida no bem, a feiura no mal. Este é um conceito difundido, já na infância, basta observar a estrutura semântica da história de Branca de neve; a protagonista é bonita, a antagonista (que deseja ser a mais bela), também possui beleza, mas seu caráter é mal, então a beleza é tão somente um disfarce, isto é somente no bem há beleza verdadeira.

Figura 4 - Personagens da história "Branca de neve" e a relação da beleza com o bem



Fonte: Branca de neve- mult-online.ru/hero/1765-belosnezhka.html / madrasta www.fanpop.com/clubs/evil-queen / Bruxa www.animatoons.com.br/branca-de-neve-e-os-sete-anoes-dvd

Esta visão que a beleza é o próprio bem suscita na maioria das pessoas uma reação quando se depara com esta, reconhecida de forma geral como empatia. Exemplo é o caso do morador de rua o curitibano Rafael Nunes ex- modelo, que teve sua fotografia divulgada em rede social (faceboock) e causou comoção na população que em sua grande maioria, se perguntavam como uma pessoa tão bonita podia viver em condições tão precárias. Em pouco tempo os programas de TV o encontraram,

proporcionaram visibilidade, contaram sua história. Rafael, hoje recebe gratuitamente tratamento em clínica particular especializada em casos de dependência química, enquanto estuda propostas de trabalho como modelo, para atuar depois do término do seu tratamento. Quanto aos outros, "um milhão e oitocentos mil moradores de rua" (BRACC, 2012) parece que suas faces estão longe de causar empatia e a ausência da beleza lhes confere apenas a invisibilidade.



Figura 5 - Rafael Nunes, ex- morador de rua

Fonte: Jornal Gazeta do Povo - <a href="http://www.gazetadopovo.com.br/blog/pista1/?id=1308731">http://www.gazetadopovo.com.br/blog/pista1/?id=1308731</a>

Quando Abbagnano (1998, p.106), explica o conceito de beleza como manifestação da verdade o faz, afirmando que através deste víeis significa dizer que "beleza e verdade são a mesma coisa e que se distinguem somente porque, enquanto na verdade a Ideia<sup>17</sup> tem manifestação objetiva e universal, no Belo ela tem manifestação sensível". Em quase toda estética romântica<sup>18</sup> esta definição da beleza como verdade pode ser observada, entretanto são nos costumes que ficam mais evidenciados,

-

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> Representação do real.

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> Referente ao Romantismo, movimento filosófico, literário e artístico do séc. XIX que tem como característica mais evidente a valorização do sentimento.

principalmente no amor romântico entre os amantes, ou na devoção a um ser divino que a beleza (do sentimento) confere igualmente a verdade.

No terceiro conceito, como simetria, a beleza foi unida a forma. Quem primeiramente concebeu tão união foram os gregos na antiguidade. Em Architetcture<sup>19</sup> de Vitrúvio<sup>20</sup> século I A.C que entre os padrões de proporções contemplava também os seus princípios conceituais como "utilitas" (utilidade), e "firmitas" (solidez) e "venustas" (beleza) pode-se observar que a obra faz menção também sobre as proporções corporais em frações da figura humana inteira, que eram consideradas belas na época: "[...] a face deve ter 1/10 do comprimento total, a cabeça 1/8, o comprimento do tórax, ¼, e assim por diante..."(ECO, 2010, p.74), mas foi só no século VI que Pitágoras<sup>21</sup> sustentando a ideia que o principio de todas as coisas é o numero, colocou objetivamente a possibilidade de uma visão estética-matemática onde "[...] todas as coisas existem porque refletem uma ordem e são ordenadas porque nelas se realizam leis matemáticas que são ao mesmo tempo condição de existência e de beleza" (ECO, 2010 p. 61). Este conceito foi aplicado à música, a arquitetura como produção do belo e não demorou muito a ser transferido para as pinturas fisionômicas. Esta ideia de proporção atravessa toda antiguidade, na idade média com Pitágoras e no Renascentismo com Albrecht Dürer<sup>22</sup> no livro "Da simetria dos corpos humanos", que ainda hoje tem sua função ligada intimamente a beleza. Fora algumas as pesquisas sobre beleza, que tentam provar que as pessoas consideradas mais bonitas são aquelas que possuem maior grau de proporção e simetria, a odontologia, tem no recurso da simetria a forma de corrigir evitando que haja assimetria na arcada dentária o que pode comprometer toda a estrutura fácil, e entre tantos outros problemas graves, causar deformidade na face, isto é dentro do conceito de beleza através da simetria, deixando de ser belo esteticamente. (Eco, 2010).

Como perfeição sensível, seu caráter fundamental, é o desinteresse. O Belo é neste caso aquilo que agrada por agradar, causa prazer sem interesse agrada a todos de forma geral e não possui conceitos, exemplo singelo é uma flor, que ao olharmos no jardim tão somente reconhecemos como bela e somente isso causa prazer. Outro

<sup>19</sup> Tratado sobre arquitetura, dividido em dez volumes que registra e explica as edificações da época.

Marcos Vitrúvio Polião, arquiteto e engenheiro romano que viveu no século I a.C.
 Pitágoras de Samos filosofo e matemático grego, que viveu entre 570 A.C a 496 a. C.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> Pintor e matemático alemão, considerado influente no Renascentismo, que tem fortemente o conceito de proporção ligado a sua obra.

exemplo é uma tarde de chuva que ao contemplar sente-se a beleza da natureza, sem que para isso necessite profundas teorizações.

E por fim a quinta conceituação da beleza como perfeição expressiva, isto é a beleza como arte em suas diversas manifestações; música, pintura, dança e tantos outros segmentos.

Agora quando se parte do princípio que beleza não tem conceito único, são valores relativos a uma cultura, tempo, civilização, tipo de sociedade onde a imaginação, emoção, e toda ordem de afetos engendram a beleza, enfim "a razão do Belo escapa à própria razão" (Abbagnano, 1998 p. 106). Neste caso a beleza é entendida como aquilo que é agradável, e que cada um chama de agradável o que obviamente lhe agrada! Logo, sendo assim realmente os critérios de definição da beleza pouco importam, sendo o que se sente diante da beleza é muito mais importante. A beleza passa não mais a dizer a respeito do que é quantificável, mensurável ou normatizado, diz respeito à forma como nos relacionamos com ela. Beleza passa a ser a relação entre sujeito e objeto, neste caso sendo sujeito e corpo. O interessante é observar que seguindo esta linha de raciocínio a beleza é apenas bela para o outro, isto é, para a consciência que concebe a beleza (Adorno, 1970; Duarte 1991).

Abbagnano, (1998) divide a conceituação de beleza nestas cinco seções, entretanto outros estudiosos o fazem de outras tantas diversas formas e há aqueles que divergem até mesmo na compreensão da necessidade e possibilidade de conceituação.

Nietzsche (1985, p.96), por exemplo, vai além quando afirma que "a beleza em si não é mais que uma palavra, não é sequer um conceito", acrescentando que:

"No Belo o homem considera-se a si mesmo como a medida da perfeição; em certos casos adora-se a si mesmo no Belo, revelando assim que o mais profundo dos instintos, o de autoconservação e autopropagação, continua a transparecer em tais sublimidades, completando que a beleza é tão somente a sua vaidade de espécie" (NIETZSCHE, 1985, p.96).

Vaidade ou não, a questão é que o Belo teve e tem sua importância (cada vez mais), gravada na história da humanidade, tanto é assim que uma parte da filosofia dedica-se a buscar sentidos e significados para a dimensão da vida no qual o homem vivência a beleza, dando o nome a esta ciência de Estética. No entanto, faz-se necessária uma ressalva, que esta ligação do Belo com os conceitos de estética ocorreu somente em torno de 1750, tendo o filósofo Kant como expoente. Antes o Belo tinha seu berço no divino (noção do Bem) com Platão. (Duarte, 1991).

Nietzsche (1985, p. 96 -97), foi quem criticou severamente a noção do Belo como sinônimo do Bem e a estética de forma geral; em dado momento ironiza "Nada é Belo, só o homem é Belo: sobre esta ingenuidade descansa toda a estética, ela é sua primeira verdade. Acrescentemos em seguida a sua segunda verdade: nada é feio." Acreditava que o homem não podia definir ou proporcionar o modelo do Belo, uma vez que quem cria a beleza no mundo é o homem e quanto a isso Nietzsche (1985, p. 22) parecia bastante pessimista: "No fundo o homem contempla-se no espelho das coisas, considera Belo tudo o que lhe devolve a sua imagem. Uma beleza humana, demasiado humana".

Seguindo o pensamento nietzscheniano, onde a beleza é considerada reflexionante, o gosto, isto é a faculdade de comunicabilidade dos sentimentos ligado a uma representação (no caso aqui o corpo feminino), sem a necessidade de um conceito, torna-se totalmente subjetivo, particular, enfim individual. O que explica rapidamente a multiplicidade de códigos de beleza, mais ainda os modos de enunciar e de olhá-las (Jimenez, 1999; Vigarello, 2006).

Nesta pesquisa em particular, deixei em aberto o entendimento de beleza, uma vez que mais importante do que uma definição "fechada" sobre o assunto é o olhar das alunas, para o que estas entendem ser Belo ou não.

No entanto em todas estas discussões, verifica-se apenas a necessidade de definir (ou não), o que é a beleza, talvez por que tenha recorrido a filosofia, que possui mais a prerrogativa de indagar o que é, do que propriamente para que serve, qual sua utilidade prática no cotidiano, na ordem do dia. (Chaui, 2001).

Então, recorrendo a biologia, mais precisamente a Morris (1967), em sua obra "O macaco nu", com suas análises da origem, evolução e comportamento do homem o considerando especificamente como um animal humano, considera a beleza como um recurso, um atributo entre tantos outros, relacionado à seleção sexual, seguindo um raciocínio darwinista. Logo, neste caso mulheres mais belas teriam maior chance de conseguir parceiros mais fortes (entenda-se aqui forte no sentido de sobrevivência) e repassar estes genes aos descendentes. Enfim a beleza teria sua função justificada em nome da procriação, como um atrativo para o sexo oposto.

No caso da mulher, as características sexuais secundárias, possuem grande importância neste contexto. Seios fartos, bem desenhados, cintura fina, acentuando um quadril grande, pode provocar grande interesse no sexo oposto, pois desta forma

demonstra uma "fêmea" sexualmente ativa. Morris, explica ainda que estes sinais, dentro da história foram aculturados, entretanto mesmo sob um verniz social ainda homens e mulheres atendem a lei da natureza.

Morris, (1967) faz alguns paralelos, de gosto duvidoso, mas pedem reflexões; Afirma que as mulheres utilizam artifícios para corrigir ou na maioria das vezes acentuar estas características sexuais, para se tornar mais belas, atraente para o sexo oposto. Exemplo disso são os sutiãs que não só seguem o contorno dos seios, como possuem enchimentos de toda ordem (espuma, silicone,) com estruturas para aumentalos (barbatanas, ferros), o uso de sapatos altos, modificando a postura normal de locomoção, que aumenta o gingado do quadril durante o caminhar, o uso generalizado de batom, ruge e perfume para realçar os atrativos sexuais dos lábios, do rubor e do cheiro do corpo, simulando um estado de excitação sexual prolongado.

Enfim a beleza serve para a sedução, o que a princípio e em si não há problema algum, mas passa a ter quando esta sedução é uma engrenagem de um jogo de poder na interação social.

### 2.1.2 A História da beleza

Dentre as diversas conceituações colocadas acima, para se obter uma compreensão mais clara do Belo se faz necessário a contextualização através do tempo e da sua localização, o que inicio neste momento.

Importante saber que cada período histórico, como em cada cultura particular, possuem seus próprios padrões de beleza, ou definição de forma e conteúdo que predominam ou têm aceitação generalizada.

Desse modo, fatores políticos, econômicos, sociais, científicos e tecnológicos que predominam em determinadas épocas e em cada cultura influem no modo de produzir, perceber e "aceitar" esses padrões. Enfim, essa é uma história que carrega o que agrada ou desagrada a respeito do corpo numa cultura e num tempo: aparências valorizadas, contornos sublinhados ou depreciados e de forma alguma esta história pode ser negligenciada, pois modificam a maneira cotidiana de olhar o corpo e se relacionar com este, mas, sobretudo é uma história contada por homens o que Beauvoir, (1960, p.05), relembrando as palavras de Poulain de La Barre, adverte de forma irônica; "tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte", (Adorno, 1970; Aquino, 2012; Eco, 2010; Vigarello, 2006).

A beleza feminina descrita pelos homens quase sempre esteve ligada a sedução, Ovídio, (2001) em 1 A.C, escreveu a obra "Arte de amar", uma espécie de poema didático com ensinamentos sobre a sedução e a conquista. Interessante observar que a sedução esta notoriamente direcionada à mulher e à conquista efetiva ao homem, sendo que esta sedução feminina é pautada quase que exclusivamente na beleza, seja ela natural ou forjada. Para Ovídio, (2001) a simulação é uma virtude, tanto que ensina como elogiar até os defeitos da mulher desejada;

Palavras podem atenuar os defeitos: chamaremos aquela que tem o sangue mais negro que a resina da Ilíria. Ela é estrábica? É parecida com Vênus. Tem os olhos amarelos? Como Minerva. Será esbelta aquela a quem a magreza deixa apenas um sopro de vida. Chamaremos ágeis as pequenas, e bem apanhadas, as enormes. Breve disfarçamos os defeitos sob as qualidades que estão mais próximas. Afinal com o passar dos dias basta para suprimir todos os defeitos físicos, e o que era um defeito deixa de sê-lo com o tempo. Quando não estão acostumadas, as narinas não podem suportar o cheiro do couro; com o tempo elas são educadas e não percebem o odor. (OVÍDIO, 2001, p. 79-80).

Se o primeiro aspecto que pede grande consideração a ser feita sobre a História da beleza feminina é o fato desta ser raramente contada pelas próprias mulheres outro fato igualmente que necessita levar em consideração é a forma como ela é analisada. Eco, (2010) em sua obra "História da beleza", inicialmente levanta uma questão bastante reveladora, para entendermos a beleza (ocidental) em seus primórdios e mesmo em tempos passados não tão remotos assim, é preciso ter cautela, é preciso, lembro novamente, dizer: depende!

Vejamos, a forma usual de entender a beleza de um tempo e de uma cultura é analisada através basicamente de registros de imagens (quadros, esculturas) e da literatura (relatos, descrições), no entanto, quem produziu tais obras, artista, artesão, escritor, enfim, não tinham nenhuma obrigação em se manter fiel ao seu tempo. Logo, há possibilidade real e inúmeras de disparidade entre o ano da obra e a real estética desta.

Por isso, o cuidado com as inferências torna-se essencial a esta aventura. Um bom exemplo está nas obras de Sandro Botticelli, que pintou em 1485, "O nascimento de Vênus", obra esta que é facilmente notável a representação do corpo dentro dos ideais de beleza clássica grega (Silva, 2012).



Figura 6 "O nascimento de Vênus"

Fonte: http://ultradownloads.com.br/papel-de-parede/O-Nascimento-de-Venus-Botticelli/

Mas é também, através da arte, principalmente a plástica, onde se pode criar uma linha de entendimento do que se compreendeu ou se compreende por beleza através dos tempos e como esta inserida nas estruturas morais de forma relativista.

Outra forma de arte que possibilita desvelar a história da beleza através do tempo é a poesia. No poema oral, Teogonia do século VIII a. C., é curioso pensar que a beleza sempre foi valorada, isto fica patente quando se lê que as Musas em honra aos esposos cantavam nas núpcias entre Cadmo e Harmonia, em Tebas 'Quem é Belo é caro, quem não é Belo não é caro". Difícil não pensar que há vinte e nove séculos atrás a beleza já tivesse laços íntimos com o grau de importância que se atribui a alguém! (Eco, 2010; Hesíodo, 1991).

Ainda em Teogonia (Hesíodo, 1991) é possível construir outro paralelo, juntamente com a figura anterior, de Boticceli, "O nascimento de Vênus". No capítulo que explica a história do Céu e de Crono, há uma passagem que descreve o nascimento de Vênus<sup>23</sup>, tal qual depois ele é recriado na tela, e nesta explicação escrita observa-se

.

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> Vênus e Afrodite são as mesmas deusas. Vênus é o nome romano e Afrodite o nome grego.

que o símbolo maior da beleza (Vênus/Afrodite) é coincidentemente o fruto do líquido mais elementar do gozo masculino:

"O pênis, tão logo cortando-o com o aço atirou do continente no undoso mar, aí muito boiou na planície, ao redor branca espuma da imortal carne ejaculava-se, dela uma virgem criou-se. Primeiro Citera divina atingiu, depois foi à circunfluída Chipre e saiu veneranda bela Deusa, ao redor relva crescia sob esbeltos pés. A ela. Afrodite Deusa nascida de espuma e bem-coroada Citeréia apelidam homens e Deuses, porque da espuma criou-se e Citeréia porque tocou Citera, Cípria porque nasceu na undosa Chipre, e Amor-do-pênis porque saiu do pênis à luz. Eros acompanhou-a, Desejo seguiu-a belo, tão logo nasceu e foi para a grei dos Deuses. Esta honra tem dês o começo e na partilha coube-lhe entre homens e Deuses imortais as conversas de moças, os sorrisos, os enganos, o doce gozo, o amor e a meiguice." (HESÍODO, 1991, p. 92-93)

Outro poema épico, que faz menção, valora e estrutura a beleza moralmente, decorre do século VII, proveniente da biblioteca de Assurbanipal, (antiquário e último dos grandes reis do Império Assírio) e chega até aos dias atuais com o título de "Epopeia de Gilgamesh", um compilado de poemas escritos com caracteres cuneiformes que narram à história do homem, sua luta pela sobrevivência e a busca pela imortalidade. Observa-se no poema a beleza como inerente ao feminino, uma vez que a mãe de Gilgamesh era Ninsum, uma deusa e dela ele herdou "grande beleza, força e inquietude", (Anônimo, 2011, p. 19) já do pai a mortalidade. Ishtar, a deusa do amor e da guerra é descrita no poema primeiramente como bela, depois como terrível e vingativa. Já a mulher mortal é descrita nas primeiras páginas sob a forma de uma rameira<sup>24</sup>, que utiliza de sua beleza e poder de sedução para manipular (Anônimo, 2011).

Não é de se estranhar que a beleza dentro dos padrões gregos tenha permanecido por tanto tempo em nossa civilização, haja visto o que a importância desta cultura para o mundo ocidental, berço da democracia e da filosofia, enfim o que estruturou a forma de agir e de pensar do Ocidente. Com Homero a beleza grega, sem dúvida, foi mais enaltecida e propagada, tendo na personagem Helena sua maior representação. (Homero, 2002)

.

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> Mulher que faz sexo por dinheiro.

Mas sem dúvida alguma foi com o advento do cristianismo que a beleza feminina tomou formas anacrônicas, dentro de um cenário de conflito entre alma e corpo, cerne do pecado. A beleza da mulher transfigurou-se em uma áurea de santidade, evocando o místico e o sagrado. Sempre com cabelos longos, olhares tristes. A beleza feminina era imbuída de tristeza e remetia a virgindade, referência ao símbolo feminino máximo do cristianismo, Maria a virgem. (Vigarello, 2006; Mammi, 2003, Eco, 2010).

E é na Bíblia, texto religioso de valor sagrado para o cristianismo que se pode compreender a dualidade da beleza atribuída à mulher. De fato no antigo testamento, das figuras femininas mais importantes, com exceção de Débora a profetisa que a ela foi atribuído força e coragem, coube as outras ter a beleza como característica principal. Esta beleza é colocada de forma antagônica ora, como uma honraria, ora como a personificação do mal. No gênesis<sup>25</sup>, quando Isaque<sup>26</sup> teve que habitar em Gerar<sup>27</sup>, este usou de artimanha para não morrer por causa da beleza de Rebeca<sup>28</sup>, sua esposa;

E perguntando-lhe os homens daquele lugar acerca de sua mulher, disse: É minha irmã; porque temia dizer: É minha mulher; para que porventura (dizia ele) não me matem os homens daquele lugar por amor de Rebeca; porque era formosa à vista (Gênesis 26:6-7).

Jacó, patriarca das doze tribos de Israel quando foi escolher sua esposa junto ao seu tio Labão entre suas duas filhas, Lia e Raquel escolheu a segunda, a mais nova que "que era de formoso semblante e formosa à vista" (Gênesis 29:15-17), ainda que para isso tenha tido que trabalhar doze anos de graça para o tio. Outras mulheres como as rainhas Vasti e Ester; as filhas de Jó... Jemima, Quezia e Quéren-Hapuque que foram descritas como: "E em toda a terra não se acharam mulheres tão formosas como as filhas de Jó; e seu pai lhes deu herança entre seus irmãos.( Jó 42:13-15). Mas é no livro de "Cantares de Salomão" que se percebe que estas belezas também possuíam seus códigos, seus padrões, e este consistia ao que parece, ter uma pele alva:

Eu sou morena, porém formosa, ó filhas de Jerusalém, como as tendas de Quedar, como as cortinas de Salomão. Não olheis para o eu ser morena; porque o sol resplandeceu sobre mim; os filhos de minha mãe indignaram-se contra mim, puseram-me por guarda das vinhas; a minha vinha, porém, não guardei. (Cânticos 1:5-6)

<sup>28</sup> Personagem bíblico decisivo na importância atribuída a Israel entre as demais onze tribos.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> Primeiro livro, tanto da bíblia hebraica, como cristã, também encontrada na Torá, narra o princípio do mundo.

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> Patriarca bíblico, Filho de Abraão e Sara descrito pela primeira vez na bíblia hebraica.

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> Principal cidade dos Filisteus, próximo ao que hoje conhecemos como Palestina.

Ainda refletindo sobre a beleza descrita nos textos sagrados, é em provérbios que à beleza feminina lhe é atribuída um carater moral, a ser evitado, como sendo personificação do mal:

Enganosa é a beleza e vã a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa sim será louvada. Provérbios 31:30 [...] Para te guardarem da mulher vil, e das lisonjas da estranha. Não cobices no teu coração a sua formosura, nem te prendas aos seus olhos. (Provérbios 6:24-25)

Pulando na linha do tempo, Vigarello (2006 p. 16), lembra que foi na dita beleza medieval, onde o rosto era simétrico, seios bem assinalados, onde o talhe apertado possibilitava as carnes se destacarem, dando então ao corpo feminino uma aparência mais polpuda, um contorno mais consistente, uma sensualidade que ele coloca como sendo "seiva aflorando à pele", sugerindo que o corpo dissesse através de seus contornos ter "um bom suco, leite e sangue".

Algo curioso é saber que no século XVI, a mão, como o rosto, era o objeto primordial da beleza e evocar a beleza física, correspondia a evocar a fisionomia. Refletindo sobre isso, há algo "sui generis", quando observamos que as mulheres eram pintadas de forma que sua posição possibilitasse que suas mãos sempre ficassem sobrepostas, uma vez que este era um sinal de boa educação, refinamento para as mulheres. Sim, a beleza também se faz no gesto. Galard, (1997) explica este fato elaborando seu pensamento da seguinte forma:

Há uma moral, como há uma estética, que privilegia a função referencial. Importa saber com quem e do que se trata; é preciso primeiramente satisfazer à necessidade de elucidar o que é o outro, o que se pode esperar dele, o que ele possui verdadeiramente. [...] Se a morte é nosso destino, toda conduta não é mais que um gesto: apliquemos aí as formas e concluamos na beleza. (GALARD, 1997, P.42; 119).

Então, tal referência remete ao fato que a discussão (antiga e continua até hoje) de quem afinal era a mulher pintada por Leonardo da Vinci, na obra Mona Lisa (1503), fica em segundo plano, seja lá quem tenha sido, se de fato Lisa Gherardini del Giocondo<sup>29</sup> ou mesmo um homem (teorias conspiratórias que seria o próprio autorretrato de da Vinci)) uma dama ou uma serviçal, fato é que todo seus gestos impelem a fazer crer que era uma bela mulher refinada, através de suas vestes, sua pele alva, seus gestos.

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup>Esposa de Francesco del Giocondo, que encomendou sua pintura a Leonard Da Vinci.



Figura 7 Quadro de Mona Lisa

Fonte: http://www.sabercultural.com/template/obrasCelebres/LeonardoDaVinciMonaLisa.html

Diante deste contexto, fica fácil entender porque a beleza moderna só se definiu no feminino, combinando inevitavelmente fraqueza e perfeição. Valorizando o gênero feminino a ponto de aparecer nele como perfeição. E confirma uma mudança de cultura: o reforço do estatuto da mulher na modernidade, mesmo se não puder superar a obscura e repetitiva certeza de inferioridade, é libertada da tradição que as demonizava na Idade Média, enfim a beleza trás a mulher a primeira forma de reconhecimento social, entretanto; a mulher continua inexoravelmente "inferior", tanto mais porque sua beleza é feita para "deleitar", o homem, ou melhor, ainda, para "servi-lo". Criada para o outro, ela permanece pensada para ele: promovida sem dúvida, porém mais na literatura do que na sociedade (Vigarello 2006, p. 23 27).

# 2.1.3 A beleza contemporânea

Se até o presente momento a pesquisa se concentrou em conceituar e pontuar diretrizes sobre a beleza, foi para chegar aqui, neste ponto; onde se entremeiam a beleza, o tempo presente e minhas alunas. E entender esta beleza contemporânea, a qual

elas estão inseridas, se faz importante. Na verdade, não seria exagero da minha parte afirmar que é a chave de tudo.

Eco, (2010) descreve a beleza contemporânea como sendo caracterizada, por ideais propostos pelo consumo comercial e absorta de sincretismo, politeísmo e de tolerância, segundo ele. O que aqui faz pensar, ser mais um bom momento para lembrar-se da palavra "depende!" Este sincretismo, politeísmo da beleza e a tolerância com a beleza não é tão evidente assim na realidade.

Quando Baudrillard, (2002) exemplifica a beleza de consumo através dos ídolos cinematográficos como o grande acontecimento moderno, que arrastam o imaginário das massas mistificadas, esclarece a lei de um mercado rígido, fechado em padrões. Se formos analisar isto na prática, a segunda teoria sobrepõe-se a primeira. Exemplo: se formos analisar, ainda que superficialmente, apenas dando uma olhada nas capas de revista da banca mais próxima, veremos a beleza feminina de que forma exposta nas capas? Se a revista for direcionada ao público feminino uma beleza em um corpo mais linear, magro, longilíneo, ectomorfo<sup>30</sup>, caso a revista seja direcionada ao mercado heterossexual masculino, um corpo curvilíneo, de circunferências grandes, basicamente um corpo endomorfo<sup>31</sup> O primeiro padrão é raro no Brasil, por sermos um país com alto grau de miscigenação e o segundo apesar de serem mais frequente, as proporções que o mercado sugere como sendo ideais são igualmente rara de se ver cotidianamente. Basta pensar no ícone de beleza mundial, a brasileira Gisele Bündchen, e depois as mulheres "classificadas" ou auto -classificadas" como "mulheres frutas". Bündchen é o sonho de consumo feminino, enquanto as mulheres frutas o mercado direciona ao imaginário masculino heterossexual, que se não todo, parece possuir uma grande parcela de consumidores. Belezas raras, que se transformam em padrões inatingíveis! Padrões estes mimetizados em quase todos os outros corpos femininos que o mercado arrasta a grilhões de ferro. Refletindo sobre um país como o Brasil, que tem em sua formação essencialmente uma multiplicidade étnica, pode representar a beleza com dois padrões? Não existe acaso aqui, mulheres, nisseis sanseis, coreanas, angolanas, negras, indígenas, árabes, chinesas? Que politeísmo e tolerância é esta, o qual Eco se referiu?

<sup>30</sup> Classificação de biótipos humanos segundo William H. Sheldon, em um estudo feito em 1940.

<sup>31</sup> Idem a nota 28

\_

Figura 8 Mulher melancia



Figura 9 Gisele Bündchen



 $Fontes: \underline{http://extra.globo.com/famosos/veja-fotos-sensuais-da-mulher-melancia-meu-ensaio-mais-\underline{ousado-2078316.html}\ e\ \underline{http://www.moda.net.pl/modelki/gisele-bundchen}$ 

Discordo desta afirmação feita por Umberto Eco, uma vez que olhando de forma geral para os meios de comunicação (televisão, cinema, revistas, outdoor), não vejo todas as etnias que compõem a minha cultura, representadas como símbolos também de beleza serem vinculadas nestas mesmas mídias. Não vejo também mulheres gordas desfilando em passarelas juntamente com as magras. Quando ocorre desfile de mulheres gordas, sempre é um evento fora da normalidade, quando há, as chamadas televisivas sempre enfocam que é um desfile com modelos "plus size", aguçando a curiosidade por ser algo tão diferente, logo que a princípio poderia supor um espaço conquistado muito bem pode ter outra leitura; gueto! Se todas são belas mulheres, não haveria problema algum nos desfiles, dividirem sempre as mesmas passarelas, com os mesmos estilistas famosos nos mesmos eventos de projeção nacional e internacional. O que é notório que não ocorre.

A gordura sequer é tolerada em gestantes, visto que as capas de revistas só mostram grávidas que de saliente só possuem as barrigas e depois dos partos, rapidamente estão magras e com músculos tonificados novamente, bem diferente da grande maioria das mulheres que levam quase um ano para voltar ao seu peso antigo e por não terem tempo ou condição financeira não conseguem mostrar um corpo com

musculatura tonificada, nem mesmo tratar as estrias e celulites. A beleza destas mulheres com suas gorduras localizadas e seios que amamentaram não parecem ter lugares em nossa sociedade, do contrário seria mostrado e não ocultado como se não existisse (Wolf, 1992).

Outro aspecto desta beleza que não tem absolutamente nada de tolerância é o fato que a beleza parece ser atributo apenas da juventude. Não vejo mulheres mais velhas protagonizando comercial de xampu, por exemplo, balançando para todos os lados suas madeixas, exceção só vi até o presente momento um comercial, mas era xampu para combater a caspa e seborreia. Mulheres belas e mais velhas que vinculam sua imagem a produtos cosméticos, perfumaria, roupas tem seu rosto e corpo modificado através de programas de digitalização para esconder os sinais da idade, como se fosse algo errado, feio.



Figura 10 Kate Moss

Fonte: http://www.tendenciademulher.com.br/beleza/beleza-e-estetica/famosas-sem-maquiagem/

Um exemplo é Kate Moss, trinta e sete anos, considerada uma das modelos mais bem pagas do mundo e uma exceção dentro do mundo da moda e publicidade, uma vez que a maioria das modelos nesta idade está aposentada há tempos. Entretanto não foge a regra quando se trata de trabalhar nestas campanhas publicitárias, onde sua imagem é retocada, excluindo qualquer vestígio de envelhecimento.

No mundo contemporâneo este esforço de esconder a velhice, principalmente à feminina parece não ter limites, basta observar o que fizeram com o símbolo feminino da senhora bondosa companheira do Papai Noel, a Mamãe Noel. Se antes já não era a melhor forma de representar uma mulher, como apenas uma coadjuvante que não parava de assar biscoitinhos, o que ocorreu, não melhorou muito esta representação. Agora a Mamãe Noel, dos shoppings, revistas, postos de gasolina são muito jovens,

belas, vestem saias bem curtas, e longos coturnos, seios em evidência e rivalizam sua sensualidade com as outras ajudantes de "Papai Noel" igualmente erotizadas que tomaram os lugares dos duendes na entrega de balas e pirulitos. Quanto a figura do Papai Noel, não houve mudança alguma, continua sendo o bom velhinho de barba e cabelo branco, pançudo.

Figura 11 Casal Noel antigo

Figura 12 Casal Noel contemporâneo



Fontes:http://tvfoco.pop.com.br/audiencia/foco-maximo-especial-por-arthur-vivaqua-3/ http://www.culturamix.com/festas/datas-comemorativas/papai-noel

Este mercado que autorregula o que é Belo ou não, celebra o corpo feminino, reforçando a obsessão pela juventude e pelas medidas perfeitas, proporcionando as mulheres um círculo vicioso de esforços e restrições, manutenção e prevenção em relação ao corpo. Mas, sobretudo a beleza contemporânea propaga através da televisão, cinema, revistas, jornais, música, celebridades a relação direta que há entre a beleza e felicidade, através de uma encenação dos que encarnam a plenitude da vida. No mínimo, se deve a este espetáculo, um olhar de dúvida, já escrevia Aragon, "Quem fala da felicidade com frequência tem os olhos tristes" (apud D'Agostino, 2003; Lipovetsky 1989 p. 42;).

Neste contexto mercadológico que a beleza feminina esta intrinsecamente ligada à sensualidade, surge um novo fenômeno a se observar a legitimização social e moral da utilização destes atributos como "capital". Capital este que nem mais se configura como capital social, mas sim "capital erótico", termo cunhado por Catherine Hakim, cientista social inglesa que propõem a utilização beleza feminina, pela mulher como meio de ascensão social dentro das corporações";

Os valores das meritocracias capitalistas do mundo ocidental nos convidam a admirar pessoas que exploram seu capital humano para ganho pessoal. Não vejo razão alguma para não admirar igualmente pessoas que exploram seu capital erótico ao máximo [...] O capital erótico pode ter valor igual às qualificações educacionais no mercado de trabalho. (Hakim, 2012, p.192).

Entretanto de todas as colocações feita ao capital erótico dentro deste novo conceito socioeconômico, uma citação passa quase despercebida, entre as tabelas que demonstram quantitativamente como mulheres mais belas e eróticas tendem a ser melhor remuneradas e mais estimadas, entretanto não deveria: "o capital erótico pode ser combinado com sucesso a excelência profissional, e também pode ser uma opção alternativa válida para aquelas que falham no sistema educacional" (HAKIM, 2012, p. 103). Em outras palavras; se a mulher é "burra", que se utilize ao menos de sua beleza e mais e pior, a falha não é do sistema educacional que não conseguiu proporcionar educação (ainda que técnica) a estas mulheres, justamente o contrário é colocado, as mulheres que "falham" neste sistema. Cabe perguntar se esta falha não ocorre exatamente porque este sistema educacional já é estruturado em uma meritocracia (os mais inteligentes, os que tiram melhores notas) e este modelo já demonstrou ser pérfido, gerando exclusão e consolidação de uma sociedade de classes.

Fato é que cada vez mais abordagens como estas, elaboradas por pesquisadores científicos dentro de centros de políticas educacionais se consolidarão, devido a força do discurso capitalista que instituiu-se até mesmo nas esferas acadêmicas. Uma nova modernidade nasceu; que bem pode ser chamada de civilização do desejo. A percepção da realidade sob o domínio constante da imagem, onde a velocidade, a fragmentação, descontextualização e banalização traduz uma nova forma de pensar, que pode ser traduzido por uma esquizofrenização, onde não importa se a identidade pessoal é tão somente um simulacro, desprovido de valores humanísticos, o que importa é vencer, ser a melhor, utilizando-se de qualquer meio para obter este objetivo. E a despeito desta esquizofrenização pauta um fenômeno contemporâneo; a garantia da realidade do mundo através dos olhos dos outros, é preciso mostrar ao outro quem é o melhor. E é neste cenário, que se instala a competição, isto é a luta simbólica, o jogo de poder. (Lipovetsky, 1989; Silva 2012; Pankow, 1988; Arendt, 2005).

### 2.2. O Belo no feminino

Recorrendo ao dicionário Aurélio (2013), na tentativa de compreender a etimologia da palavra "beleza", depara-se aí com todo um direcionamento ao sexo feminino:

Beleza. s.f. Qualidade do que é Belo: a beleza do rosto. / Harmonia, perfeição de formas: **mulher de grande beleza.** / **Mulher bela**: casou-se com uma das belezas da terra. / Bondade, excelência.

Isto se deve ao fato que a beleza no feminino é a primeira forma moderna de reconhecimento social e esta beleza valoriza o feminino a ponto de aparecer nela como perfeição, proporcionando status a mulher, ao mesmo tempo não permite superar a obscura e repetitiva certeza de uma inferioridade perpetrada ao longo da história de nossa civilização seja pela religião, filosofia, biologia (Vigarello 2006; Beauvoir, 1960).

E é nesta busca de formas e valoração através da beleza, que grande parte da história do feminino ainda hoje é escrita. Não se trata nem do lucro nem do material, permeia sim a estima aferida, a vaidade, a inveja causada, sobretudo na esfera pública. Poder este que transita no espaço das aparências, nos artifícios humanos, nas relações humanas e nas histórias por ela engendradas. ( Arendt, 2005).

Este espaço das aparências o qual, Arendt (2005), menciona, na cultura contemporânea possui como peculiaridade; apresentar-se muito cedo ao feminino. Meninas desde cedo são introduzidas em um mundo de código de beleza, seja através de desenhos de princesas e seus símbolos de poder, seja através de filmes ou programas infantis, a criança, tanto menina como menino, constroem um papel social a mulher pautada na beleza, sex- appel, sedução e poder.

Triness in there directly the state of the s

Figura 13 Angélica, Xuxa e as Princesas Disney

Fonte: Angélica: <a href="http://boaforma.abril.com.br/famosas/galeria/famosas-marmita-676895.shtml/">http://boaforma.abril.com.br/famosas/galeria/famosas-marmita-676895.shtml/</a>

Xuxa: <a href="http://ultradownloads.com.br/papel-de-parede/Olhos-Azuis-Xuxa/">http://ultradownloads.com.br/papel-de-parede/Olhos-Azuis-Xuxa/</a>

e Princesas Disney <a href="http://www.tudoparameninas.com.br/page/98/">http://www.tudoparameninas.com.br/page/98/</a>

E foi, nestes espaços de aparências, sobretudo nas relações humanas constituídas na esfera pública que comecei a constatar, ainda que em rudimentos o que vem a ser a imagem valorizada da mulher tanto quanto da beleza desta, no meu local de trabalho e pesquisa. Devo dizer aqui que este meu olhar, se deve muito da minha proximidade com os alunos, que se faz através da música, tenho interesse em saber o que eles escutam, e no ano de 2012, dois fatos contribuíram para que esta relação fosse mais fortalecida através de dois eventos, em particular. Primeiro a escola estava em reforma, o que era para ser feito em quinze dias durou cansativos quatro meses sem quadra escolar. Devido a isso tínhamos que ir para a praça, próximo à escola, para utilizar a quadra pública, e o ambiente proporcionou que os alunos utilizassem o celular para ouvir música, e outro fato que eu não proibia aquelas caixas de som chinesas, com grande potência de som, o pavor de professores e funcionários dentro da escola. Lembro-me de poucos episódios que tive de cercear a democracia musical, uma vez foi dentro da escola mesmo, quando um aluno, colocou uma música que começava com o som de um tiroteio de AR-15 (segundo ele) e para logo depois, um grito na música, como uma palavra de ordem que

dizia: "Morre policia!" Não me pareceu que realmente tínhamos que ouvir aquilo, discutimos o fato, o ambiente que estávamos, a ideologia da música, e sem nenhum problema, foi substituída por outra, tudo em tom de brincadeira e graça por parte dos alunos.

Desde então, comecei a prestar muito atenção nas letras das músicas que eles gostam, se identificam e para minha surpresa, a febre foi a música "Ela é top" do Mc Bola<sup>32</sup>. Tenho para mim, que quanto menos fizer juízo de valor, tanto melhor para todo mundo, mas fiquei intrigada como uma música de rimas tão fáceis, podia causar aquela "febre", e principalmente estava demorando para sair de "moda". Os alunos em coro cantavam para as meninas consideradas mais belas, algumas meninas se identificavam com a canção e até mesmo incorporavam na forma de andar a ideia da letra que era repetida exaustivamente o dia inteiro. Era tocada na hora do intervalo equalizada pelo microfone, nos celulares, nos carros com caixas de som potentes, parados em frente à escola na hora da saída, nas vozes dos alunos, sempre a mesma música! Parecia haver no coro algum elemento que os excitava a cantar sempre mais e mais alto: "Ela não anda, ela desfila/ Ela é top, capa de revista/ É a mais mais, ela arrasa no look/ Tira foto no espelho para postar no facebook."

Não é difícil perceber através das músicas que os alunos ouvem, o papel que a mulher tem, seja no seu cotidiano como no seu imaginário. Ainda refletindo sobre a letra e a comoção que esta música teve no ambiente escolar, não posso esquecer de outro trecho da letra, que segue discorrendo sobre o feminino, sem parecer que ninguém se desse conta do real significado: "Ela chega rouba a cena, deixa os moleques babando. Na boca do bingo arruma buchicho e as invejosas xingando [...] Fica descontrolada ao som do tamborzão de vestidinho coladinho ela desce até o chão. Rá ela é terrível!'

Guardando as devidas proporções, não vejo diferenças indissociáveis entre este funk e "Garota de Ipanema" de Vinícius de Morais. Claro que a "moça do corpo dourado, do sol de Ipanema, com seu balançado" não sai descontrolada ao som do "tamborzão descendo até o chão"... Mas nelas, a beleza da mulher é ainda criada para o outro, para agradar ao homem, permanecendo na escala social feita para servir, seus gostos, seus deleites e desejos (Brown, 1990). Assim "a mulher não se reivindica, como sujeito, porque não possui meios concretos para tanto" (BEAUVOIR, 1960 p.22).

<sup>32</sup> Bola é o apelido de Wallace Santos Ramos, mestre de cerimônia de baile funk.

Outro detalhe que me chamou a atenção foi, a ideia das "invejosas", que refletem ou impelem a acreditar que as mulheres entre si, se odeiam, quando a letra exacerba os "sentimentos de ciúme e rivalidade e as competições invejosas entre iguais" (LIPOVETSKY 1989, p.155).

O império da beleza, se assim se pode chamar, é tudo aquilo que circunda a beleza feminina, tem seus tentáculos na moda; na economia de mercado; na mídia e inevitavelmente é responsável também por uma estratificação social.

Uma forma de manifestação que atrela intimamente a beleza feminina a este império é a indumentária. Na escola pesquisada, o uso de uniforme (camiseta) é obrigatório, o que poderia se supor haver um nivelamento da estética, mas não é o que ocorre. A diferenciação é redirecionada a outros artigos, peças de roupas, calçados, objetos como celulares e mochilas. Mais do que fazer-se reconhecer em uma individualidade a indumentária através da moda é uma corrida à posição social, uma ambição em classificar-se. (Lipovetsky, 1989). O que leva a crer que o dito popular do século XV "Qualis vestis erit, talia corda gerit" (Tal o traje, qual o coração)" (CASCUDO, 2008 p. 206), ainda pode ser considerado atual.

Quando Barthes (2002, p. 264), se perguntou: "Por que o homem se veste?" se confrontou com três respostas, ei-las aqui; proteção, pudor e adorno. E é no adorno que o "universo da moda" se fixou, chegando aos dias atuais, muitas vezes (nunca sem polêmica) a ser considerado arte. (AQUINO, 2012).

Se antigamente, as roupas femininas afastavam na altura do quadril, das linhas anatômicas do corpo para assim desenhar um pedestal, transformando a parte superior do corpo feminino em um adorno, hoje mais do nunca as roupas femininas ajustam-se a todo o corpo, para mostrar seu desenho, sua forma; Tudo é um adorno! Há necessidade de exposição da "carne". Quem levou este fato da subjetividade ao concreto, foi artista pop, Lady Gaga quando causou furor em muitos segmentos da sociedade ao usar um vestido feito verdadeiramente carne animal.(Vigarelo, 2006). Fato este, que faz compreender o argumento de Lipovetsky (1989, p. 43) quando afirma:

A moda é uma prática dos prazeres, é prazer de agradar, de surpreender, de ofuscar. Prazer ocasionado pelo estímulo da mudança, a metamorfose das formas, de si e dos outros. A moda não é apenas marca de distinção social, é também atrativo, prazer dos olhos e da diferença. [...] Apoteose da sedução.

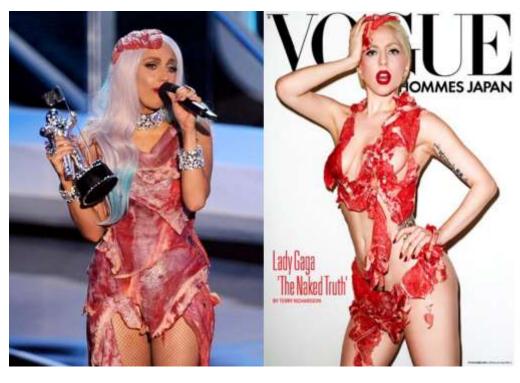


Figura 14 Lady Gaga vestida de carne crua

Fonte: http://unitmagazine.com/blog/?p=15812

Além de ser uma prática dos prazeres, a serviço da sedução a moda o qual Lipovetsky (1989, p. 32) se refere também é um "espantoso dispositivo de distinção social" capaz de classificar ou desclassificar as pessoas que aceitam ou não suas regras. E este aceitar é complexo, não se refere apenas o desejo pessoal, mas a possibilidade financeira para tal, o que de imediato incorre na estética das aparências da divisão de classes. Isto é poucas pessoas, comparativamente no Brasil, tem possibilidade financeira para adquirir os produtos da moda que geralmente em sua origem tem um preço elevado, entretanto utilizam do simulacro para participar desta moda, em tentativas de demonstrar uma aparência que não confere realmente com sua realidade financeira. Exemplo claro é a quantidade de bolsas femininas de grifes falsas encontradas até mesmo em bancas de comércio informal. Louis Vuitton, marca de uma empresa francesa que comercializa bolsas e malas, demonstra bem este fenômeno, tendo bolsas femininas com valores aproximados de R\$ 9.000 (podendo chegar a cem mil dólares)<sup>33</sup>, depara-se com o problema de uma quantidade exorbitante de réplicas falsas de seus modelos vendidas a

\_

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup> Bolsa modelo Kusama Pumpkin Miniaudière.

cinquenta reais. O interessante é observar que não sendo possível comprar um objeto que de imediato confere distinção entre as demais pessoas, demonstrando seu alto poder aquisitivo (muito valorizado na cultura contemporânea) algumas mulheres aceitam de bom grado desfilar com um simulacro só por fazer menção a esta possível distinção (CHAUÍ, 2006). Assim sendo, a moda é significante, como afirma Barthes (2002) sugerindo que no sentido pleno é um reflexo do modelo social, confluindo para uma padronização menos da indumentária, mais das condutas sociais coletivas.

"Mas a moda não impõe submissão. Uma atitude solidária é confissão plena de concordância íntima e não obediência compulsória" (CASCUDO, 2008 p. 205). Quando eu pergunto as minhas alunas o porquê da maioria usar algumas vestimentas, calçados, lenços, mochilas, anéis ou brincos com caveiras cravejadas com cristais brilhantes, elas apenas sorridentes afirmam "que está na moda", quando pergunto se conhecem Damien Hirst<sup>34</sup> e sua obra "For the Love of God" que deflagrou nesta mesma moda, como um meme, elas demonstram desconhecerem.



Figura 15 Caveira cravejada de diamantes

Fonte: http://www.timeout.com/london/art/damien-hirst-greatest-hits-in-pictures-14

<sup>&</sup>lt;sup>34</sup> Artista britânico, contemporâneo cujo tema central de sua obra, é a morte.

O que não parece afetar em nada a motivação por continuarem a usar vestimentas e ornamentos com caveiras cravejadas, simulacro de uma caveira que custa cinquenta milhões de libras esterlinas.

Talvez haja uma atitude antropofágica neste contexto, mas não posso afirmar, pois quando indagadas sobre o significado da caveira como símbolo, apenas tenham como resposta; "morte"! No que não deixam de estar certas, mas a reflexão sobre essa mortalidade, noções de valor, fragilidade da vida que Hirst propõem, definitivamente não existe. O que sem dúvida Oswald Andrade<sup>35</sup>, se pronunciaria, lembrando seu manifesto antropofágico: "Só me interessa o que não é meu" e no qual mais adiante ele acrescenta "O que atropela a verdade é a roupa, o impermeável entre o mundo interior e o mundo exterior" (ANDRADE, 1928).

Se a moda através da indumentária parece conferir "personalidade" a quem utiliza, através da maquiagem pode-se dizer que confere uma segunda face. Vigarello, (2006) sublinha que o uso de maquiagem se difundiu no Renascimento, apesar das resistências e rejeições, no entanto ainda hoje, na pós- modernidade ainda permanece no centro de discussões.

Há ainda no Brasil, religiões evangélicas ou nova pentecostais, que tratam com diferenciação a estética natural, que seria a obra de Deus, e a estética artificial, como sendo obra do Diabo, assim as adeptas destas doutrinas são aconselhadas a não fazer uso de maquiagem alguma. Tenho inúmeras alunas que pertencem a estas religiões, algumas seguem a doutrina fielmente, outras acalmam suas consciências com um discurso que um pouco de maquiagem pode, desde que seja discreta, só não podendo ser muito exagerada, chamativa. Ainda que não por grande parte das mulheres, a ideia que "a beleza não pode ser buscada, pois é dada por Deus", (VIGARELLO, 2006 p. 38) ainda se faz presente. Conceito este bastante claro em uma canção ainda que não de ordem religiosa, mas que carrega em si a ideia que a beleza não necessita de artifícios:

Marina, morena,
Marina você se pintou
Marina você faça tudo
mas faça o favor...
Não pinte esse rosto que eu gosto
Que eu gosto e que é só meu
Marina, você já é bonita com que Deus lhe deu (D. Caymmi).

\_

<sup>&</sup>lt;sup>35</sup> José Oswald de Sousa Andrade, escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro.

Ainda se referindo à escola o qual foi feita a pesquisa, a maquiagem é bastante utilizada entre a maioria das alunas, de quinta série ao último ano do ensino médio. A professora de história Edimara, já citada na introdução, lembra que "as alunas vêm muito maquiadas para a escola". No entanto as observações referentes à maquiagem por parte dos professores ficam mais no âmbito de comentários e algumas vezes reclamações, pois as alunas se distraem na sala de aula se maquiando, não prestando atenção na aula, e tirando a concentração dos amigos. Mas esta questão dentro da escola, nem sempre pode ser considerada menor e de fácil entendimento.

Exemplo surpreendente, e lastimável foi o episódio que ocorreu na Escola Estadual Nações Unidas, do bairro Nonoai, da cidade de Porto Alegre (RS- Brasil) no mês de junho de 2010 onde a aluna da 5ª série Adriele Soares Vergara de treze anos, foi à escola com os olhos maquiados com lápis preto, tentando reproduzir uma maquiagem no estilo gótico e foi ridicularizada por colegas e humilhada pela professora de arte que teria dito: "Ela disse que lá (escola) não era circo, que se tivesse uma peça de teatro eu seria convidada para ser o palhaço", para depois ordenar que fosse ao banheiro e retirasse a maquiagem. A aluna Adriele foi, tentou tirar, mas como não conseguiu foi levada a direção onde duas professoras mais a diretora levaram-na ao banheiro seguraram a cabeça dela enquanto a diretora passava com um pano molhado com álcool no rosto e olhos dela, enquanto a aluna com dor, aflita dizia que estava ardendo muito seus olhos. Para finalizar a diretora suspendeu Adriele por ir maquiada para a escola. Em decorrência deste fato a aluna sofreu lesões na córnea e retina direita e também escoriações na face. (Rádio Guaíba, 2010).



Figura 16 Aluna agredida por estar maquiada em embiente escolar.

Fonte: http://www.radioguaiba.com.br/Noticias/?Noticia=165284

Óbvio que este é um caso extremado, que se não fosse de fácil comprovação do fato, mais coerente seria acreditar ser parte do roteiro surrealista de "Um cão andaluz" <sup>36,</sup> de Luis Buñuel, e não como um fato ocorrido dentro do cotidiano escolar. No entanto pensar que em um ambiente educacional, o uso de maquiagem pode ter tomado desdobramentos tão trágicos, é ter que pensar o porquê enfeitar-se com maquiagem em uma mulher possui conotações tão ambivalentes? Para Baudrillard (2002, p.88) a maquiagem na mulher configura-se na ausência de si mesma, sendo que "o puro cuidado consigo mesma é imediatamente contagiosa, porque excedendo a si própria, é separada de si, e qualquer coisa separada de si mergulha no segredo que absorve o que rodeia".

Outra forma bastante reiterada do pronunciamento da beleza feminina encontrase em seus cabelos. Para Cascudo (2008, p. 238) "O cabelo guarda um longo patrimônio lírico, sentimental, simbólico e milenar".

Antigamente cabelo comprido era um atributo da nubilidade feminina, onde sua disponibilidade erótica se afirmava perante a sociedade. Apesar deste fato hoje não se confirmar, pois a sociedade atual não é demarcada por ritos sociais estruturados, é curioso observar que ainda o cabelo comprido carrega em si erotismo e sedução. Não à toa que o gesto mais feminino é ajeitar o cabelo (Cascudo, 2008)

Mas não basta ser comprido, tem que ser liso, "voar ao vento" Na sua tese de doutorado "Não quero ser branca não. Só quero um cabelo bom, cabelo bonito!" Paula (2009), pesquisou junto a um grupo de adolescentes como elas constroem a relação de seus cabelos/ corpo e sua identificação social e afirma que:

A racialização hegemônica se traduz em um racismo midiático, construído por meio de não ditos, isto é, pela invisibilização dos corpos femininos negros nas revistas femininas, enquanto que os ditos revelam a valorização dos traços corpóreos europeus e a divulgação de crenças de que a beleza foi democratizada.

Na cultura brasileira, este ter cabelo bom, que confere beleza aquela que possui, se traduz no cabelo liso aos moldes europeu é tão enraizado, que não foi de se surpreender que o hospital Santa Joana, localizado no bairro Paraíso, Zona Sul da

-

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> Filme de Luis Buñuel e Salvador Dalí, onde a cena inicial mostra uma mulher tendo seu olho cortado por uma navalha. Este filme se transformou na maior representação do cinema surrealista.

cidade de São Paulo, no mês de janeiro de 2013 tenha publicado em seu site, na seção de maternidade dicas para as mães alisarem os cabelos crespos das filhas.

Com uma foto de uma menina negra de cabelos crespos que estampava o título: "Minha filha tem o cabelo muito crespo. A partir de qual idade posso alisá-lo". Como se o cabelo da menininha e qualquer outro parecido devesse ser corrigido, arrumado, torna-se liso para talvez ficar bonito, quem sabe parecido com a foto acima da família loira que esta vinculado ao nome da maternidade. Por causa da polêmica, e pressão de ativistas que combatem o preconceito racial a matéria foi retirada. (MESQUITA, 2013).



Figura 17 Página do site da maternidade Santa Joana

Fonte: http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1220080-blog-de-maternidade-e-criticado-por-estimularalisamento-em-cabelo-de-crianca.shtml

Observo no cotidiano escolar desta pesquisa, que as alunas que possuem cabelos crespos, cacheados, que são a grande maioria, pedem para ir ao banheiro a todo o momento para molhar seus cabelos, afim de mantê-los úmidos, assentados, controlados. É também bastante difundida a prática de alisamento, com a chamada "escova progressiva" entre as alunas, mesmo as mais novas.

Lembro-me de uma conversa, com uma aluna do primeiro ano do ensino médio onde observei em sua fala uma relação simbólica entre cabelos crespos e classe social. A aluna mencionou que não gostava de ir ao shopping, pois sentia – se mal por acreditar que olhavam diferente para ela, como se não pertencesse aquele lugar. Tentei entender seus argumentos para tal conclusão, ao que ela respondeu: "Só pelo cabelo dá pra perceber se é uma menina de shopping ou de banca". Por perceber minha total incompreensão explicou: "O cabelo delas são compridos, brilhosos, lisos naturais, os nossos são esticados, duros, com pontas que parecem vassoura". Como não tinha ouvido ainda a expressão "menina de banca", perguntei para confirmar, se eram meninas que compravam roupas em lojas populares, que expõem suas roupas em bancas para chamar a atenção pelas promoções, o que ela confirmou dizendo "sim, é a ralé!". Não à toa esta moça em uma conversa informal, sem parecer ofendida, se autodepreciou. A cultura do não dito, o qual esta inserida reafirma a todo momento isto a ela, ajudando a produzir a naturalização da depreciação. Incomodada com aquela nossa conversa, no final de semana precisando ir ao shopping (o mais popular da cidade) tive a curiosidade de passar pela frente de todas as lojas e observar de forma informal, quantos vendedores negros (como minha aluna) trabalhavam no atendimento ao público. Encontrei apenas um vendedor, em uma loja de sapatos. E quanto mais famosas são as marcas vendidas nas lojas, mais as vendedoras são brancas e de cabelos lisos. Sempre tinha passado em frente aquelas lojas e nunca tinha me ocorrido tal reflexão, imediatamente desejei descobrir como era o perfil das vendedoras de joias, produtos símbolos da ostentação de riqueza em nossa cultura; literalmente desfilando em um tapete vermelho iluminadas por um lustre de cristal majestoso, atendentes que pareciam modelos de passarela desfilavam pela loja mostrando a poucos clientes seus produtos reluzentes. observações da minha aluna fizeram-se presentes.

Faço esta relação na dissertação, de beleza, condição social e a mulher negra, pois no Brasil vive-se um anacronismo, onde há um único espaço; o do carnaval, onde a beleza da mulher negra é evidenciada, aclamada pela mídia, fora isso se esquece delas. Como se para esta beleza não houvesse mais lugar. Entenda-se que esta mulher negra, na verdade é a mulata, que populariza a imagem sexualizada da mulher negra que surgiu

como forma de delimitar o espaço em que ela (a mulher negra) podia ser senhora em vez de escrava, ainda que fosse através do olhar masculino (homem senhor)". Mulata que tem como natureza "tentar" os homens (GILLIAM, 1995 p. 529).

Não sendo a "morena sestrosa"<sup>37</sup> e nem época de "terra de samba e pandeiro"<sup>38</sup> de Ari Barroso, a vida das mulheres negras é bastante complicada sobretudo no que se refere ao âmbito profissional. Tanto assim é que a Lei nº 2406, de 07 de junho de 1995 conhecida como a "Lei da boa Aparência" que dispõe sobre a proibição da expressão "boa aparência" nos anúncios de recrutamento e seleção de pessoal foi originada como forma de obstruir práticas discriminatórias, sobretudo em relação a etnia negra (Abreu, 2012).

E por mencionar boa aparência, outro ponto que merece um olhar mais atento dentro da estrutura social da cultura contemporânea sobre as considerações à beleza refere-se: a obesidade. Já relatei inicialmente a dificuldade que as alunas de forma geral precisam enfrentar, quando estão acima do peso. Em minha percepção, tendo como parâmetro o I.M.C<sup>39</sup> das alunas é uma parcela pequena que realmente sofre de obesidade na escola, mas não posso assegurar com segurança, pois quando eu ensino o cálculo a elas, não fico tentando descobrir, e quase sempre quem esta acima do peso, prefere não fazer, para os colegas não ficarem sabendo. Mas esta minha análise é irrelevante, pois o que noto, é que as alunas possuem um padrão do que venha ser obesidade, bastante restritivo. Difícil o dia que não escuto que elas se sentem gordas (mesmo não estando).

Outro aspecto interessante, é a fala que ouço de tempos em tempos (não só de alunas), como um elogio por me manter "no peso", não ser "gorda relaxada", como algumas professoras de Educação Física que "nem parecem professoras de Educação Física". Provavelmente, isto ocorra porque estas pessoas olham o meu corpo, com um significado dentro de um tecido social, isto é o educador físico é aquele que tem que ter a modelagem do corpo por aquilo que se entende como saúde (SANT'ANA, 1995). Ironicamente a última vez que "ganhei" este "elogio" eu estava doente, me sentindo muito mal.

Tudo indica, segundo Sant'ana (1995, p. 78) que a distribuição social da gordura, nos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, mudou radicalmente; "No

\_

<sup>&</sup>lt;sup>37</sup> Letra da música "Aquarela do Brasil", escrita em 1939, por Ari Barroso.

<sup>38</sup> Idem

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> Índice de massa muscular

passado, nesses países os popolo<sup>40</sup> grasso ocupavam os extratos superiores, e o popolo magro, as camadas mais baixas da hierarquia social. Hoje, são os pobres que são gordos e os ricos que são magros".

Entretanto a ironia e a crueldade consiste em observar que a mesma "sociedade que cria os obesos, não os tolera" (TRÉMOLIÉRES apud Sant'ana, 1995 p. 69)). Isto é, as lojas de fast- food com suas comidas pobres em nutrientes e ricos em gorduras se proliferam a cada esquina, a publicidade se incube da atratividade destas comidas, principalmente para o público infantil, que em sua inocência alegra-se com os brinquedos que vem junto a comida (em sua maioria, lanches), no entanto quando este consumidor, criança ou adulto, em resposta a quantidade calórica exorbitante destes alimentos se tornam obesas, a culpam moralmente, como se fossem pessoas sem autocontrole, ignorando completamente o fato que há todo um aparato super-estruturado industrial e mercadológico que os induziram a esta má alimentação e suas consequências.

A noção de magreza como forma feminina é desejável na cultura ocidental, e é interessante observar que até mesmo na Mauritânia<sup>41</sup> que possui como legado cultural uma terrível prática de engorda das meninas (muitas vezes à força) para que possam ter oportunidade de uma ascensão social através do matrimônio, já passou a abandonar esta prática em detrimento, ao novo padrão que os homens agora desejam "Estamos fartos de mulheres gordas aqui" diz o comerciante Yusuf, de 19 anos (GIDDENS, 2012, 281).

Um estudo feito aqui no Brasil, na Universidade de São Paulo referente à imagem corporal de mulheres morbidamente obesas avaliada através do desenho da figura humana, demonstrou comparativamente que entre mulheres obesas e não obesas os grupos se diferiam significantemente em relação a sentimentos de inferioridade, descontentamento, sobretudo apresentam (as obesas) dificuldade de expressar, simbolicamente, sua vivência corporal e sua noção de beleza. (SANTOS, 2009).

Não à toa, Sant'ana (1995, p. 75 e 76) adverte; "na vida cotidiana, o gordo deve transigir com o grupo no qual se insere, sob pena de ser rejeitado" e à menina gorda, estão relegados papéis sociais como "mascote, confidente, saco de pancadas, mas não poderá jamais tornar-se verdadeiramente um membro como os outros; é o preço que se deve pagar para não ser totalmente rejeitada".

\_

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup> Significa "pessoas" no idioma italiano.

<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> República Islâmica da Mauritânia, país situado ao noroeste do continente africano.

Esta rejeição social, que ocorre a partir da estética em mulheres obesas tem implicações sociais graves; um estudo realizado pelo departamento de psicologia da Universidade Yale, nos Estados Unidos, indica que o peso de uma mulher acusada de um crime pode influenciar na percepção de culpa por parte dos jurados homens. A pesquisa, publicada na revista científica "International Journal of Obesity", concluiu que mulheres com sobrepeso tendem a ser consideradas culpadas mais do que mulheres magras por jurados do sexo masculino. Estes resultados foram obtidos após um grupo de 471 pessoas de ambos os sexos e com pesos diferentes analisar uma suposta fraude de um cheque. Fotos de quatro pessoas foram mostradas a eles (um homem gordo, um homem magro, uma mulher gorda e uma mulher magra) para que atribuíssem culpa a cada um em uma escala de cinco pontos. O estudo não encontrou diferenças de percepção de culpa e responsabilidade entre réus do sexo masculino magros ou com sobrepeso. Entre os jurados homens magros, houve ainda a tendência a crer que as rés obesas pareciam ser mais mal-intencionadas e mais suscetíveis à reincidência, em comparação com as observações feitas pelas mulheres magras presentes no júri do estudo, demonstrando neste fato quanto o sobrepeso esta ligado a ideia de mal, coincidentemente ou não o mesmo que ocorre com a feiura. (Jornal Folha de São Paulo, 2003).

Logo, quando o Belo é trazido ao âmbito feminino, percebe-se que a este é conferido status, proporcionando a mulher uma forma de reconhecimento social. Esta beleza, ou belezas, possui uma estrutura rígida dentro da sociedade ocidental, que a normatiza através de códigos encontrados na moda, maquiagem, estruturas de cabelo, etnias, formato e tamanho e peso dos corpos e tais códigos são descritos e repassados através das músicas, filmes, novelas, revistas e jornais, de forma a introjetar um juízo de gosto que atende mais a interesses mercadológicos e ideológicos (da cultura dominante) que a interesses individuais em relação à estética da beleza.

Esta forma de reconhecimento social, se mantém, é almejado, pois ainda a questão iniciada nas primeiras páginas do livro "o segundo sexo" não foram respondidas e se foram não explicaram a maioria das pessoas; "O que é a mulher?"

Percebe-se no mundo contemporâneo um entendimento equívoco do que seja a mulher em sua totalidade, ainda o feminino esta envolto na subordinação, no agradar ao masculino, a enfeitar o mundo, mesmo quando seu papel de construção social já esta estabelecido (não em todos os lugares, nem em todos os ambitos). Este entrave,

pequeno passo a frente, este estar no mundo não pelo outro ainda suprime o feminino, como uma gaiola de ouro, onde o brilho é sedutor e o preço alto demais. (Beauvoir, 1960)

Se hoje a mulher, não tem sua fixação na beleza dos objetos domésticos, como explicou Betty Friedan "no clássico livro "mística feminina", não foi porque o problema da identidade feminina foi de todo resolvido, percebe-se apenas uma troca de procuro dos objetos, agora em lugar de eletrodomésticos a cultura contemporânea do "eu", propõem um novo foco, a moda, a imagem sexy, a beleza das atrizes e modelos, moderadores de apetite, cirurgias plásticas. A mesma procura pela beleza, na tentativa desta conferir uma resposta a pergunta de Beauvoir, afinal; "O que é a mulher?" (BEAUVOIR, 1960; DUARTE, 2006).

## 2.3 Jogo de poder

A estratégia da sedução é o engano (Baudrillard)

O jogo de poder, considerado nesta pesquisa, refere-se diretamente a relação de força que ocorre entre as alunas. Esta relação de força não é física, mas simbólica (através da beleza) e estrutura-se no mecanismo de ação de influência e exercício da dominação sobre a outra. Entretanto necessário compreender que este fenômeno não é intrínseco a este grupo específico ou ao sexo feminino, mas tão somente é a representação microfísica do poder que se constitui o tecido social contemporâneo, isto é, uma sociedade constituída de classe dominante e dominados, não pode ser ingênua e pensar que não ocorrerá de todas suas células reproduzirem este mesmo modelo (Foucault, xxxx).

A sedução através da beleza, isto é a ação de encantar, causar fascínio que as pessoas belas parecem ter em si não há nenhum problema, entretanto a utilização desta mesma sedução como forma de obter vantagens e exercer poder sobre o outro, é algo que se tem como princípio uma sociedade justa, deveria ser repensado.

Quando Baudrillard (ROLLIN, apud Baudrillard, 1991, p. 20) coloca que existe uma espécie de violência "que não tem seu nome nem sua aparência, mas que nem por isso é menos perigosa: a sedução", ele esta tentando explicar a existência de uma dinâmica social, de vítimas e algozes, que nasce primeiramente da auto sedução e suas ocorrências psicológicas.

E, neste sentido, ele recorre ao mito de narciso para explicar:

Ora, no mito narcísico não se trata de um espelho diante de Narciso para que aí ele reencontre idealmente vivo; trata-se do espelho como ausência de profundidade, como abismo superficial que só é sedutor e vertiginosos para os outros, porque cada um é o primeiro a nele precipitar-se. Nesse sentido, toda a sedução é narcisistica, o seu segredo reside nossa absorção mortal. Nisso decorre que as mulheres, estando mais próximas desse outro espelho oculto em que sepultam seu corpo e sua imagem, estariam também mais próximas dos efeitos da sedução (BAUDRILLARD, 1991 p. 78).

O que Carli (2006, p. 06), na tentativa também de explicar o que é a sedução complementa: "o prazer de ver e o prazer de ser visto, exibir-se ao olhar do outro, inerente ao grupo social, é um jogo da sedução. A sedução é um processo de estetização das aparências".

Não é um fato da pós- modernidade a beleza feminina ser vista como uma ferramenta neste jogo da sedução. D''Agostino, (2003 p. 131) lembra que: "Belezas fatais, como a de Helena, tão somente manipulam os poderes peculiares a toda beleza, sempre a se perfilar entre a plenitude e o efêmero, a presença e a ausência, a possessão e a perda, em suma, entre a vida e a morte".

Belezas fatais também encontradas nas Sabinas<sup>42</sup> raptadas pelo rei Rômulo (Roma Antiga) e entregue a força para o deleite sexual de seus homens (soldados) que estavam privados de mulheres. Estes arrastavam as mulheres aos gritos e "muitas se embelezavam com seu próprio medo" (OVÍDIO, 2001, p. 22).

Com (Gautier 1836) pode-se observar que o uso da ideia da beleza feminina, desprende-se da submissão no jogo de sedução em seu conto "A morte amorosa", descrevendo sua personagem Clarimonde como sendo " em vida, a mais bela do mundo", juntamente com "Aquela mulher era um anjo ou um demônio", e por fim nas ultimas linhas deste, aconselhando o leitor; "Nunca levante os olhos para uma mulher, caminhe sempre com eles fixos na terra porque, por mais casto e calmo que você seja, basta um minuto para perder a eternidade."

Esta sedução que ao mesmo tempo causa fascínio causa temor, é superestimulada e pela mesma sociedade é rechaçada. Exemplo claro desta incongruência vem dos Estados Unidos da América, país que exporta para o Brasil, através de seus filmes, a ideia de mulheres sedutoras e fatais e, no entanto a Suprema Corta do Estado de Iowa decidiu em 2012 que os empregadores podem legalmente

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> Mulheres que pertenciam a uma tribo da região central da península itálica. Teriam sido raptadas pelos homens de Roma, o qual as tomaram para suas esposas.

demitir funcionárias considerados muito atraentes e sedutoras. Melissa Nelson, uma funcionária americana foi demitida por ser "irresistível" para seu chefe James Knight, entrou com um processo contra o ex-patrão, mas perdeu a causa, pois sete juízes (todos homens) da corte de Iwoa, decidiram que realmente chefes podem demitir funcionarias atraentes e isto não representa discriminação. (Folha de São Paulo, 2013).



Figura 18 Melissa Nelson

Fonte: <a href="http://classificados.folha.uol.com.br/empregos/1206703-mulher-e-demitida-nos-eua-por-ser-muito-atraente.shtml">http://classificados.folha.uol.com.br/empregos/1206703-mulher-e-demitida-nos-eua-por-ser-muito-atraente.shtml</a>

Este fato ignoro completamente, seja por ser eu de outra cultura e/ou ser mulher, a estrutura racional que levou uma corte a corroborar com a ideia que uma mulher deve ser penalizada por ser atraente e sedutora. Somente lembro-me como paralelo, referências equivalentes em "Malleus Malleficarium", de Spencer no século XV. No entanto, por outro lado as palavras de Baudrillard (1991, p. 78) de repente tornaram-se límpidas; "A pessoa sedutora é aquele na qual o ser seduzido reencontra-se. A pessoa seduzida encontra no outro o que a seduz, o único objeto de sua fascinação, a saber, seu próprio ser todo feito de encanto e sedução, a imagem amável de si mesmo".

O jogo de poder, que ocorre no cotidiano escolar, possui todas essas matizes descritas até então do que venha ser esta relação de força ou como ela se apresenta em diversos ambitos quando observo o mecanismo de ação de influência e exercício da

<sup>43</sup> Manual de perseguição a bruxaria escrito em 1487, por dois inquisidores dominicanos, Heinrich Kraemer e James Sprenger.

\_

soberania sobre o outra, principalmente na quadra entendo ter a minha frente o que Louro (2000, p. 12) descreve:

A demarcação de fronteiras tem importantes efeitos simbólicos, sociais e materiais. É preciso demarcar o lugar do outro – simbolicamente, indicando o que significa estar lá; social e materialmente, excluindo e separando o sujeito que o ocupa. A linha divisória também diz dos limites da identidade hegemônica. Há que notar que, se a identidade normal é a grande referência, ela também se produz tomando o outro como limite e fronteira. Rejeitado ou negado, o "outro" é, ao mesmo tempo, indispensável.

Isto é, quando uma aluna diz a outra que esta não participará do "seu" time, ou ficará de próximo ou manda a outra sentar porque o time já esta completo está demarcando as fronteiras, no entanto esta demarcação nem sempre é tão clara, como a formação de um time proporciona, em outros momentos da aula percebo uma exclusão velada. Apenas a presença do corpo "sarado", as formas evidenciadas pelo jeans justo são capazes de separar silenciosamente as alunas, como se para cada uma tivesse um espaço riscado na arena, seu limite, sua fronteira, que eu podia pressentir, mas não confirmar. Uma aluna, esclareceu o quanto a arena é delimitada, o que foi assustador pois percebi-me alienada do próprio espaço. Perguntei a ela se as meninas consideradas bonitas iam para a escola com roupas diferentes, a resposta: " Só olhar! As meninas bonitas vêm de jeans justinho, pra empinar a bunda quando jogam vôlei, as feias vêm de moletom, são largadas e ficam nas arquibancadas".

O senso comum diz que "uma mulher não se enfeita para o homem, mas sim para causar inveja em outra mulher", o que faz com que as duas orações desta frase sejam tristes e não se confirmem entre a maioria das mulheres, entretanto observo que a figura masculina parece entremear a problemática do jogo de poder entre as alunas, pois como Paris<sup>44</sup>, a eles é dado o poder de sacralizar a beleza também no cotidiano escolar. Com a "confirmação" da beleza pelo olhar do outro, do masculino a popularidade é conferida a aluna. Quanto aos alunos, diversas elementos podem atribuir popularidade, da beleza ao "mau comportamento", da aluna é bem mais restrito.

É no âmbito da popularidade, conseguida através da beleza que o jogo de poder se instala. Parece haver uma segurança exacerbada na identidade individual, como se conferisse um status, onde o outro é um coadjuvante indispensável (LOURO, 2000).

O jogo de poder, estabelecido, isto é quem domina, quem se submete, quem por não se submeter é excluído confere as dominadoras o reconhecimento do grupo social, a que se submete o papel de coadjuvante e as excluídas a invisibilidade.

<sup>&</sup>lt;sup>44</sup>Jovem escolhido pelas deusas, Hera, Atena e Afrodite para eleger qual dentre elas era a mais bela.

### 2.4 Arena

Quando refiro a quadra como arena e digo que quaisquer que sejam suas interpretações, sempre parecem ser adequadas, faço pois a relação sempre me pareceu direta. A palavra arena que em latim significa areia, foi primeiramente utilizada devido a prática de espalhar areia no piso, para absorver o sangue; ainda que pareça fora de propósito ou inadequado tratar uma quadra escolar como um ambiente possível de absorver sangue, a verdade é que isto ocorre. Os esportes coletivos que permanecem como substitutos simbólicos das guerras, das conquistas, das defesas de território, que conservam prioritariamente esquemas táticos fundamentais de uma batalha tem seu espaço legitimizado nas quadras escolares. A professora ou professor de Educação Física, diferente dos demais professores, devido a diferenças contingencias das aulas, necessitam estar sempre em estado de alerta, antecipando em sua mente possíveis acidentes, com o objetivo de evitá-los. Muitas vezes, por mais cuidado que se tenha, os acidentes ocorrem, são os corpos dos alunos que se chocam, uma torção, uma briga, um nariz sangrando e a arena cumpre sua função primeira. Sei que muitos profissionais da educação física escolar, compactuam deste mesmo temor, a responsabilidade pela integridade física às vezes de quarenta alunos (crianças/ adolescentes) em movimento dentro de um espaço delimitado.

Entretanto, nesta pesquisa quando trato a quadra como arena faz pensando em outros dois aspectos de seu significado; como espaço de gladiadores e atores. Gladiadores, pois igualmente como ocorria no passado, onde pessoas disputavam, lutavam entre si, metaforicamente ou não, observo que isto ocorre na quadra escolar sendo que até mesmo o espaço é de uma similaridade espantosa com suas cercas e arquibancadas para o público que forma o envolto. Já quando me refiro a atores, é porque observo as alunas, os alunos e até mesmo eu, representando papeis sociais, construindo nossas histórias dia após dia, entretanto sem muita noção deste fato.

Para entender a complexidade desta colocação da arena e seus atores (quadra e alunos) recorro a Daólio (1994, p.90) que também se refere aos professores de educação física escolar como atores sociais afirmando que "sua prática está ancorada num conjunto de representações cuja base é justamente sua experiência concreta no mundo", o que leva a reflexão que as práticas destes professores ocorrem em virtude da forma que traduzem e filtram os valores sociais.

Importante salientar que esta tradução e filtro de valores ocorre em um momento histórico reconhecido como a crise da modernidade o qual Fensterseifer (1999) situa igualmente a educação física.

A prática que revela a representação do mundo através de valores pessoais que Daólio (1994) se refere, constitui ainda de uma prática que favorece a racionalidade instrumental.

A crise da modernidade, que expos como uma ferida aberta a fragilidade da crença do desenvolvimento como emancipação humana juntamente com a objetividade do conhecimento e principalmente com a sublimação do humanismo, na educação física se fundamenta em seus "aspectos técnico instrumentais mantendo este campo de conhecimento afastado das discussões mais amplas travadas na escola e na própria sociedade" (FENSTERSEIFER, 1999, p. 9).

O cotidiano da educação física ainda possui caráter utilitarista, através do discurso de aprimoramento do corpo, do movimento e das técnicas tão somente, entretanto não se pode mais fechar os olhos e ignorar que estes corpos também representam aspectos da sociedade, pois do contrário nós professores de educação física incorremos no erro brutal dissociando o biológico do cultural. (DAÓLIO, 1994)

Quando comecei a observar mais sistematicamente a dinâmica social de poder, e beleza feminina no cotidiano escolar passei inevitavelmente a enxergar paralelos culturais que remetiam a uma dimensão simbólica de uma representação de mundo que não nascia dentro dos muros da escola, ao contrário era trazido de fora para dentro e sobretudo era maior que a escola era do tamanho do próprio mundo. A partir deste desvelamento, foi possível que meu olhar para o cotidiano contemplasse não mais um cenário fragmentado que consistia até então os eventos, as alunas e o espaço escolar ao meu olhar. Ocorreu de forma silenciosa um processo que Duarte (1994, p.27) esclarece quando explica que o "ato de conhecer é o ato de re-conhecer", isto é somente quando eu enxerguei os mecanismos culturais simbólicos através de valores e normas que as alunas representavam dentro do cotidiano escolar é que pude atribuir um sentido maior, que tão somente "briguinha, disputa entre meninas", ao contrário pude a partir disso conhecer que os sinais que eu enxergava faziam parte de uma totalidade que ultrapassava as barreiras visíveis de uma quadra, o que passei então a conhecer no cenário do meu cotidiano foi a trajetória feminina de opressão que se traduz nos dias atuais em oferecimento através da cultura de papeis sociais ainda restritos a grande

maioria das mulheres, entre estes papéis, encontra-se a beleza como forma de valorização social do feminino.

Quando Daólio (1994, p. 33) coloca que "a natureza do homem é ser um ser cultural, ao mesmo tempo, fruto e agente da cultura" compreendo através deste prisma que a problemática da beleza do corpo feminino e os jogos de poder que ocorrem no cotidiano escolar muito se assemelham a um ouroboro<sup>45</sup> devorando sua própria cauda, em uma relação de sofrimento e angustia com os próprios padrões que cria, as relações de força e competição que alimenta.

A questão de beleza e jogo de poder perpassa as aulas de educação física e mesmo os muros da escola, no entanto é lá, na quadra que estas duas questões encontram um terreno fértil, pois ainda os professores de educação física são levados a crer, através do que aprenderam nos cursos superiores de licenciatura, que o corpo é uma matéria prima que tem que ser lapidada, cuidada, preservada, alimentada, para ser conservada em um bom estado e que sua "função" primeira corresponde a matéria-prima, resumindo o exercício da educação física no ato de preparar esse corpo (matéria prima) saudável para a vida em sociedade (DAÓLIO, 1994). Entretanto o que é este corpo saudável? As revistas



Figura 19 Revistas que se propõem a falar sobre saúde do corpo

Fonte: www.annaluizamorgado.blogspot.com/ttp://www.mantraestetica.com.br/blog/?p=108 e www.ofuxico.terra.com.br

\_

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> Símbolo de uma cobra ou dragão que devora sua própria cauda.

principalmente direcionadas ao público feminino parecem tentar explicar: "barrigas chapadas" e corpo magros em uma semana.

Não é a toa que algumas das alunas pareçam se portar em quadra como se ali fosse um ambiente de exposição e rivalização dos seus corpos, a construção cultural do que venha a ser saudável e que por sua vez a educação física deva trabalhar, a muito tempo esta corrompida por ideais de corpos que atendem muito mais uma necessidade de vender produtos que afirmem um padrão hegemônico, que uma abordagem humanística do que venha ser saúde e qual e quais as dimensões reais da educação física escolar. Ainda por este prisma Daólio (1994 p. 78-79) lembra que:

A educação física atual pretende aprimorar o corpo, levando-o à perfeição da técnica, para, por meio dele, alcançar um tipo de eficiência característica capitalista, tida como base do potencial da nação e da construção de seus cidadãos [...]pensando o corpo como perfeição da técnica, chega-se, portanto, à ideia de corpo eficiente, num duplo sentido: mecânico, por um lado, de manutenção de uma máquina perfeita, por outro lado, social, de cumprimento das regras que a vida m grupo exige, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da sociedade.

O que Louro (2000), seguindo a crítica de Daólio (1994) completa; a "educação física faz do corpo e de seu adestramento o foco central de seu agir".

Esta compreensão capitalista, que a educação física ainda incorpora no cotidiano escolar, percebido no enaltecimentos dos melhores, dos que vencem, nos que superam aos outros, por certo não terá uma mudança proveniente através de meios legalistas, mas sim, somente ocorrerá como reflexo de uma sociedade principalmente acadêmica em um processo o qual Daólio (2010, p 72) descreve como "lento, denso e tenso de debates, posicionamentos, proposições, avanços e recuos" que dispostos a discutir o papel real da educação física escolar e dentro deste tema verificar e decifrar os significados da prática educacional no mundo contemporâneo.

A última questão desta pesquisa, que pergunta como uma professora ou professor percebendo o jogo de poder através da sedução pela beleza no cotidiano escolar deve lidar frente a esta realidade, consiste na verdade em um questionamento mais profundo, a necessidade de nós professores e pesquisadores da área educacional (principalmente da educação física) efetivar um processo de identificar, conhecer e analisar o nosso cotidiano escolar, tendo como ponto norteador as diferenças culturais existentes em nossa sociedade, para enfim construir pontes de compreensão entre o cotidiano escolar da educação física e a cultura contemporânea. (ALVES, 2003).

Neste tocante sou levada a lembrar o meu próprio processo de compreensão da prática educacional frente ao cotidiano escolar. Há oito anos quando pela primeira vez na vida enfim lecionaria, tendo em mãos apenas cópias dos meus documentos e diploma do curso de educação física, que naquele momento não aplacavam minha insegurança e meu temor maior que era se realmente eu estava apta a dar aula, entrei para o meu primeiro dia de trabalho. No bolso da jaqueta, três folhas de papel dobrado, em cada um, um plano de aula, já prevendo que alguma coisa poderia dar de errado; ou as crianças não gostassem das minhas atividades, ou pior não gostassem de mim.

As professoras de educação física, não tinham autonomia com os alunos (ensino fundamental I), deveria ser acompanhada pela professora da sala, o que causava um sentimento de incapacidade, era como se eu precisasse ser tutelada. Acompanhada pela professora Márcia e por mim, as alunas e alunos da primeira série desceram para sua primeira aula de educação física desconhecendo o fato que era a primeira vez pra mim também. Sentamos em roda, a professora sentou na arquibancada e ficou observando. Comecei com uma dinâmica de apresentação, tentando decorar os nomes daquelas crianças tão pequenininhas a me olhar com tanta curiosidade. Quando iniciou um vento forte e em questão de segundos uma tempestade torrencial, ouvimos um barulho forte das calhas partindo ao meio, águas de cima caiam na quadra sobre o chão, pedi que levantassem, e ficassem juntos dentro da linha do meio campo junto à professora, subi na arquibancada na tentativa de gritar para que alguém arranjasse um guarda chuva para poder tirar as crianças de lá, quando meus gritos foram ouvidos, o vento que já era forte aumentou, percebi que o buraco de esgoto aberto que fica junto à escada não era mais possível se ver e tudo era uma cachoeira de água escura, suja e fétida. Minha única passagem agora escoava água do esgoto e eu não tinha visualização alguma do percurso e seus degraus quebrados. Voltando encontrei as crianças abraçadas junto à professora que dizia que não era pra gritar que a chuva já ia passar, foi quando o vento destelhou parte da quadra transformando a cobertura de alumino pesada, quase em uma folha de papel que dobrada quebrou, atingindo o canto da quadra, como se o teto todo pudesse cair sobre as nossas cabeças, neste momento o diretor atrás de uma grade alta que divide a quadra do pátio, jogou um guarda chuva peguei e comecei a retirada das crianças, carregando uma a uma no colo, atravessando o esgoto da escadaria enquanto a professora Márcia segurava o guarda chuva. Aproximadamente trinta alunos eu carreguei no colo naquela tarde de tempestade. Quando terminou, subi na sala, onde

todos se encontravam e olhando seus chinelos e tênis enfileirados secando e eles enxugando os pezinhos com folhas de jornal, meu coração se condoeu de tal forma, e neste momento a professora Márcia disse; o importante é que as roupas estão secas, não ficarão doentes. Eu que tinha tanta expectativa para aquele momento, que havia preparado uma aula onde poderia trabalhar com a movimentação das articulações com o objetivo de propiciar a movimentação do líquido sinovial, começava aí, a descobrir que o meu cotidiano era bem diferente daquele aprendido nos quatro anos da faculdade, o mundo era bem diferente daquele que eu tinha imaginado. Relato este acontecimento, pois, os desdobramentos após ele, parecem ser infinitos e de certa forma me obrigaram a procurar significados além do que meus olhos pudessem enxergar no dia a dia. Chamava isso das "coisas ocultas", não sabia até então que havia estudiosos, que falavam, discutiam escreviam sobre isto que achava que só ocorria na vida dentro daquela escola; o nome que após seis anos descobri; cotidiano escolar.

Este episódio se transformou em uma piada entre eu e os alunos que vivenciaram este dia, rimos sempre que nos lembramos da nossa recepção na escola, nosso primeiro dia, onde o céu caia sobre nossas cabeças. Enquanto outras pessoas podem contar que foram passear dentro da escola para conhecer, ou tiveram uma festinha de recepção nós atravessamos um "mar de esgoto" para nos salvar das telhas que caiam sobre as nossas cabeças. Quando de brincadeira me zango com eles digo: "olha que já te carreguei no colo, hein", hoje, eles cursando já o ensino médio dão risada e sempre me lembram de que estão grandes e eu não conseguiria mais "salvá-los". Não salvei antes e não posso salvá-los agora, meu papel social é outro, que venho em um processo lento tentando desenhar solitariamente. Sobre este episódio, mais uma coisa é necessário lembrar, creio que por termos vivenciados juntos um momento de tanto medo e impotência. Uma relação de confiança e cumplicidade nasceu entre eu e as alunas e alunos. Percebo que alguns me procuram para conversar, às vezes pra ser uma intermediária que possa salválos das confusões que se metem, ou correm pra quadra pra se esconder de alguma coisa, e de alguma forma ensinam os outros alunos que não estiveram na tarde da tempestade que eu posso ajudá-los de alguma forma. Sinto-me honrada e por vezes isto pesa sobremaneira, pois sou obrigada a responder coisas que não sei, ouvir misérias humanas inimagináveis, imaginar mundos que desconheço, aprender rápido códigos morais que não são os meus, e isto ocorre entre preencher um diário de classe (que pede descrição de conteúdo, sinais de "c" para presença e "f" para faltas, notas de 0 a 10) uma quadra e geralmente uma bola.

E finalizando este episódio, devo afirmar que o desdobramento maior, foi o encaminhamento ideológico pessoal que os acontecimentos do meu cotidiano, que até então não sabia que assim chamava, me obrigaram a percorrer; nas poucas informações que conseguia quase que como garimpando em um terreno totalmente desconhecido, acreditei ter encontrado que minha prática deveria ser pautada pelo humanismo<sup>46</sup>, foi quando iniciei o mestrado em Educação e através dos questionamentos dos meus mestres entendi que o caminho seria mais longo e mais complexo que até então tinha imaginado. Quando nos primeiros dias de aula não só o próprio conceito de educação foi questionado como o conceito de humanidade, o que um pouco adiante Gallo (2006, p.252) discorrendo sobre este mesmo questionamento, observa que "fazer um elogio ao homem, de sua dignidade, estamos fazendo tão somente um elogio de conceito, de uma ideia, de uma imagem do homem desgastada", e este movimento filosófico o qual a educação escolar, se não pautou de todo, tentou implantar, não responde mais a educação no mundo contemporâneo que foi pensada em sua origem exclusivamente no âmbito da filosofia. Uma nova proposta para a educação mais igualitária e que pudesse responder as questões educacionais do hoje, vislumbra a confluência e intersecção de três potências do pensamento a filosofia (permanecendo), a arte e a ciência como fundamentos de uma nova educação (GALLO, 2006). Quando trago esta reflexão filosófica para o âmbito da realidade do cotidiano escolar percebo que toda estrutura fundacionista da educação física, necessitaria se desejasse percorrer este caminho travar um processo de profundas transformações. Apenas para exemplificar, o quanto a realidade atual está distante desta perspectiva contemporânea para educação esclareço os processos corriqueiros que proporcionam por si só, mostram a medida de dois pontos e o longo segmento que os separa; a educação física cabe em uma perspectiva imagética no cotidiano escolar, como arte ensaiar quadrilha, apresentações de dança para os dias das mães, as discussões filosóficas pautadas mesmo como ponto de partida nos esportes, são rechaçados pelos alunos, que interrompem a todo o momento a linha de raciocínio para perguntar quando iremos para a quadra jogar bola, e a ciência, como produção de conhecimento dentro deste contexto torna-se inimaginável.

-

<sup>&</sup>lt;sup>46</sup> O humanismo foi um movimento que objetivou colocar o homem no centro das preocupações e dos debates, fazendo a defesa das capacidades humanas em especial a racional.

Neste cenário social que estou inserida, entendo hoje, como várias camadas, dimensões interligadas que ocorrem ao mesmo tempo, tenho a compreensão que minha prática pedagógica e a construção subjetiva estão entremeadas nesta colcha de retalhos, chamado de cotidiano escolar. Nossas (minhas e dos alunos) experiências de vida e aprendizagens cotidianas não estão nas apostilas, não aprendi na faculdade e não posso qualificar em número de 0 a 10 no final de cada semestre. O fazer docente na educação física é de uma beleza rara, "para aquele que gosta de gente", mencionando uma antiga professora (Íris) que nos avisava quase como um alerta, quando crianças dizíamos que também seríamos professoras como ela, mas por amá-la do que por entender o real significado do que falávamos. Mas esta beleza da educação física, não esta na facilidade da abordagem, por ser a professora ou professor mais amado da escola, por ser uma disciplina que tem liberdade, por todos os alunos amarem fazer educação física, pois isto é uma falácia e quem incorre nela, se frustra, constrói caminhos equivocados, não se enxerga e não enxerga o outro. A beleza vive na hora pouca onde se pode observar que nas mínimas condições de liberdade, que a matéria e espírito procuram igualmente por espaços de fuga, na tentativa de derrubar toda e qualquer muralha que o impeça de ser completo e não um "espírito descorporificado" (LOURO, 2000). Tenho como norma pessoal não usar apitos na aula, como forma de silencia-los, preparo-me emocionalmente para adentrar a arena, onde algumas vezes o barulho dos gritos e a correria inicial são imensos, assim faço por entender que a euforia, é uma resposta a tanto aprisionamento. Entretanto este é o meu olhar, a minha visão de mundo, que segundo Oliveira (2007) são sempre parciais.

#### 3 DESENHO DO ESTUDO

As etapas do processo desta pesquisa foram sendo desenhadas paulatinamente, em decorrência das necessidades de decidir qual o melhor método de coleta de dados, a interpretação bem como sua avaliação.

Ao ser defrontada a uma esfera permeada de subjetividade, entendi que este caminho deveria ser construído e delimitado por um desenho, o qual fosse meu norte e, sobretudo que fosse "um processo contínuo de construção de versões da realidade" (FLICK, 2004 p.25).

## 3.1. Material e Metodologia

Esta pesquisa é eminentemente qualitativa, tendo como suporte teórico o interacionismo simbólico. Segundo Flick (2004, p.28), a pesquisa qualitativa é orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas e seus contextos locais.

E no que se refere a abordagem, inicialmente tive dúvidas de qual perspectiva melhor se adequaria ao contexto da pesquisa, meu conflito correspondia a opção de seguir pela fenomenologia ou pelo interacionismo simbólico, uma vez que ambas as abordagens possuem proximidade com esta pesquisa. A proximidade da pesquisa com a abordagem fenomenológica se dá no tocante, a origem que ocorre através da intuição e a leitura do real é subjetiva.

Não por eliminação, mas por entender que obteria mais subsídios a esta pesquisa escolhi a perspectiva do interacionismo simbólico na pesquisa de campo, pois esta se adéqua melhor ao contexto da pesquisa uma vez que contempla a atribuição de significados.

O interacionismo simbólico por sua vez, prevê a importância dos significados subjetivos que os indivíduos atribuem às suas atividades e seus ambientes, e a partir disso há três premissas; 1º os seres humanos agem em relação às coisas com base nos significados que as coisas têm para eles, 2º os resultados das coisas resultam da interação social que se tem com o outro 3º os significados dessas coisas provem de um processo interpretativo. Consequência disso é que as diferentes formas com as quais os indivíduos, no caso minhas alunas, revestem de significados os objetos, eventos e experiências, formando assim a partida central para esta pesquisa.

Segui também os métodos indicados nesta abordagem, tal qual entrevista com dois grupos focais, foto-elicitação, análise de imagens e caderno de anotações. A triangulação será utilizada a fim de proporcionar diferentes dados, para minimizar possíveis visões tendenciosas da minha parte e conferir validade em relação aos procedimentos metodológicos.

Quanto ao número de alunas que participaram da pesquisa, variou inicialmente de quinze a vinte alunas, entretanto ficou em aberto este número, pois qualquer aluna que desejasse participar seria aceita. Entretanto, o número de alunas analisada corresponde a dez alunas, devido a ser uma quantidade relevante para o entendimento da pesquisa e também realista para a execução de uma análise minuciosa que demandou um tempo considerável. Estas dez alunas foram divididas entre cinco que mais tiverem características de líderes na aula de educação física e cinco com menos características de líderes. Os dados referentes as demais alunas foram utilizados de acordo com sua importância para esclarecer fatos, corroborar, pontuar, de acordo com a formação teórica da pesquisa.

### 3.1.1 Instrumentos e procedimentos

Para a coleta de dados utilizei sete instrumentos:

Tabela 4 Instrumentos da coleta de dados

N º	INSTRUMENTOS	OBJETIVO/JUSTIFICATIVA	QUESTÃO DE
			PESQUISA
1	Fotografia	Obter imagens das alunas/ para	Com as alunas veem a
		saber como elas se mostram ou	si mesmas em relação
		desejam se mostrar para o outro	à sua beleza?
2	Foto-elicitação –	Descobrir quais são as imagens de	Com as alunas veem a
	(primeira fase)	si que escolhem e quais as que	si mesmas em relação
		não escolhem /para saber quais as	à sua beleza?
		imagens que preferem mostrar de	
		si e quais preferem ocultar.	
3	Entrevista com a	Revelar os motivos que levaram	Com as alunas veem a
	aluna fotografada-	as alunas a escolher as duas	si mesmas em relação
	(segunda fase)	imagens que mais gostaram e as	à sua beleza?

		três que não foram escolhidas/	
		para saber a motivação pela	
		preferência e deferência da	
		escolha de suas próprias imagens	
4	Entrevista com a	Revelar o olhar do outro sobre a	Como as alunas são
	aluna fotógrafa	imagem pessoa e descobrir se a	vistas pelas colegas,
		imagem que as alunas tentam	com relação à sua
		passar corresponde de fato/ fazer	beleza
		um paralelo entre o que se mostra	
		e o que se vê.	
5	Grupo focal	Descobrir padrões de beleza e	As alunas utilizam a
		possíveis utilizações para	beleza como forma de
		obtenção de vantagens destes, na	sedução? Caso
		aula de educação física;	afirmativo, de que
		dominação, intimidação e	maneira isso ocorre,
		submissão	nas aulas de Educação
			Física? Esse jogo de
			sedução e poder traz
			resultados?
6	Diário de campo	Construção de um paralelo,	Padrões de beleza e
		segundo a visão da pesquisadora	dinâmica de poder e
			subjetividade
7	Análise das fotos	Desvelar corporeidade subjetiva	Padrões de beleza e
	selecionadas pelas		dinâmica de poder e
	alunas fotografadas		subjetividade.
	l .		

Os instrumentos acima foram utilizados de acordo com os seguintes procedimentos:

**Tabela 5 Procedimentos dos instrumentos** 

N º	INSTRUMENTOS	PROCEDIMENTOS	
1	Fotografia	Em duplas, as alunas tiram cinco retratos em série, da	
		forma que quiserem em qualquer lugar dentro da escola	

		uma da outra, sem a interferência da pesquisadora.	
		Emprestarei minha câmera fotográfica digital e ensinarei	
		como manusea-la. Será disponibilizado cinquenta minutos	
		(uma aula) para que o grupo tire as fotos, caso haja	
		necessidade de mais tempo, haverá a opção de negociação.	
2	Foto-elicitação	Depois de impressas as fotos serão disponibilizadas	
		primeiramente as alunas fotografadas que serão convidadas a	
		escolher entre as suas cinco fotos, duas que mais gostarem.	
		Depois estas mesmas cinco fotos serão entregues a aluna	
		fotógrafa o qual também escolherá entre as cinco fotos duas que	
		mais gostarem. Estas fotos serão marcadas no verso, de acordo	
		com a preferência das duas alunas (fotografadas e fotógrafas).	
3	Entrevista com a	A pesquisadora então perguntará a aluna fotografada (tendo as	
	aluna fotografada	cinco fotos dispostas, sendo duas demarcadas como sua	
		preferência e as outras três não escolhidas:	
		a) Por que você escolheu essas duas fotos?	
		b) Por que não escolheu as demais fotos?	
		c) O que estas fotos revelam de você?	
		d) Você acredita que as imagens mostram o que você quis	
		dizer?	
4	Entrevista com a	Em seguida (também individualmente) as mesmas cinco fotos	
	aluna fotógrafa	serão mostradas as alunas fotógrafas que igualmente serão	
		convidadas a explicar as duas fotos que por sua vez escolheram	
		como as melhores e as outras três que não escolheram.	
		A pesquisadora então perguntará a esta aluna - fotógrafa:	
		a) Por que você escolheu estas duas fotos?	
		b) Por que não escolheu as demais fotos?	
		e) O que estas fotos revelam dela?	
		Obs: ambas não conhecem as escolhas de cada uma.	
5	Grupo focal	Grupo focal com dois grupos (dez alunas cada) de duas	
		salas distintas, onde serão colocadas através da	
		pesquisadora- mediadora questões sobre a beleza com o	
		The Table of the Control of the Cont	

		objetivo de fomentar um diálogo reflexivo entre as alunas.	
		As questões tem como objetivo elucidar o que as alunas	
		entendem por beleza, as possíveis vantagens que a beleza	
		pode auferir nas aulas de educação Física, tanto como	
		possíveis intimidações;	
		a) O que é a beleza?	
		b) Quais as características de uma mulher, moça bonita?	
		c) Existe vantagem em ter beleza? Se há, quais são?	
		d) Existe vantagem em ser bonita, na aula de Educação	
		Física?	
		e) Alunas bonitas intimidam? Caso sim, como? Essa	
		intimidação lhes parece proposital ou natural?	
		Supondo que haja silêncio, não participação de algumas	
		alunas, ou algum indicio de intimidação no transcorrer do	
		grupo focal, a pesquisadora realizará um segundo grupo	
		focal com as alunas que não se manifestaram, ou	
		manifestaram pouco no intuito de entender a decisão por	
		não se manifestar;	
		a) Por que pouco se pronunciaram ou nada falaram?	
		b) Há alguma questão que ainda queiram discutir,	
		discordar ou complementar?	
6	Diário de campo	Anotações da pesquisadora, no transcorrer da pesquisa de	
		campo e paralelos com o cotidiano da educação física.	
7	Análise das fotos	Através da teoria semiótica de Roland Barthes. (vide item	
		3.4, abaixo)	

#### 3.2. Análises dos dados

Os dados coletados serão analisados através de pinçamento da ação discursiva das alunas e visual através das fotos utilizando uma abordagem simplificada daquela proposta por Barthes (2005).

Quanto à ação discursiva, será utilizado o método hermenêutico através da análise narrativa das alunas, na tentativa de "não deixar escapar a experiência dos atores envolvidos no processo" (HERMANN, 2003, p. 84).

Já a abordagem semiótica se justifica devida a necessidade da pesquisadora tentar entender e esclarecer o processo de significação das poses das fotografias coletadas. E em uma dimensão mais profunda, dar um passo a frente à compreensão que Alves (1991, p. 02) propõem, quando esclarece; "Por muito tempo, em uma sociedade que foi formada em torno do sentido da visão e da perspectiva, não se teve *clareza* da importância da imagem para a compreensão e o conhecimento da realidade".

A fotografia como instrumento de pesquisa, proporcionando compreensão e conhecimento da realidade tem em Barthes seu defensor (2002, p. 197):

A foto, como a palavra, é uma forma que quer dizer de imediato alguma coisa. Nada posso fazer: sou obrigado a ir ao sentido -pelo menos a um sentido.O estatuto desses sistema é paradoxal: a forma só se põe para ausentar-se em proveito de uma realidade suposta- o da coisa dita ou da coisa representada.

O que Baudrillard, (2002, p.193) conclui; "A fotografia é um texto, ou seja, uma meditação complexa, extremamente complexa, sobre o sentido". E é sobre esta complexidade de sentido que repousa a hipótese desta pesquisa que prevê que as alunas fotografadas reproduzem os maneirismos de modelos e atrizes cujo as fotos circulam maciçamente em várias mídias, e que são introjetados de forma não consciente e acompanhados da sensualidade típica de muitas dessas fotos de atrizes e modelos. Em outras palavras, quando a pessoa não tem proteção através da leitura crítica maior parece ser a possibilidade de assimilar o que esta envolta dela e aquele entorno passa a ser o padrão.

Para a análise das fotos utilizarei o roteiro abaixo, que é uma simplificação da proposta teórica de Roland Barthes, (2005) mas que parece ser útil dentro do escopo desta pesquisa.

Importante salientar que serão descritas estas análises em apenas quatro fotos, que correspondem à primeira aluna que possui um discurso mais agressivo e a primeira

aluna que possui um discurso menos agressivo. Este procedimento não inviabilizará a compreensão do conjunto de imagens, pois previamente observou-se que as características visuais se repetem, tornando redundante a análise de todas as fotos.

Tabela 6 Roteiro para análise das fotografias

Objetivos da análise:	a) entender o que as imagens representam e
	como o fazem.
	b) descobrir que ideias e valores as alunas
	representadas trazem.
Procedimentos:	a) 1ª Instância- Sentidos Denotativos;
	b) 2ª Instancia- Sentidos conotativos;
	c) Efeitos de sentido por similaridade e
	contiguidade;
	d) Efeitos de sentido pelas presenças e
	ausências

Como exemplo de aplicação do roteiro acima, ensaio uma leitura da foto da artista contemporânea pop Lady Gaga, já mostrada no inicio desta dissertação.

HILE PANE CHICS

Figura 20 Lady Gaga - capa da Vogue

Fonte:

## a)Primeira instância- Sentidos denotativos (informação referencial)

Lady Gaga esta centralizada na capa da revista Vogue; mulher loira, idade aproximada 25 anos; toda em vermelho, até a pele possui uma coloração avermelhada, vestida parcialmente com carne bovina, lábios pintados com batom vermelho, olhos demarcados com maquiagem preta.

Possui duas tatuagens, uma no antebraço esquerdo e outra na região da cintura também do lado esquerdo. Ela esta posicionada em um espaço fotográfico cujo fundo é branco indistinto. A revista Vogue possui capa branca, o título em preto proporciona o contraste no fundo, isto é a foto prima em mostrar o contraste, a mulher que já é branca em um fundo branco, toda coberta de vermelho, carne, valorizando a roupa A cor preta refere- se à marca da revista e o resto é branco pra dar o contraste. A cor vermelha predomina, sendo que cor da maquiagem da boca é vermelha para causar efeito de similaridade com a cor da carne que ela veste.

A imagem de Lady Gaga interage de forma ambígua, seus olhos não olham para ninguém especificamente, mas para todos em potencial, seu olhar esta acima do horizonte, ela esta tentando interagir com o maior número de pessoas não com alguém especial.

## b)Segunda instancia- Sentidos conotativos (informações subjetivas e abstratas)

Refere-se aos elementos que não foram mostrados nas fotos, isto é, os fundos que de propósito foram tirados, para a mensagem ser focada na mulher seminua, vestida de carne crua, que desperta apetite, suscitando o primitivo, o apelo sexual forte, a carne por sua cima da pele, o máximo da exposição de um corpo.

O instinto primitivo de comer, devorar a carne, como a carne que se mistura com a questão do sexo, transmite uma mensagem forte de erotização.

## c) Sentido construído por similaridade (por ser parecido)

A posição de Lady Gaga é constituída de figuras geométricas que a princípio podem passar despercebidos; triângulos nos braços, nas pernas causando um efeito harmônico ao observar a imagem, tanto quanto nas formas negativas que correspondem ao triângulo, entre as coxas. Entretanto esta imagem tem como maior similaridade o foco na cor vermelha em correspondência direta com a expressão; "sangue paixão".

## Sentido construído por contiguidade (por estar próximo)

O sentido que esta próximo nesta imagem é a carne por sobre a carne, que reforça o sentido da exposição da fome, da facilitação, afinal quando vestimos roupas nos escondemos, entretanto a imagem mostra que ao vestir a roupa é como ela estivesse nua, tão nua que mais do que a pelo seu próprio interior estaria exposto. O efeito de sentido que as formas trazem, da carne sobre a carne, pode ser compreendido como possível de devorar.

## d) Efeitos de sentido pelas presenças e ausências.

Tudo o que tentamos fazer com a linguagem é construir sentido dar sentido, mas todas as escolhas podem ser linguagem verbal ou visual, elas são motivadas pelas nossas concepções ideologia e pelo contexto. O fato de não dizer é tão valioso como o fato de dizer porque a escolha e não escolha é a face da mesma moeda e tanto uma quanto outra são extremamente valiosas significativas. O leitor que não é leitor não analisa o ausente só o presente, o que esta lá, o que esta dito.

## 4 CONTEXTO EM QUE SE REALIZOU O ESTUDO

Conforme foi explicado no capitulo anterior serão utilizados oito instrumentos para coleta de dados, envolvendo cerca de vinte alunas (número varia de acordo com entrega das autorizações) das quais serão selecionadas dez para o corpus da análise.

Passo a seguir, descrever a realização da coleta de dados e as análise dos dados coletados:

A escola que efetuei a pesquisa de campo, é uma escola estadual, pertencente a diretoria de ensino de Votorantim. Situada na cidade de Salto de Pirapora – SP, no bairro jardim Bandeira, logo se avista a escola ao alto, chegando à cidade, ainda estando na rodovia João Leme dos Santos.

A escola atende alunos moradores dos bairros entorno; Jardim Bandeira, Jardim Cachoeira e Jardim Paulistano e esporadicamente alunos do Bairro Teixeira.

A escola adotou, no ano passado, sala ambiente, logo os profissionais de educação física, possuem uma sala onde ministram aula teórica e a quadra, onde ocorre a aula prática. No entanto devido a uma reforma geral na escola, que iniciou nas férias de julho de 2012 e se estendeu até o mês de janeiro de 2013, a quadra ficou interditada, obrigando assim que as aulas práticas ocorressem em outro lugar, no caso, o local foi uma praça próxima à escola, onde fica também o terminal de ônibus do Bairro.



Figura 21 Quadra na praça do terminal Bandeira

Fonte: Arquivo pessoal

A pesquisa inicialmente se realizou com duas turmas, 7ª série D e o 8º ano A e B do ensino fundamental. Escolhi especificamente estas séries, pois a dinâmica social da sala era bastante delimitada em relação aos jogos de poder e de beleza.

# 4.1. Procedimentos para coleta de dados

Quando comecei os primeiros contatos e procedimentos, explicando do que tratava a pesquisa, a notícia se espalhou e passei a ser abordada pelas demais alunas de outras séries, questionando o porquê não terem sido convidadas a participar também.

Algumas vezes, não sabendo do que tratava minha pesquisa, tendo informações repassadas por terceiros de forma errada, muitas alunas chegavam a mim perguntando se era um concurso de beleza de educação física e se podiam participar.

Esclarecendo sempre do que tratava a minha pesquisa, aceitei fazer a mesma com mais três salas e uma aluna da 6ª C. A qual em 2012 pela primeira vez não foi minha aluna. Ambarina, desde que chegou com seus sete anos incompletos à escola, sempre por todos foi considerada uma criança linda; colegas, funcionários e professores.

Loira de olhos azuis, Ambarina fez um percurso escolar sempre causando admiração por sua beleza. Mesmo na ocasião da pesquisa de campo não sendo eu a professora dela, os anos anteriores proporcionaram uma proximidade que faz Ambarina, em aula livre, descer a quadra e participar das minhas aulas com outras turmas. Dentro deste contexto a convidei também a participar. Aceitando, coloquei junto com a 7ª D, o que foi, providencial, uma vez que só entendi que havia naquele momento, uma discussão velada entre as duas alunas mais dominantes da sala, através dela.



Figura 22 Ambarina

Fonte: Arquivo da pesquisa

### **4.1.1 Fotos**

Iniciei efetivamente a pesquisa de campo com a 7ª D, tendo aqui que confessar que quase desisti de realizar a pesquisa junto a essa sala, pois tudo dava errado. No entanto agradeço por ter persistido e principalmente ter entendido rapidamente que aquilo que eu julgava "errado" dentro de uma pesquisa, era na verdade um valioso material de análise, que por sua vez só refletia com fidedignidade a realidade que todas nós (professora e alunas), estávamos inseridas. O primeiro "erro" que me deparei foi quando pedi que as alunas fizessem duplas e tirassem as fotos uma das outras em

qualquer lugar da escola. Marquei em uma folha os nomes de todas as duplas, dei a minha máquina fotográfica com a clara observação que eram cinco fotos de cada somente e de forma alguma apagassem as imagens. Quando retornaram, fui verificar e constatei que apenas uma dupla tinha se mantido, o restante desobedeceu totalmente à ordem dada. Pensei comigo: "pronto está tudo errado!" Como terei o olhar, a reflexão de todas sobre as fotos? Havia outro fato: Entre tantos lugares na escola por que todas tinham ido sem exceção tirar fotos no banheiro? E por fim como explicar que a mais tímida dentre elas, tinha pousado de forma tão sensual? Pensei em repetir, consertando os "erros". Totalmente desiludida, vendo as fotos perguntei a elas, se acaso eu não tinha sido clara, se eu não tinha marcado os nomes das duplas, não tinha explicado como manusear a máquina fotográfica neste momento Calipso<sup>47</sup>, uma das alunas deu a resposta que eu precisava ouvir naquele momento. "Você falou, mas a Tétis<sup>48</sup> quis tirar as fotos! Por sua vez, Tétis, na defensiva disse que tinha tirado porque nas fotos anteriores elas estavam muito feias. Eu perguntei onde estavam estas fotos anteriores, claro que não foi surpresa descobrir que elas apagaram. Respirei fundo e neste momento silenciosamente me perguntei por que eu tinha achado que ia ser diferente, afinal só porque eu precisava que tudo fosse "certinho", não faria elas agirem de forma diferente do qual estão habituadas. Eis a chave do entendimento, a estrutura social estabelecida pelas alunas é tão indissociável, que continuaram a reproduzir suas ações de acordo com estes mecanismos de controle, associações e consentimentos. Nada diferente do que ocorre na quadra, quando dentro de um jogo dou uma ordem, mudando as meninas de posição ou time, não há discussão, parecem acatar, no entanto basta que eu me distancie e a ordem é reformulada por uma aluna ou duas alunas e todas aceitam.

Quanto a irem todas ao banheiro, um fato chamou a atenção, a justificativa foi que lá teriam mais privacidade e que o banheiro era o lugar onde ficava o espelho. Questionei que não havia mais nenhum espelho no banheiro, alguém tinha quebrado. Elas explicaram que foi de tanto ficarem beijando o espelho, uma aluna menos cuidadosa deixou que ele caísse e quebrasse, o que tinha deixado todas elas com muita raiva da menina. Mas lá, elas se lembravam do espelho, e era como se ele estivesse lá e pudessem se ver. Quando dei conta que a maioria das alunas se dirigiram ao banheiro para se ver em um espelho que não existia... Pensei que realmente eu deveria estudar

-

<sup>47</sup> Na mitologia grega é uma ninfa do mar que vivia em uma gruta.

<sup>&</sup>lt;sup>48</sup> Na mitologia grega era a mãe das oceanides (ninfas do mar), personifica a fecundidade das águas. Sempre é representada como jovem, bela, sobre uma concha, puxada por cavalos brancos.

mais! Mas naquele momento apenas ressoava uma lembrança longínqua, do poema "Retrato" de Cecília Meireles<sup>49</sup> que no derradeiro traçado das linhas se pergunta: "Em que espelho ficou perdida a minha face?". Tão perfeita se fez esta pergunta neste momento que de certa forma pensei ser este um bom caminho a se trilhar na tentativa de entender esta presença tão profunda na sua mais concreta ausência.

Ouanto à aluna Tálassa<sup>50</sup>, reconhecidamente tímida pelo grupo, me surpreendeu com uma foto sensual, com a blusa levantada, no momento não entendi, entretanto quando da elicitação das fotos da mesma, muito se esclareceu.

Na primeira tentativa de fazer o grupo focal com as alunas, um novo golpe em meu ânimo, primeiro porque não tinha salas para poder ir com elas, tendo que ficar na quadra sob olhares curiosos dos alunos e dos pedreiros que aos montes andavam para lá e para cá. Quando achei um canto perto da árvore, perto do muro com mais privacidade, e pedi aos alunos que estavam jogando futsal para que fizessem o mínimo de barulho durante uns quinze a vinte minutos, pois eu iria gravar a conversa e liguei a minha câmera, um caminhão lentamente começou a subir a rua lateral da escola e com o alto falante ligado gritava em uma voz engraçada berrava: "Venha minha senhora, comparar a laranja, Olha a laranja, olha a laranja... Laranja deliciosa". Todos caíram na risada e ainda ouvi um "conselho" de um aluno que saiu do jogo só para dizer que eu deveria da próxima vez combinar silêncio é com o vendedor de laranjas!

Marcado o grupo focal para o dia seguinte, para a minha alegria consegui uma sala e uma filmadora melhor que a minha, da própria escola. A alegria durou pouco, pois uma britadeira começou um barulho tão forte que os vidros das janelas tremiam, mal podíamos ficar na sala sem tampar os ouvidos e descobri que a filmadora não estava funcionando.

Neste dia tive que rever se de fato eu era realmente uma pessoa otimista. Por fim quando consegui fazer o grupo focal com essa turma, descobri no meio do processo que as duas alunas que possuem características de dominação (Réia<sup>51</sup> e Tétis) estavam brigadas e suas respostas e colocações na verdade eram direcionadas uma a outra, enfim eu estava mediando uma discussão pessoal entre elas. Resolvi não mudar nada, ir até o final com elas, nada absolutamente nada, de diferente do que acontece todos os dias.

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup> Cecília Benevides de Carvalho Meireles, poetisa, pintora, professora e jornalista brasileira.

<sup>&</sup>lt;sup>50</sup> Deusa do mar mediterrâneo na mitologia grega.

<sup>&</sup>lt;sup>51</sup> Na mitologia grega é conhecida como a mãe dos deuses.

## 4.1.2 Foto-elicitação

Optei por revelar as fotos, pois sabia que a grande maioria das alunas não possuem suas próprias fotos reveladas em papel. Tiram muitas fotos de si, mas mantêm no celular e as que julgam melhores postam em redes sociais (Orkut, faceboock). Desejava com as fotos impressas causar um olhar mais demorado, cuidadoso das alunas para suas próprias imagens. Apesar de supor que este detalhe surgiria este efeito premeditado, surpreendi-me com tamanha comoção que as fotos impressas causaram. Perguntei o porquê exatamente da alegria em obter aquelas fotos, uma vez que tiram muitas fotos, em questão de segundos, às vezes tendo que chamar a atenção delas na quadra para que parem de ficar tirando fotos. Responderam que é existe, olhar na câmera e olhar no papel, na câmera do celular, se não gostam apagam no papel "é pra sempre". Argumentei que o papel também não era pra sempre poderia rasgar se não gostasse, mas não mudaram de ideia, o papel continuou sendo "pra sempre"... Verifiquei aí, uma compreensão ainda que não elaborada sistematicamente da velocidade que o mundo contemporâneo impõe com suas máquinas suas tecnologias. Na corrida das coisas, suas próprias imagens vão perdendo a importância, atropeladas pela abundancia de fotos que servem mais a um consumo social voraz das aparências que propriamente uma função identitária.

As escolhas das fotos ocorreram na quadra, onde eu chamava individualmente a aluna fotografada, dava suas fotos, pedia que escolhessem duas que mais gostassem. Este comando, de pedir que escolhessem tendo como critério a que mais gostassem, tinha o intuito de descobrir a motivação desta escolha. Todas as escolhas foram feita por parte das alunas por acreditarem que estavam escolhendo as fotos onde estavam mais bonitas, em nenhum momento foi atribuído estas escolhas, por parte das alunas (fotografadas e fotógrafas) a luz, o ambiente, o ângulo da câmera, enfim, a aspectos técnicos da fotografia, mas sim da própria imagem da fotografada. Considero este fato importante no sentido que demonstra o vínculo íntimo que existe do "gostar" e junto à "beleza corporal", tantos enfoques de beleza poderiam ter dado neste momento as imagens, no entanto seus olhares pareciam treinados a escolherem as fotos que mais identidade tinham com poses de revistas de moda e beleza expostas nas bancas de jornal. Outro aspecto que reintera este fato corresponde ao grande número de fotos idênticas escolhidas pelas fotografadas e fotógrafas sem uma não saber das escolhas da outra

#### 4.1.3 Entrevista

A entrevista ocorreu após a elicitação das fotos também na quadra, como sendo um ato seguinte. Fiz quatro questionamentos que dependendo da resposta, ela se desdobrava em outras apenas para melhor compreensão.

Ao questionar por que a aluna tinha escolhido aquelas duas fotos e preteridos as demais verifiquei que as alunas que se julgam belas tem uma tendência a ficar em dúvida qual a melhor imagem escolher de si e suas fotógrafas deixarem bastante evidente que gostaram de todas, que as cinco fotos estão boas, só escolhem duas, pois eu coloquei como regra, já as que não se consideram tão belas olharam para as fotos de forma um pouco constrangidas, escolhem mais rápido e suas fotógrafas apontam com mais exatidão porque não escolheram as demais fotos. Suponho que este fato ocorra por dois motivos, primeiro; meninas que se consideram mais belas tem sua autoestima mais desenvolvida possibilitando um olhar prazeroso para sua própria imagem, já as que não se consideram tão belas são mais retraídas e possuem um julgamento mais severo em relação à própria imagem. Quanto ao julgamento das fotógrafas, serem mais ou menos pontuais, creio ser proveniente da relação social, onde as meninas mais populares parecem ter mais desenvolvido uma retribuição de elogios, construindo alianças nos jogos sociais.

Quanto às demais fotos não escolhidas, o critério revela ser também referente à beleza, no caso, a falta dela. Na verdade, pequenos detalhes, como cabelo desarrumado, poses mais naturais, menos sensualidade são características do descarta das demais fotos. O que por si só, reafirma os símbolos as posturas que as alunas entendem o que é beleza dentro deste grupo. Reflete o quanto a preparação, o ornamento, a maquiagem, a postura é a tradução da beleza e a naturalidade, o despojamento não.

Ficou também bastante evidente que a maioria acredita que as imagens nas fotos são capazes de revelar sua personalidade e o que tentaram passar no momento da foto, em sua grande maioria as fotógrafas foram capazes realmente de captar estas mensagens quando as mesmas perguntas foram feitas a elas.

### 4.1.4 Grupo focal

Os dois grupos focais ocorreram em dias distintos, o primeiro do ensino fundamental (sétimo ano), depois de tantos contratempos realizei no pátio da escola e o grupo focal com as meninas do primeiro anos do ensino médio ocorreu na parte superior da arquibancada da quadra.

O primeiro grupo focal, que contou com a presença de dez alunas como já mencionado, foi bastante difícil, pois as duas alunas mais atuantes no grupo, consideradas por elas e pelas outras como belas, tinham brigado, então havia tensão entre todas. Quando fazia os questionamentos como ponto de partida com o propósito de gerar um diálogo reflexivo, não havia uma participação rápida, apenas a aluna da sexta série convidada (Ambarina), que se pronunciava. Então parei perguntei se havia algum problema, se queriam parar, também não houve respostas, apenas se entreolhavam, fiquei preocupada achando que eu tinha dito ou feito algo que não gostaram, perguntei ao grupo sobre esta possibilidade, Ambarina, tomou a frente e disse que não, é por que Réia e Tétis estavam brigando antes de eu chamar para o grupo. Tentei conversar, para resolvermos, mas Réia começou a dar as respostas sobre perguntas que eu já tinha feito e Tétis respondia em seguida, percebi que ainda estavam discutindo, só que agora usando o grupo focal como plateia. Como as respostas ainda que em tom ríspido travam das questões de beleza, não interferi mais, prosseguindo com as reflexões sobre beleza.

Após o término, conversei com as duas separadamente, perguntando sobre o motivo da discussão, uma acusou a outra de se "achar", isto é, atribuir importância demasiada a si e a outra proferiu xingamentos o que não deu para entender o contexto da discussão entre as duas. A relação que antes era de amizade entre elas, depois deste episódio passou a ser de completa hostilidade.

Logo, neste grupo focal há apenas três vozes que atuam, Réia, Tétis e Ambarina, depois que tentei pacificar a relação das duas, voltei ao grupo e perguntei porque as demais não se pronunciaram, riram, quando uma delas disse que melhor não se meter em briga de "cachorro grande". Perguntei ainda, se queriam fazer as suas colocações então naquele momento que elas não estavam mais lá, mas recusaram, eu não insisti, pois a resposta brincalhona sobre "cachorro grande" era bastante esclarecedora. Este episódio demonstra bem a relação de poder, onde as que se julgam menos fortes recuam diante da postura de força e autoridade de outras alunas.

No segundo grupo focal que contou com a presença de doze alunas do primeiro ano do ensino médio. Sentei e pedi que todas sentassem igualmente no chão comigo de forma desenharmos um círculo, as alunas consideradas belas e líderes pelas próprias alunas fizeram questão de sentar bem próximas a mim, apressando-se para tomar "seus lugares", as outras alunas vieram andando calmante e sentaram nos outros lugares que

sobraram, distantes de mim. Este procedimento das alunas sempre ocorre dentro da quadra, as mesmas alunas parecem sempre estar prontas a garantir "seus lugares", que pode ser perto de mim, quando passo os comandos das atividades ou a postos para escolher as demais alunas para "seus times". Em sala são irredutíveis quanto as "suas cadeiras", mesmo chegando atrasadas observo que ficam muito contrariadas e exigem no mesmo momento que a (o) desavisada (o) saia imediatamente do lugar que pensa lhe pertencer.

Como no primeiro grupo focal, eu como mediadora coloquei questões sobre a beleza com o objetivo de fomentar um diálogo reflexivo entre as alunas. As questões igualmente ao primeiro grupo focal tinham o objetivo de elucidar o que as alunas entendem por beleza, as possíveis vantagens que a beleza pode auferir nas aulas de Educação Física, tanto como possíveis intimidações;

A primeira questão que coloquei aos dois grupos foi relativo ao o que é a beleza para elas, as respostam ainda que com palavras diferentes em sua grande maioria remetia a bondade, humildade, espiritualidade, entretanto quando a mesma questão de compreensão de beleza foi colocada vinculando a mulher, os apontamentos das alunas em sua grande maioria se referiu ao formato do corpo, cabelo e a indumentária.

A segunda e a terceira questão fiz também de forma muito próxima, perguntando primeiro se existia vantagem em ser bonita e em seguida se havia vantagem em ser bonita na aula de Educação Física. Majoritariamente as alunas responderam que há vantagens sim, em ser bonita, entretanto houve divergência se existe vantagem ou não ser bonita na aula de Educação Física, o que serviu para enriquecer a discussão. Outro ponto da conversa que houve divergência foi o questionamento se alunas bonitas intimidam, algumas vezes as mesmas alunas que tinham acabado de falar que intimidavam sim, por talvez perceberem que com esta resposta dentro do grupo, estavam se automenosprezando, mudavam de repente de postura e deixavam claro que com elas isto não ocorria, pois se "garantiam".

No segundo grupo focal também, teve um grande número de alunas que ficaram em silêncio, ou participaram pouquíssimo em relação às demais. Depois do término do grupo focal, chamei novamente a quadras as alunas, cinco no total, tentando perceber se houve algum indicio de intimidação no transcorrer do grupo focal. Neste segundo grupo focal duas disseram apenas que as outras tinham dito tudo, então não precisavam repetir, duas continuaram em silencio, apenas sorriram e uma, apenas uma aluna, disse

que era melhor ficar calada, pois ali mesmo (no grupo focal), dava pra perceber como havia pessoas "nervosinhas", e sim ela não participava da aula de Educação Física na quadra, por se sentir intimidada por estas mesmas alunas.

### 4.1.5 Diário de campo

Após cada etapa, seja de foto, elicitação, entrevista ou grupo focal, escrevia relatando detalhes percebidos que julguei importante no momento, impressões primarias, questionamentos em relação a postura das alunas e possíveis relações de suas palavras ou ações com o cotidiano escolar da Educação Física, que tinha como comparar devido aos anos de convivência com as alunas em ambiente escolar.

#### 4.1.6 Análise

Ocorreu em dois ambitos de compreensão, primeiro fazendo um paralelo com a teoria (escrita ou visual), procurando o que se confirmava ou o que se contrapunha e em seguida não menos complexo, uma subjetivação pessoal, que confere a mim como professora e como pesquisadora atuação no processo do fazer pedagógico e no produzir conhecimento (ciências).

### 4.1.7 Aspectos éticos

As alunas foram convidadas apenas as meninas, por serem foco da pesquisa, não havendo distinção ou pré-requisito para participar, somente houve triagem depois da entrevista onde verifiquei quais eram os discursos mais relevantes em relação ao tema da pesquisa. As que aceitaram o convite entreguei um documento, o termo de consentimento que os responsáveis assinaram, afirmando ciente e aceitando a participação da aluna na pesquisa.

Em nenhum momento nenhuma aluna foi constrangida a participar, ou permanecer na pesquisa. Mesmo constando do termo de conhecimento, sempre confirmei as alunas, que a face seria desfocada, o que causou muita crítica por parte das alunas, pois assim elas não seriam reconhecidas, expliquei que por serem menores de idade, seria mais prudente resguardar as identidades, pois posteriormente poderiam mudar de opinião ou desejar não ser exposta.

Gostaram muito de saber que mudei seus nomes, não por não serem mais facilmente identificadas, mas sim porque expliquei que todas tinham nome de deusas e musas gregas.

As fotos reveladas foram mostradas apenas para as participantes da pesquisa e dadas (as cinco fotos impressas) as respectivas alunas, sem nenhum custo ou como obrigatoriedade em participar da pesquisa. Todas as fotos, participantes ou não da pesquisa, foram devolvidas, salvo aquelas que as alunas deixaram a escola (se formaram ou se mudaram) e por isso eu não encontrei para oferecer.

# 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Retomando, o objetivo e as questões que foram propostas no inicio deste trabalho, lembrando que o objetivo desta pesquisa é explorar as significações de beleza que são atribuídas ao corpo feminino e quais são suas relações com o poder no cotidiano escolar, nas aulas de educação física. E as questões são: (a) como as alunas veem a si mesmas em relação à sua beleza?; (b) como as alunas são vistas pelas colegas, com relação à sua beleza?; (c) as alunas utilizam a beleza como forma de sedução? Caso afirmativo, de que maneira isso ocorre, nas aulas de Educação Física?; (d) Esse jogo de sedução e poder traz resultados? Caso afirmativo, quais são eles e como a escola (e a professora de Educação Física) lida com eles.

Optei por dispor o resultado não pela ordem da coleta de dados com as alunas, mas sim dividir em duas categorias, as cinco primeiras alunas correspondendo aos discursos que mais estavam impregnados com conotação de liderança, poder, supervalorização da beleza e após estas, as cinco alunas que menor tinham em seus discursos mencionados.

A sequência da análise entendi que para melhor organização e compreensão do leitor, seria a de iniciar com uma curta apresentação, explicação do seu proceder em relação à pesquisa, dispor as fotos tiradas, sendo as duas primeiras fotos, necessariamente as escolhidas pela aluna e em seguida as três fotos declinadas pela mesma no processo de foto-elicitação, cujo objetivo já mencionado anteriormente é tentar saber como elas (alunas fotografadas) se mostram ou desejam se mostrar para o outro e como esta imagem se projeta no olhar do outro (alunas fotógrafas).

Após este processo preliminar, iniciei a etapa de apresentação do discurso das alunas, primeiro na entrevista com a aluna fotografada, na tentativa de revelar os motivos que levaram as alunas a escolherem as duas imagens que mais gostaram e a três que não foram escolhidas, para saber a motivação pela preferência e deferência da escolha de suas próprias imagens e em seguida a entrevista com a aluna fotógrafa.

Na tentativa de descobrir padrões de beleza e possíveis utilizações para obtenção de vantagens destes, na aula de educação física; dominação, intimidação e submissão, iniciei a etapa do grupo focal.

Quanto ao sexto instrumento de coleta de dados, referente ao diário de campo, onde construí um paralelo, segundo a minha visão de pesquisadora, foi o único item que não pontuei de forma sistemática, mas sim utilizei como norteador nos momentos que

se fez necessário ao leitor para que pudesse entender o contexto em que minhas alunas e eu como professora e pesquisadora estávamos inseridas. Em seguida, parti para a análise das quatro fotos com o objetivo de desvelar o não dito. Por fim repousei no conjunto dessas pequenas obras pontuando alguns pontos que julguei relevantes balizando através da teoria referente ao corpo da pesquisa, com o objetivo de alçar uma discussão mais aprofundada, requisito para tecer as considerações finais.

### 5.1 Galatéia

Galatéia foi uma aluna que eu fiz questão de convidar, pois não só tem uma postura de liderança, uma preocupação com a aparência, mas também faz valoração da beleza sem meias palavras e muito menos, meias atitudes.

Quando pedi que tirassem as fotos Galatéia, pediu a mim, que liberasse um aluno, amigo para que junto a Polidora (sempre andam juntos os três), pudessem tirar as fotos. Permiti, mas avisei que as fotos seriam tiradas uma das outras e ele não participaria por ser menino. Basta dizer que as fotos quem tirou foi justamente o amigo em questão. Quando questionei o fato, Galatéia justificou dizendo que o amigo é quem justamente tira muitas fotos delas e descobri que esta brincadeira de posar para foto entre eles, tem como objetivo postar as melhores poses no site de relacionamento Facebook.

Fiz a elicitação das fotos ignorando o fotógrafo por ser um olhar do sexo oposto, o que não é o foco da pesquisa, passando a incumbência a elas mesmas, como já anteriormente planejado.

### • Primeiro instrumento- Fotografias

Galatéia explorou bem o espaço, tirou fotos em diversos lugares. Não obedecendo à instrução de tirar apenas cinco fotos, ela pousou em diversas poses, apagando aquelas que não gostava, na própria maquina fotográfica (digital).

Não posso precisar quanto tempo aproximadamente ela levou para tirar apenas suas fotos, pois ela e Polidora tiraram fotos juntas, sendo que ambas gastaram cinquenta minutos nesta tarefa, que eu tinha sugerido que fizessem em vinte minutos, sendo dez minutos para cada.

## • Segundo instrumento - Foto- elicitação



Figura 23 - As duas fotos escolhidas por Galatéia

Fonte: Arquivo da pesquisa

As duas fotos acima foram as escolhidas por Galatéia entre as cinco fotos tiradas. A fotógrafa foi Polidora, que também escolheu estas duas fotos.

Tanto a Galatéia, quanto Polidora (fotografada e fotógrafa) fizeram a mesma seleção de fotografias, o que sugere que ambas reconhecem o mesmo padrão de beleza, uma vez que fizeram a escolha das fotos, sem antes uma conversa prévia entre elas. Os indícios apontam que o critério da escolha de ambas as alunas para as mesmas fotos foi à beleza, uma vez que em momento posterior (entrevista) ambas revelaram que nas duas fotos Galatéia, estava mais bonita.

Polidora, desde a foto-elicitação deixou claro que gostou de todas as fotos, que Galatéia estava bonita em todas, e a escolha de apenas duas fotos simplesmente fazia porque era a regra da pesquisa.

Quanto às três fotos abaixo, não foram escolhidas em detrimento as duas outras.



Figura 24 As três fotos não escolhidas por Galatéia

Fonte: Arquivo da pesquisa

### • Terceiro instrumento: Entrevista com Galatéia

Galatéia justificou a escolha das duas fotos, entre as cinco, por ter gostado mais do seu rosto e do seu sorriso, segundo ela ficou "Mais bonito [...], mais da hora". Quanto às demais, apesar de ter dito que ela tinha ficado "meio estranha", acabou concluindo que tinha gostado também.

Tentei entender o que ela via de estranho nas três outras fotos, uma vez que ela usou a palavra "estranha" reiteradamente torcendo o nariz, quando as olhava. Galatéia parou, pensou um pouco e disse: "Ah, sei lá minha franja ficou feia, minha veia ficou aparecendo demais, ficou feia memo". Tentei observar as veias que segundo ela apareciam saltadas em seu pescoço, mas ficou óbvio que eu não conseguia enxergar o mesmo que ela.

Perguntei então o que aquelas fotos revelavam, mostravam dela, Galatéia respondeu sorrindo: "Ah o jeito que eu sou, vivo dando risada, fazendo pose para foto, adoro tirar foto". Afirmou em seguida que aquelas imagens escolhidas conseguiam transmitir quem ela era.

# • Quarto instrumento: Entrevista com a fotógrafa (Polidora)

Ao chamar Polidora para fazer a entrevista, tentando remediar o fato delas não terem seguido o protocolo da pesquisa, Galatéia brincou comigo: "Cuidado, fica de olho nela!" Fazendo gesto com a mão que Polidora roubaria suas fotos, rimos as três e iniciei igualmente com a entrevista, entendendo que todas estavam à vontade. Sendo a escolha das fotos idênticas as escolhidas por Galatéia, questionei o fato, o que Polidora,

justificou com um sorriso erguendo os ombros e mostrando as palmas das mãos, em um gesto que traduzido mostrava que ela não sabia a resposta, disse apenas que tinha escolhido as duas por terem ficado mais bonita e ter gostado mais, mas afirmou que as cinco ficaram bonitas. Quando perguntada o que aquelas fotos revelavam de Galatéia, Polidora cruzou as pernas, jogou o corpo para trás, arrumou sua franja para o lado e só depois rindo, respondeu como se fosse óbvia a resposta: "Elas mostram que ela gosta de tirar fotos... (risos)...". No que não estava errada, Galatéia ao receber as fotos fez questão de mostrar a todos, no entanto não parecia seduzida com os elogios, mas sim com a própria imagem que segurava em suas mãos.

# • Quinto instrumento: Grupo focal com Galatéia

No grupo focal Galatéia, sentou-se próxima a mim, do meu lado direito. Não só participou efetivamente da discussão, como rapidamente assumiu a liderança e direcionou a conversa quando argumentava de forma ferrenha suas opiniões, rivalizava com Afrodite e chamava as outras para discussão.

Já na primeira questão, Galatéia, se pronunciou de forma a dizer o que é a beleza; É tudo, né! Você tem que ser ou bonita ou rica, porque se você for pobre e feia, fia, aí tá perdida na vida! Verdade!

Neste momento, entre concordâncias e discordâncias com o que ela acabara de dizer, algumas alunas tentavam articular a ideia que o importante era ter beleza interior, rapidamente Galatéia tomou a frente, assumiu sua postura de dominante, e se fez ser ouvida por um tom de voz mais alto que as demais: "Deixa eu falar!" Então visto que tinha conseguido a atenção das demais se pronunciou de forma irônica:

"Tudo bem ter que ser bonita por dentro e por fora. Mas acha que o menino vai abrir você para ver se você é bonita por dentro? Gente, acorda, né! Não pense, né ""Ai ele gosta de mim por causa do meu eu interior" Acorda querida!" Todas riram, e ninguém mais se pronunciou, tentei ainda que comentassem mais, mas ninguém quis dizer mais nada, ao que parece Galatéia sabe desarticular retoricamente a opinião alheia, haja visto o silêncio que causou.

Ao questionar se haveria vantagem em ser bonita, um coro se ergueu em voz e risada: "Claro que sim!" entre essas vozes a de Galatéia, que tão logo explicou quais eram as vantagens "Eu tenho carro para mim, todo final de semana, eu tenho lugares para ir, eu saio e todo mundo paga as coisas, eu não preciso pagar nada. Ó ser bonita,

a gente lucra, oh!" O que Polidora, amiga inseparável, concordou rapidamente, dizendo: "Verdade!".

Neste momento Afrodite, direcionando seu corpo e sua voz a mim, no entanto a fala em resposta a Galatéia disse: Tem gente que usa a beleza como arma para conquistar as coisas. Eu já não preciso disso. Eu uso minha sensualidade para chamar um pouco de atenção, mas não assim vulgarmente.". Galatéia percebeu no mesmo momento que aquela resposta era direcionada a ela, virou o rosto, fechou os olhos, suspirou, fez sinal de negativa com a cabeça e sorriu, como se estivesse com este gesto dizendo que era superior e Afrodite não tinha conseguido atacá-la. Rapidamente, gritou com todas as outra alunas para que também participassem; "Só dá eu e a Afrodite aqui? Pessoal pode falar. Aqui é povão, é mercado de peixe!"

Procurei não rivalizar mais do que já estava a situação com receio de sem querer manipular a discussão, então passei a próxima questão que tratava de descobrir as características que elas entendem como constituinte de uma mulher bonita. Galatéia disse ser estilo e ouvindo outras opiniões que eram colocadas na conversa, retomou a palavra, como quem se lembra de algo: "Hã, toda mulher bonita tem que ser, como ela disse? "sedutora"! Um olharzinho...[...] Ser gatinha e palhaça, ajuda muito. Extrovertida. Vai ficar com uma múmia ali do seu lado?

Mas foi quando a discussão partiu do questionamento de que ser amiga de uma aluna bonita no colégio ajuda em algo, que Galatéia, foi mais contundente e esclarecedora, tanto que neste momento pensei que mesmo se eu não tivesse mais nenhuma voz que corroborasse com a minha hipótese, não teria importância alguma, minha pesquisa estava justificada: "É claro que ajuda! Sai com uma ridícula por aí... O Bom é que você vai ser a mais bonita de todas... É... Mas...".

Neste momento a discussão girou em volta se era melhor, por ser mais vantajoso ter amiga feia ou bonita, o que Galatéia considerou o fato, da seguinte forma: "Se você tem uma amiga mais bonita e sai é claro que vão olhar mais para ela que para você". No entanto quando uma aluna parecia ter dado a solução para aquele dilema dizendo "Dica, dica: Se você quer chamar a atenção arranja amiga feia, porque você vai ser a bonita." Galatéia, retomou sua posição inicial, como se tivesse enfim se decidido entre suas ideias e respondeu a essa, de forma desafiadora: "E você acha que saindo com uma ridícula da escola você vai ser popular? Lógico que não!".

Afrodite, novamente, desafiou Galatéia, dizendo alto, mas sem focar o olhar, como se estivesse dizendo para ninguém: "Isso se chama pessoa que não confia no taco..." Galatéia olhou seriamente para Afrodite, depois com a mesma seriedade para Polidora sua amiga, dois olhares tão iguais, no entanto dizendo tantas coisas diferentes.

Galatéia, não demorou muito a responder a esta nova provocação. Quando eu, pesquisadora tentei sintetizar e entender realmente quais eram essas vantagens e para isso disse: "Então tem vantagens e desvantagens? Vantagens é que se você se torna popular com a menina bonita e a desvantagem? Galatéia respondeu, a mim, direcionando a resposta a Afrodite:" Você pode, não chamar tanta atenção. Mas eu confio no meu taco..." Afrodite, não satisfeita, fez de desentendida e voltou ao assunto: "É que ultimamente as meninas não confia" no taco delas. O que Galatéia, conclui com um sorriso desafiador:" Comigo já era!"

Quando questionadas se as mais belas lideram sempre Galatéia, que parecia ter rapidamente voltado a sua calma e aparente segurança disse: Nem sempre! Tem as que são mais extrovertidas, tem mais autoridade. Por exemplo, tá todo mundo aqui, ela é a mais bonita. Só que eu chego, eu encubro a cena dela, não preciso ser tão bonita, eu chego e roubo a cena. Aí, já era! Neste momento ela abandona a sua postura em todo o percurso de se considerar bela e sobrepõe a ideia que sua extroversão e liderança, lhe garantem mais segurança e status, para isso reitera dizendo: "O que adianta ser bonita e ficar parecendo uma múmia?".

Propositalmente até o momento eu deixei o assunto seguir sem tanta delimitação e direcionamento a aula de educação física ou a quadra, pois desejava descobrir se haveria ou não discordância entre a postura dentro e fora da quadra.

Bastante esclarecedor até o momento a postura diante dos signos da beleza, delimitei então a quadra, circunscrevendo a próxima questão que seguiu da seguinte forma, por mim pesquisadora: "As meninas que são mais bonitas lideram nas aulas de educação física?" Afrodite se pronunciou primeiro, afirmando que não, mas Galatéia, sempre enfática, tomou a palavra sem pedir licença e a contrapôs:

"Ai não, eu já tenho uma coisa que muda, já! As meninas por ser bonitas, vem de shorts bem curtinho... vai jogar bola... Você acha que os meninos não vai ficar olhando pro corpinho ali no gol, correndo, os peito balançando? Gente, vamos ser realista, né? Tem as patricinhas bonitas e tem as meninas que sabe que é bonita aquela do povão." Nesta fala, Galatéia, revela duas coisas importantes, que há uma predileção,

status, liderança, vantagem para as meninas consideradas mais belas na aula de educação física e sugere uma diferenciação da beleza através de uma conotação econômica social. O que Afrodite confirma e explica esta questão, esclarecendo o que é uma patricinha e o que é uma subúrbia.

Galatéia sugeriu se ver como uma subúrbia uma vez que na explicação do que viria ser uma patricinha se alterou dizendo: "Gente, por que existe unha postiça, já era!" Isto é, a utilização da unha, para arranhar, uma hipotética oponente patricinha.

Quando retomei a pergunta para ver se entendia claramente porque algumas alunas lideram, a resposta de Galatéia "*Por que são gatas!*" Como ninguém fez menção de concordar ou discordar perguntei novamente se alguém discordava, Polidora então, rapidamente reiterou a posição da amiga.

Quanto à intimidação causada por meninas bonitas na quadra a resposta foi afirmativa do grupo e Galatéia não participou da explicação da forma que isto ocorre, mas não se colocou como uma aluna bela que intimida, mas imaginou hipoteticamente uma menina bela entrando na quadra, visto que disse: "Eu falo, eu confio no meu taco, mas já digo quem é essa daí? Já puxo a ficha, que sala, quantos anos, de que escola veio, tudo, tudo, tudo..."

No momento que Gaia, discorda do senso comum do grupo, que meninas bonitas lideram as aulas de educação física, pois o importante ali é saber jogar, e são divididas entre as "boas" e as "ruins", Galatéia se posiciona novamente, de forma a manter seu posicionamento: "Deixa eu falar, deixa eu falar, se os meninos veem uma menina bonita na arquibancada, que não jogue bosta nenhuma, ele chama a menina só para ficar marcando ela, para fazer uma média com a menina".

Quando Afrodite conclui que a beleza é uma arma e Galatéia concorda, questiono para que serve esta "arma" (beleza), o que ela responde sem hesitar; "para sedução!" e continua; "Para você ganhar alguma coisa, para conquistar uma pessoa, e para você... é a coisa mais deliciosa você chegar na frente do espelho e dizer nossa eu sou gata, hein! Gente é uma delicia, você chegar e se achar... Agora chegar e dizer puta como eu to feia, por favor, né... Eu falo ""memo"" eu gosto de chegar em um lugar, em uma festa e causar, gosto de chegar com o vestido mais da hora, com a sandália mais monstra, a bolsa mais chamativa, eu gosto de chamar a atenção eu gosto de causar.".

Após esta fala, Estige, que está sentada bem afastada de mim e até o momento não se pronunciou parece irritada e claramente em resposta a Galatéia diz que algumas meninas não se valorizam e que ao menos as feias não ficam correndo atrás dos meninos, Galatéia, não ri, gargalha com o que ouve, estende o braço com o dedo aponta para Estige e segura o abdômen de tanto rir. Ela compreende de imediato que Estige se ofendeu e isso só aconteceu, pois se assumiu como feia.

Neste momento recaiu sobre o grupo, ainda que de forma superficial a importância da humildade, Galatéia para de rir ostensivamente.

Já no final da conversa em grupo Galatéia, ameniza seu discurso salientando a importância da simpatia e até mesmo o sofrimento que as meninas bonitas sofrem, apesar de sua fala estar na terceira pessoa, ela esta falando de si. Afirmo isso, pois é a forma como ela mais se define, não só dentro da pesquisa, mas no cotidiano escolar, aliás, percebo agora que ela sempre se auto define, explica paras pessoas quem ela é (ou gostaria de ser):

"Eu acho que não existe perfeição, mas acho que uma garota, por mais que ela não seja bonita, mas ela sendo aquela garota simpática, chega faz todo mundo rir, aquela pessoa humilde que pode chegar qualquer um ali na frente, sabe essa, ela pode não ter o rostinho perfeito, mas pros amigos dela ela é a pessoa mais legal do mundo. [...] Deixa eu falar, gente. Tipo assim as vezes pela menina ser bonita ela sofre também, só porque ela é bonita tem gente que não quer ficar perto dela, só porque a menina é bonita sai em uma festa, catou todos os meninos, não é assim gente, a menina não tem culpa de ser bonita. Só porque a menina é bonita é patricinha?"

## • Sexto instrumento: diário de campo

No meu caderno de anotações (diário de campo), fiz algumas colocações do seu proceder no transcorrer da pesquisa como no cotidiano escolar. Esta união de informações confluiu em uma ideia um pouco mais homogênea para a compreensão de Galatéia no contexto da pesquisa. Sendo assim, descrevo abaixo estas ideias:

Galatéia mostrou-se bastante segura, desinibida e autoconfiante em todo transcorrer da pesquisa de campo.

Sua forma de proceder parece não ter sofrido alteração por saber que suas falas estavam sendo gravadas e sua imagem seria posteriormente utilizada para fins acadêmicos. Continuou, como faz no cotidiano das aulas, a se impor de forma bastante

ostensiva; manter-se em situações de destaque; se relacionar apenas com o seu grupo, expor suas ideias sem avaliar se estas causam algum dano ou não. Em relação a mim, professora também não notei diferença, manteve o mesmo grau de naturalidade. Apesar de ignorar as regras (tanto na quadra como na pesquisa). Por me ver como professora-amiga, Galatéia utiliza de seu carisma e humor crítico para amenizar as situações, como justificativa para não obedecer as regras. Parece não perceber nisto, nenhuma falta de respeito, apenas mais uma de suas traquinagens, do seu jeito de ser. Galatéia, quando pede pra conversar comigo em aula seus assuntos pessoais, mostra que confia em mim, e observo sempre um "desarmamento", mostrando-me uma adolescente tentando entender o mundo que esta inserida e possuidora de grande sensibilidade que difere muitas vezes do seu proceder, que observo no cotidiano escolar.

### • Sétimo instrumento -Análise das fotos

Quanto à análise semiótica da imagem, que tem por objetivo tentar entender e esclarecer o processo de significação das poses das fotografias coletadas a primeira imagem, escolhida por Galatéia corresponde a seguinte estrutura semiótica:

## - Primeira foto, entre cinco, escolhida por Galatéia:



Figura 25 Análise da primeira foto de Galatéia

Fonte: arquivo da pesquisa

## a) Primeira instância- Sentidos Denotativos;

Como elementos presentes, observa-se que a Galatéia, esta sentada no chão recostada à parede do pátio escolar. Ela veste camiseta do uniforme escolar, calça saruel (cós baixo) de malha mole, sandália azul cor próxima ao da camiseta. Utiliza maquiagem no rosto (batom rosa discreto, sombra cinza médio), brinco pequeno brilhante. O cabelo esta repartido do lado com uma franja presa atrás da orelha e o restante dos fios preso para trás, através de um "rabinho" e formando um pequeno "coque". Sentada no chão do pátio escolar, recostada a parede com a cabeça voltada em perfil para o lado direito levemente inclinada para baixo, pálpebras fechadas, braço esquerdo (dela) esta apoiado na altura do tornozelo no joelho que se encontra flexionado, sendo que o braço esquerdo (dela) estende-se apoiado no joelho esquerdo que se encontra semi-flexionado, as articulações das falanges das mãos estão flexionadas com exceção dos dois indicadores que estão levemente estendidos sendo que direita toca o ante braço esquerdo e o outro reclina para baixo, possibilitando com isso uma continuidade de vetores (braços), as pernas e os pés se posicionam paralelamente em pequena amplitude de abertura.

## b) Segunda instancia- Sentidos conotativos;

Galatéia mostra-se plácida, plena, despreocupada, introspectiva, entretanto possui consciência do outro, se deixa observar, entretanto se mostra. Porém este mostrar é discreto, uma vez que se tampa de forma quase natural com suas pernas e braços flexionados, parece acreditar mais na sensualidade da parte superior do corpo, rosto e nuca.

Galatéia passa duas informações contraditórias em relação à interação com aquele que a olha (seja o fotógrafo, seja quem vê a foto); é como se dissesse "não me interesso por quem me olha, mas pode me observar."

Ela está sentada de forma descontraída, mostrando naturalidade e parecendo estar bem à vontade em ser obervada.

## c) Efeitos de sentido por similaridade e contiguidade;

Similaridade mostra gostar de ser observada e esta descontraída.

Contiguidade: azul se repete nas roupas revelando preocupação com as cores e a beleza da harmonia.

# d) Efeitos de sentido pelas presenças e ausências.

Galatéia é uma adolescente bastante performática, irreverente, cheia de poses, cuidadosa com a aparência o que fica bastante explicito nesta foto.

Quanto ao sentido de ausência, configura-se primordialmente pela falta de agressividade e impaciência, característica bastante evidente em sua personalidade. O cenário simplificado proporciona a atenção concentra nela.

# - Última foto, entre cinco escolhidas por Galatéia:



Figura 26 Análise da última foto de Galatéia

Fonte: Arquivo da pesquisa

## a) Primeira instância- Sentidos Denotativos;

Como elementos presentes, observa-se que a Galatéia, esta sentada na escada segurando um caderno rosa aberto, Mesma vestimenta e aparência da primeira foto. Sentada na escada faz menção em estar lendo o caderno, sua cabeça esta inclinada levemente para o lado esquerdo e um pouco para baixo, mantém um sorrido contido os braços em flexão apoiam o caderno e a perna esquerda também em flexão apoia o braço. Sendo que a perna direita em leve extensão é direcionada a baixo, onde a imagem é cortada, ocultando o pé direito,

Os vetores dos braços confluem para a região do abdômen e tórax, entretanto ao utilizar o caderno esconde seu corpo na linha dos dois terços.

Nesta foto Galatéia, claramente simula uma situação de leitura ou estudo.

## b) Segunda instancia- Sentidos conotativos;

Galatéia mostra-se focada, estudiosa, entretanto sua pose forçada conota o contrário do que mostra: pouco hábito ou pouca valorização do hábito de estudo (escada é um lugar de passagem, barulho é amplificado pelas paredes, a postura é difícil de manter por muito tempo;

#### Efeitos de sentido por similaridade e contiguidade;

Os degraus se repetem monotonamente, o que coloca a jovem no centro de todas as atenções da foto.

Contiguidade: trata-se do caderno (material de estudo metonímico, isto é a parte pelo todo) representa o todo do material didático, ainda que seja apenas um caderno de anotações, com características femininas e não um livro, por exemplo.

Trata-se, portanto de uma aluna, mas não necessariamente, de alguém que quer se mostrar como ligada aos estudos. É artificial, somente uma brincadeira de estudar.

## d) Efeitos de sentido pelas presenças e ausências.

A forma irreverente, a facilidade em criar cenas, a tendência em se fazer entender estão presentes nesta imagem.

Quanto ao efeito de sentido pela ausência, corresponde primeiramente pela falta de sensualidade e mais uma vez pela agressividade.

Não há lápis e papel ou qualquer outro material de estudo; portanto ela não está estudando.

## Considerações parciais

Através dos instrumentos e processos metodológicos percebe-se que a aluna Galatéia possui uma postura de liderança e uma relação muito direta com a aparência e jogo de poder.

No processo de tirar as fotos demonstrou, sua característica de não seguir regras, quando ignorou todas que eu coloquei, explicando que era necessário para o bom andamento da pesquisa.

No ato de ser fotografada, interagiu, sobretudo com o espaço, preocupando se mais com o resultado estético que obteria com as fotos, que propriamente interagir com quem a observa. Sua demora revelou principalmente a elaboração destas poses como também a auto criticidade, uma vez que já fazia no momento uma pré-seleção das fotos que manteria na pesquisa.

Em relação às fotos escolhidas serem as mesmas escolhidas pela fotógrafa, considero dois fatores, a amizade que proporciona um conhecimento estético do outro e a escolha tenha sido feita, sobretudo para agradar através de uma concordância ou uma segunda hipótese é as duas possuam os mesmos padrões estéticos de beleza. Podendo até mesmo ser a soma destes aspectos possível, explicando assim que a proximidade de ambas, a troca de elogios, possui entre outras características de amizade, a possibilidade de serem como espelhos que refletem uma para a outra a áurea da beleza.

Mais de uma vez Galatéia mostrou-se bastante crítica com sua aparência, porém em detalhes mínimos, que passam despercebidos, como por exemplo, uma veia do pescoço saltada, o que demonstra mais uma tendência em chamar a atenção para um "defeito" inexistente, algo que o outro ainda que procure não encontrará.

Outro aspecto reinteirado que fez questão de salientar é sua personalidade alegre, agitada contagiante, que gosta de chamar a atenção, o que parece condizer com o olhar do outro para si. Esta concordância do que ela pensa demonstrar e do que o olhar do outro captura, é bastante interessante, pois sem dúvida há em princípio coerência.

Galatéia reproduziu nos diversos instrumentos de coletas de dados o seu proceder no cotidiano das aulas de educação física, manteve-se perto de mim, isto é, da autoridade, não em uma postura passiva, ao contrário na tentativa de se interar tanto que

sua pessoa se misturasse a tal autoridade, a liderança do grupo, o chamar a atenção das demais alunas só servem para que sua imagem seja investida e confundida com a imagem da professora.

Sua postura agressiva é proveniente mais das suas colocações verbais, que física. Esta agressividade, não esta direcionada a uma pessoa, mas sim parece constituir um arcabouço de sua visão de mundo. Acredita que a beleza e o dinheiro sejam fatores preponderantes na vida. A beleza para Galatéia, possui relação direta com vantagens sociais e econômicas. Foi a única aluna a dizer, sem subterfúgios que a beleza proporciona lucro financeiro.

Quando ignora as ofensas de Afrodite e, no entanto mantém uma postura de rebater opiniões de forma agressiva e contundente com as demais, demonstra muito o seu *modus operandi*, no cotidiano das aulas em quadra.

Para Galatéia a beleza a sedução e humor estão juntos, como se fossem indissociáveis.

Através de sua fala, observa a preocupação existente com a popularidade e o que uma pessoa, como ela chamou, "ridícula" poderia por a perder. Neste momento demonstrando como muitas vezes os grupos sociais se formam no cotidiano escolar, nem sempre por afinidade, amizade, mas sim como uma seleção a partir de fatores estéticos.

Quando de maneira veemente demonstra gostar de chamar a atenção para si, usando o termo "roubar a cena", resolver questões de rivalidade com outras meninas de maneira ostensiva, o termo arena novamente é lembrado; tudo parece ser uma luta por um lugar ao sol, em última instancia da própria sobrevivência simbólica que tem sobre ser uma bela mulher.

Em ralação a educação física, foi bastante esclarecedora pontuando de que forma a sedução feminina se contextualiza, tornando mais fácil a compreensão do porquê é tão complexo demonstrar! Galatéia expõe os meandros das relações subjetivas que convergem de forma sistemática para uma eterna aceitação do masculino, o que por si só provoca um olhar para "a outra" de forma rivalizada, e que outro lugar, senão a quadra poderia encontrar identificação maior, perguntaria se este, não fosse um questionamento retórico.

Galatéia diferencia a beleza talvez por ter uma percepção da divisão de classes no tecido social, quando classifica a beleza diferencia a beleza por classe social quando

difere a beleza da "patricinha e povão", se assume como bonita e como povão, o que faz lembrar sua colocação primeira que era importante ou ter beleza ou dinheiro, pra se dar bem na vida, parece estar confortável em ter ao menos uma premissa que ela mesma formulou ou aceitou como verdadeira.

Quanto a analise semiótica das suas imagens, foi possível fazer algumas inferências; possui consciência do olhar do outro para si, e permite ser observada com naturalidade, tem interesse em ser admirada, entretanto é como se dissesse "não me interesso por quem me olha, mas pode me observar.".

Há algo que poderia se chamar de contradição, refere-se as duas formas de linguagem de Galatéia, verbalmente se mostra bastante agressiva, impaciente e visualmente calma, serena. No entanto não há contradição, são aspectos de Galatéia que se completam, e são expostos dependendo do grau de confiança no grupo ou indivíduo.

A escolha da sua primeira foto e da última foto revelam a principio que a primeira possuía uma sensualidade discreta e a última ausência desta característica, a primeira aparentemente esta bem natural e a última totalmente forjada e por fim seu corpo na primeira imagem apresenta abertura visual e na última é tampado em partes pelo cadernos.

Ao tentar entender o que o discurso de Galatéia e as imagens representam percebo que esta tem uma visão utilitarista da beleza, tendo esta questão fortemente estruturada em seu discurso e forma de relacionar com o outro. Percebo que seus valores estão de acordo com a valoração da beleza e seu proceder quanto ao jogo de poder no cotidiano escolar são desdobramentos desta forma de enxergar o mundo.

#### 5.2. Afrodite

Meu primeiro contato com Afrodite sobre o assunto desta pesquisa ocorreu em junho de 2012, em aula (quadra do terminal bandeira) antes do evento "A mais bela estudante", quando sabendo que ela não participaria, conversamos a respeito, e percebendo que sua fala revelava muito sobre questões de beleza perguntei a ela qual a importância da realização daquele evento ("a mais bela estudante") na escola, o que Afrodite respondeu: "Reconhecimento, né?" Perguntei então, porque ela não iria participar, sendo que esclareceu desta forma: "Porque eu me acho bonita, e não preciso da opinião dos outros". Então perguntei qual a importância da beleza para ela, ao que ela respondeu: "Você consegue é... tem assim, como se usar a beleza, você consegue

seus objetivos, que você quer... Eu quando quero usar minha beleza, eu consigo o que eu quero, a sensualidade de uma mulher conta também".

Nesta conversa informal procurei saber se ela se espelhava em alguém, em relação à beleza, Afrodite: "Ana Hickmann ou aquela do beição grandão... Angelina Jolie". Verifiquei neste momento que suas duas referencias de beleza era brancas com olhos claros e cabelos lisos, diferente do seu fenótipo, que é de negra. Em uma conversa posterior, mostrei a ela que suas características faciais eram de uma moça negra e que deveria valorizar esta beleza. No dia seguinte, ela me chamou no corredor da escola, bastante sorridente e eufórica mostrando o celular, por causa do barulho e grande agitação dos demais alunos que ali estavam também, não entendi a principio, verifiquei apenas que eram muitas imagens das artistas pops americanas; Beyonce e Rihanna. Então explicou rapidamente. Sorrindo disse que tinha feito o que eu mandei, me assustei pois não lembrava de tê-la mandado fazer nada, muito menos algo que tivesse ligação com aquelas imagens, percebendo minha confusão, recordou palavras que me fizeram entender o contexto "beleza, mulher negra", para apressadamente contar que iria cortar o cabelo igual a Beyonce e tinha gostado da maquiagem da Rihanna, iria copiá-la. Entendi naquele exato momento que toda uma conversa sobre a necessidade de encontrar e estar em paz com sua identidade teve como resposta unicamente em principio a mimetização de modelos estéticos, que absorveu rapidamente. Mas também entendi que isto tinha seu valor, em uma idade que a maioria das adolescentes procuram em quem se espelhar, meninas negras pouco encontram referencias na mídia. Esta relação de proximidade que Afrodite tem comigo e sua forte relação com o tema da pesquisa foi um dos motivos que desejei muito que ela participasse.

O segundo motivo, corresponde pelo fato de presenciar algumas vezes a agressividade de Afrodite em quadra, chegando ao ponto, de não mais permitir que ela jogasse contra uma determinada aluna, pois percebia que no jogo de corpo, intencionalmente tentava machucar a outra. E também uma aluna, cujo pai estava tentando muda-la para o período da noite, pois Afrodite estava perseguindo. Perguntei a aluna se Afrodite tinha ameaçado fisicamente, ela disse que não, mas como é popular, as amigas faziam isso por ela. Estava com medo, pois em todo lugar da escola era ameaçada e não sabia sequer o motivo.

Fui conversar com Afrodite, não querendo que aquilo se confirmasse. Como de costume Afrodite é muito doce, educada e carinhosa comigo. Ela disse que era coisa da

cabeça da aluna, que nunca tinha dito nada e era ela que estava espalhando fofoca. Ainda assim, fiz prometer que aquela situação iria parar, o que ela prometeu. Na semana seguinte perguntei a aluna se ainda tinha problemas, ela disse que não, havia acabado todas as ameaças.

Afrodite mostrou-se desde o início interessada em participar da pesquisa, no entanto, no dia que sua turma tirou as fotos, ela não participou, dizendo não estar preparada para tirar foto, segundo ela, seu cabelo estava desarrumado. Tentei convence -la, mas foi em vão. Procurou saber quando as outras turmas iriam tirar as fotos e disse que tiraria então com elas. Com o tempo, passando outras turmas tirando fotos e ela sempre esquecendo o dia e logo não "se preparando" para tal procedimento, comecei a ficar preocupada. No dia do grupo focal, pediu para participar, e como Afrodite é uma aluna com características determinantes de liderança e suas falas revelam muito sobre a valoração da beleza, consenti, abrindo uma exceção.

## • Primeiro instrumento- Fotografias

Como já mencionado Afrodite não tirou fotos como as outras alunas, na escola, mandou através de e-mail as fotos, pois em todas as oportunidades que teve não se achava arrumada ou bonita o bastante na escola.

Quanto à primeira fase da pesquisa, que era a fotografia, ela deu uma solução que na hora aceitei, pois nada explicaria tão bem a vaidade de Afrodite. Disse que mandaria as fotos para mim, por e-mail fotos onde ela estava arrumada e "apresentável". Quando recebi as fotos (no mesmo dia), não me surpreendi por todas serem extremamente produzidas e editadas (cortadas em ângulos que proporcionavam um "close").

Então, a sequencia de pesquisa com Afrodite ficou diferente das demais alunas, primeiro o grupo focal depois a foto-elicitação e entrevista. Que ao contrário do que se possa imaginar de nada prejudicou o trabalho, ao contrário, só trouxe elementos que reafirmam a contundência de Afrodite em transmitir uma imagem meticulosamente pensada e trabalhada.

## • Segundo instrumento - Foto- elicitação

Figura 27 As duas fotos escolhidas por Afrodite

Fonte: Arquivo da pesquisa

As duas fotos acima foram as escolhidas por Afrodite entre as cinco fotos enviadas, quando pedi que escolhesse entre elas disse "difícil". Revelei igualmente como as outras fotos das alunas participantes, no entanto pulando a elicitação das fotos e entrevista com a aluna fotógrafa

Quanto às três fotos abaixo, não foram escolhidas em detrimentos das duas.



Figura 28 As três fotos não escolhidas por Afrodite

Fonte: Arquivo da pesquisa

## • Terceiro instrumento: Entrevista com Afrodite

Afrodite explicou a escolha das suas duas fotos da seguinte maneira "porque é meu jeito, meio bipolar diferente, você reparou?". Disse que não tinha compreendido pedindo que explicasse, principalmente o que ela quis dizer com "jeito meio bipolar". O que explicou da seguinte forma "Bom, meu cabelo aqui tá diferente, aqui, também tá

diferente, o corte a cor totalmente diferente". Foi então que entendi que a alternância estética do cabelo, representava uma hiperatividade.

Perguntei então porque não tinha escolhido as demais ao que ela respondeu: "Porque estas (fotos) não personaliza meio que eu assim. Não sou eu". Quis saber mais porque não se reconhecia em suas próprias imagens, o que rapidamente disse "Por que estas fotos eu tirei pra zoar mesmo e assas aqui não, sou eu", se referindo as escolhidas.

Por fim perguntei se as fotos revelavam algo dela o que ela confirmou explicando: "Mostra que eu gosto de me vestir de várias maneira de ficar diferente, de estilo diferente. Pode reparar! Totalmente diferente." Ainda desejei saber por que tanta necessidade de ser diferente, ela explicou: Por que eu gosto de improvisar de ser diferente cortar cada tipo de cabelo assim.

## • Quarto instrumento: Entrevista com a fotógrafa

Não houve, pois eram fotos de arquivo pessoal de Afrodite.

## • Quinto instrumento: Grupo focal com Afrodite

No grupo focal Afrodite sentou-se próxima a mim, do meu lado esquerdo. Participou efetivamente da discussão, e rivalizou a liderança Galatéia.

Afrodite foi bastante contundente em suas posições dentro da discussão e não precisou de muito tempo para também tentar liderar o grupo focal, dando ordens, direcionando a conversa.

No grupo focal, Afrodite, sentou-se ao meu lado e quando coloquei a questão ao grupo sobre a importância da beleza, no meio das vozes que tentavam ao mesmo tempo opinar, sobressaiu a voz grave de Afrodite, o qual se impôs a todas outras que diminuíram até calar-se. Segundo Afrodite a beleza "É importante, sim! Faz bem se sentir bem. Beleza ajuda sim. Vai, você querer conquistar um menino... Você acha que ele vai ficar com você porque você é feia? Lógico que não! Percebe-se em sua fala que a beleza esta intimamente ligada a sedução e esta direcionada ao sexo oposto. Outro aspecto que se pode entender desta frase é sua crença em que a ausência de beleza (feiura) em uma mulher, não possibilita o interesse masculino.

Depois de colocar sua opinião, Afrodite juntamente com Galatéia, ordenaram o grupo que se pronunciassem também "É, vamos falar aí, gente!".

Quanto ao seu conceito do que seria uma beleza feminina Afrodite destacou duas características; sensualidade e mistério "Mulher misteriosa ajuda muito!".

Mencionando o fato se haveria vantagem em ter beleza e quais seriam estas possíveis vantagens, Afrodite disse: "Você fica no lugar de destaque".

## • Sexto instrumento: diário de campo

Como já mencionei Afrodite, era de inicio mais empolgada em participar da pesquisa, algumas vezes me abordava perguntando quando que "começaria o negócio das fotos", entretanto quando iniciei a coleta de dados, tive grande dificuldade que ela participasse. A primeira vez que fui fazer o processo de fotografia na sala de Afrodite, ela me pediu para adiar, deixar para a semana seguinte. Argumentei com ela disse que não daria, e não havia nada de errado com seu cabelo, nem com sua roupa, para ela negar-se a tirar foto daquela maneira, mas Afrodite, rapidamente voltou-se para o grupo de meninas que também iam participar da pesquisa e iniciou um processo rápido de convencimento, dizendo a elas, que estavam desarrumadas que melhor seria se todas tirassem foto na semana seguinte, poderiam se preparar, passar maquiagem... Neste momento olhando os semblantes da outras meninas, percebi que eu seria voto vencido. Então marcamos para a semana seguinte, entretanto Afrodite, disse ter esquecido, o que não ocorreu com suas amigas, que vieram arrumadas como tinham combinado. Percebi uma imensa frustração em Afrodite. Ficou jogando futsal, não se envolvendo nem para ver no processo. Perguntou depois se haveria outra sala que ela pudesse participar junto, outro dia, que ela viesse arrumada, tentei novamente dissuadi-la de tamanha preocupação, mas foi em vão. Outra turma iniciou o processo de fotos, fui a sala dela, pedi licença para o professor explicando que ela ficaria ausente por uns dez minutos, mas Afrodite disse que não iria novamente, pois estava desarrumada. Neste momento desisti. Apenas disse "que pena". Tentei entender o porque de pedir e recusar a todo momento, mas não falei absolutamente nada. Entendi que na pesquisa deveria entrar apenas quem realmente desejasse, e ela parecia muito confusa no momento.

Quando avisei na sala a data do grupo focal ela novamente me procurou. Estava em aula, na quadra com outra série que não a dela e apareceu para conversar comigo em um tom sério. Afrodite queria participar da pesquisa. Expliquei a ela, que já estava em outra fase, e seria confuso retomar, e havia a possibilidade real dela "não ir arrumada para a escola", o que sorridente, disse que eu não tinha entendido, ela mandaria as fotos pra mim. Neste momento, entendi que nada mais revelador eu poderia obter dela, que a

recusa era o temor em incorrer em um erro de sua imagem, o que não aconteceria caso ela escolhesse previamente, controlando o processo segundo seu próprio olhar. Aceitei.

## Considerações parciais

Desde o primeiro momento Afrodite evita expor-se ao olhar do outro, quando este processo possa implicar, em um julgamento de sua estética. Seja quando não participa do concurso da mais bela estudante justificando que ela se acha bonita e não precisa da opinião do outro, seja quando evita terminantemente que o outro a fotografe.

Afrodite ainda é uma adolescente e sua identidade esta em formação, a procura de uma estética que se sinta a vontade, percorre por modelos femininos que a mídia proporciona.

Entende a beleza como importante para alcançar objetivos, e conquistar o sexo oposto e atingir um lugar de destaque socialmente.

Bastante popular, reconhecida como bela, tem popularidade na escola. Alterna em alegria, infantilidade a irritabilidade e agressividade.

Suas fotos são produzidas, editadas são fotos posadas, tem consciência deste fato, e se define bipolar, para exemplificar suas constantes mudanças estéticas. Reiteradamente utiliza da palavra "diferente", parece ser este seu anseio, ser diferente.

Não se reconhece nas imagens que não escolheu, dizendo não ser ela, pois suas mudanças parecem sair maior do que ela mesma planeja. Comenta que nestas fotos estava "zoando", como se eu não precisasse dar valor a elas, no entanto diferente das demais alunas Afrodite teve tempo para escolher as cinco fotos, meio a tantas outras do seu arquivo pessoal. No entanto quando ela diz que estas fotos não "*personaliza*" percebo um estranhamento verdadeiro, uma não identidade com sua própria imagem, que parece ser construída e desconstruída em um processo continuo, a procura de se diferenciar. Este processo parece ser bastante angustiante.

Participou efetivamente da discussão, discordou claramente de Galatéia, e fez enfrentamentos, o qual por nenhuma aluna recebeu resposta. Há um grande respeito e por vezes temor por Afrodite.

Apesar de ter uma presença forte de beleza e agressividade, Afrodite, se mostra frágil por vezes, principalmente quando teme incorrer em um erro sua imagem.

Suas fotos, ainda que não tenha sido feita uma análise semiótica, possui os mesmos padrões das fotos de Galatéia, imagens posadas, sensualidade e ausência de outros elementos (paisagens) objetivando o foco no eu.

#### 5.3 Polidora

Polidora, é conhecida entre o grupo, como uma moça muito bonita. Bastante vaidosa, sempre vai para escola maquiada. Apesar da gentileza que me trata não é tão próxima a mim. Percebo que seu esporte predileto é o vôlei. Reservada, seus amigos são Galatéia e um aluno da mesma sala, sempre estão juntos os três. Percebo que não faz muita questão em jogar, mas sempre é convidada. Não é uma constante, mas já presenciei os times formados e então ela muda de ideia e quer jogar, toda a formulação do time é reavaliada rapidamente, para que ela jogue, nenhum problema neste fato, bom seria que sempre fosse assim, no entanto isto não ocorre com outras alunas, que em mesma situação são convidadas a ficar "de próxima". Apesar de não ser eloquente no seu discurso e sim calma e tranquila, observo que sua presença causa forte impacto no grupo tanto feminino quanto masculino. As meninas comentam como ela é realmente bonita, parecem atentas como ela prende o cabelo, como ela vai vestida e alguns meninos suspiram quando ela passa, ou correm pra pegar uma bola que ela manda para longe. A forma que Polidora, lida com esta reação é sendo educada com todos, mas mantendo distanciamento.

Sendo professora de Polidora a aproximadamente cinco anos, percebo que sempre foi assim; desde menina chamava atenção. Mesmo na pré-adolescência, já mantinha uma áurea de mocinha adulta.

De todas as alunas participantes da pesquisa, as fotos de Polidora é que causou maior interesse, mesmo em alunas de outras salas. Os comentários mencionavam o quanto ela parecia uma "modelo de verdade", levava jeito para a carreira de atriz, o que me fez tentar entender esta ligação, então a aluna que disse isso em tom elogioso, explicou que "atrizes tem que ser bonitas e saber fazer pose", brincando perguntei se precisavam saber atuar, ao que respondeu: "também!".

Convidei-a para compor o grupo para a pesquisa, por entender que muito poderia contribuir ao tema da pesquisa, uma vez que é notoriamente reconhecida por ser bela.

#### • Primeiro instrumento- Fotografias

Fotografada pelo amigo e junto a Galatéia, explorou bastante os espaços da escola em um longo período no processo de tirar as fotos.

# • Segundo instrumento - Foto- elicitação

As duas fotos abaixo foram as fotos que Polidora escolheu, entre as cinco que tirou. Galatéia, das duas fotos escolheu a primeira.



Figura 29 As duas fotos escolhidas por Polidora

Fonte: Arquivo da pesquisa

E as três fotos seguintes, Polidora não escolheu entre as cinco que tirou. No entanto Galatéia escolheu a primeira (da esquerda para a direita) como a segunda que mais gostou.



Figura 30 As três fotos não escolhidas por Polidora

Fonte: Arquivo da pesquisa

#### • Terceiro instrumento: Entrevista com Polidora

Polidora justificou a escolha das duas fotos esclarecendo: "Eu achei que ficou mais bonita, o sorriso ficou bom, a luz ficou bem". Quanto aos motivos que levaram não escolher as demais, ficou claro que era devido a regra da elicitação e não porque não tinha gostado de algo específico; "Ah, eu achei que ficou bom também, mas eu gostei dessas aqui!"

No tocante a possibilidade das fotos revelarem algo de si, Polidora afirmou que revelavam: "Elas mostram... sei lá, acho que a alegria do momento... (risos)...".

## • Quarto instrumento: Entrevista com a fotógrafa

Por já ter feito o rearranjo na foto elicitação, ignorando o fato que uma não tinha tirado foto da outra (Polidora e Galatéia), mas sim tinham passado esta incumbência ao amigo, também na entrevista segui com o processo relevando que o olhar impresso na imagem fotográfica na composição da foto não era de Galatéia.

Perguntando a Galatéia, sobre a motivação de suas duas escolhas, entre as cinco fotos de Polidora, respondeu: "Ah, por que esta daqui, ela ficou com o maior corpão, ficou mal gatona "memo", e essa daqui o sorriso dela ficou "mal sorriso maroto".

Quanto ao motivo de não ter escolhido as outras três, apenas respondeu: "Porque eu gostei mais dessas duas".

E para finalizar explicou de forma irreverente o que as fotos revelavam de Polidora: "Ah, quer que eu fale, mesmo? (risos)... Parece que ela é uma menina bonita encorpada, tá de bem com a vida, tá tudo bem com ela, sei lá, o jeito dela ser".

#### • Quinto instrumento: Grupo focal com Polidora

No grupo focal Polidora sentou-se ao lado de Galatéia, participou pouco da discussão, e quando o fazia era para reinteirar o que sua amiga Galatéia, dizia.

## • Sexto instrumento: diário de campo

Sua participação mais representativa foi na primeira fase, no processo fotográfico. Na entrevista, se comunicava mais através de gestos do que de palavras, parecendo não querer falar muito.

No grupo focal sentou ao lado de Galatéia, parecia se divertir com a amiga. Mas evitava se pronunciar.

## Considerações parciais

Polidora, aluna notoriamente bela dentro do seu grupo social, mostra-se bastante vaidosa aparência e acostumada com a atenção dispensada a ela, desde menina foi considerada bela, na escola.

Outros alunos parecem desejar sempre agradá-la, em que ela sempre se mostra gentil com todos, mas reservada, se relacionado quase que exclusivamente com seu pequeno grupo de amigos.

Sua imagem causou interesse, e alunas que nem participavam da pesquisa queriam ver como ela tinha "pousado".

Participou pouco da discussão, mais fazia para reinteirar o que sua amiga Galatéia, dizia, pareceu ficar mais a vontade na fase de produção fotográfica.

Suas fotos possuem forte sentido sensual, que observei ser muito valorizado de forma peculiar, pelas outras alunas, como se ela, enfim apresentasse características semelhantes às mulheres que fazem sucesso na mídia.

#### 5.4 Réia

Aluna bastante participativa nas aulas de educação física, com grande aptidão para os esportes possui característica de liderança. Se impõem em qualquer situação, o que às vezes causa indisposição com alguns meninos, o que me leva sempre a estar atenta para solucionar divergências que vão deste a bola de vôlei que caiu na quadra e a atrapalhou, ou alguém que não quer ficar no gol no time dela. Única a ser poupada é a prima, extremamente protetora com esta, onde percebo que às vezes se controla, mas não se descontrola. Sincero é o sentimento familiar, vejo quando aos berros incentiva a outra nos jogos, parabenizando por todo e qualquer avanço.

No começo parecia se dar bem com Tétis, mesmo rivalizando no jogo fora dele pareciam unir as forças. Presenciei em quadra as duas discutindo com um aluno sobre espaço da quadra, incrível foi observar a sincronicidade dos corpos de ambas e os gestos de apontamento, que progressivamente faziam em sentindo de avançar sobre o aluno e este tentando pelo tom da voz, amedrontá-las recuava com seu corpo. Obviamente, não esperei por um possível desfecho lamentável e intervi, só descrevo esta cena para dizer o quanto duas alunas tão parecidas na forma de agir e reagir, de repente tornam-se oponentes por razões fúteis.

Depois que brigaram tudo ficou mais complicado, e dissuadi-las dessa rixa, esta na minha lista de fracassos.

#### • Primeiro instrumento- Fotografias

Assim que expliquei como deveria ser o procedimento de tirar as fotos e como manusear a máquina Réia já se pronunciou que faria as fotos com a prima e que não ia com o restante do grupo. Entretanto igualmente ao grupo tirou fotos dentro do banheiro.

## • Segundo instrumento - Foto- elicitação

Figura 31 As duas fotos escolhidas por Réia

Fonte: Arquivo da pesquisa

Quanto às três fotos abaixo, não foram escolhidas em detrimento das duas.



Figura 32 As três fotos não escolhidas por Réia

Fonte: Arquivo da pesquisa

#### • Terceiro instrumento: Entrevista com Réia

Réia justificou as escolhas das fotos da seguinte forma:

"[...] nelas eu mostro que, nelas eu mostro que eu vou". Essa primeira mostra tipo assim... uma menina que não quer nada com nada, e não importa tanto pra beleza e a segunda mostra tipo assim, meu olhar, né? Sei lá... sincero.

Quanto a não escolhas das outras três fotos se pronunciou: "Por que não destacou muito meus olhares, e elas são iguais a estas aqui (as escolhidas) eu tirei de perto primeiro".

Quanto à foto revelar algo Réia novamente falou sobre sinceridade: "minha sinceridade e acho que o olhar que destaca bastante... e sei lá...".

# • Quarto instrumento: Entrevista com a fotógrafa

A prima de Réia quem tirou as fotos foi chamada a justificar suas escolhas e explicou o motivo: "Por que ela esta mais madura nestas fotos, ficou mais bonita" Observando aí uma leitura de beleza, perguntei o que era madura, ao que respondeu: "Ela esta assim com rosto de mulher" para em seguida explicar que não tinha escolhido as outras, pois: "Porque as outras ficou com cara de marrentinha!". Quanto se as fotos revelavam alguma coisa de Réia, a resposta: "Ah, a mesma coisa que ela é assim, pessoalmente, que é a cara de sincera".

## • Quinto instrumento: Grupo focal com

No grupo focal o qual Réia participou, as questões sobre o que era a beleza e os temas subsequententes foram respondidos por Ambarina (aluna convidada da sexta série). Réia mexendo no cabelo parecia impaciente, e a todo momento falava no ouvido de sua prima, tendo sempre focada sua visão em Tétis. Quando perguntei a ela direcionando a pergunta, o que era a beleza feminina, disse" tem gente que acha que só porque tem cabelão é bonita, mas não é" Perguntei o que era então: "beleza é ter classe, ter berço, coisa que tem gente aqui que não tem". Fiz, novas perguntas, mas disse que não estava mais "a fim de falar".

## • Sexto instrumento: diário de campo

Réia em todo o percurso da pesquisa manteve-se distante e na defensiva. Ela e a prima isolaram-se das demais. Parece distanciar-se até mesmo das demais alunas que mantêm uma relação amigável com a oponente.

Bastante vaidosa, mantém seus cabelos sempre molhados, traz roupas para fazer atividade física e depois se trocar, procura sempre saber se o seu cabelo esta em "ordem" e não despenteado.

Quando é enfrentada não recua de forma alguma e não cessa de falar e responder as provocações, foi o que ocorreu no grupo focal.

Nas aulas prefere jogar com os meninos, por entender que são mais fortes e mais rápidos, mas mantém quase nenhuma relação de amizade com eles.

## Considerações parciais

Réia demonstra bem, como as relações sociais podem ser delimitantes dentro do cotidiano escolar. Aqueles que parecem discordar, de suas posições, não afastados. Outro ponto de atenção é como valora a beleza, como status social, dos bens nascidos, que possuem educação.

#### 5.5 Tétis

Tétis é bastante participativa, sua grande habilidade como goleira faz que seja disputada até pelos meninos, que geralmente preferem que as meninas não participem dos jogos com eles. Tétis é uma exceção. Líder, e habilidosa no esporte. Sua grande vaidade é o cabelo muito cumprido e liso. Antes dividia a liderança com Réia, depois de um desentendimento entre elas, que ocorreu no processo de pesquisa de campo, houve um racha e Tétis não fala e não joga mais quando Réia participa.

## • Primeiro instrumento- Fotografias

Tirou fotos todas no banheiro.

# • Segundo instrumento - Foto- elicitação



Figura 33 As duas imagens escolhidas por Tétis

Fonte: Arquivo da pesquisa

Quanto às três fotos abaixo, não foram escolhidas em detrimento das duas.

Figura 34 As três fotos não escolhidas por Tétis







Fonte: Arquivo da pesquisa

#### • Terceiro instrumento: Entrevista com Tétis

Tétis conta que escolheu as fotos pois: "acho que é porque essa não destacou mais meu cabelo, mais o meu rosto. Esta destacou meu olho, deu um brilho." E não escolheu as demais porque : "Por que as outras ficaram de fundo, entendeu?"

Quando perguntei o que as fotos mostravam ela começou a responder e se arrependeu concertando no mesmo momento: Eu acho que a beleza que eu... não acho muito, entendeu? O brilho no olho, no cabelo.

Foi a primeira e única aluna a dizer que as imagens não mostravam a: "Não, porque eu acho que uma foto não é suficiente, tem um grande significado, vai da pessoa e não da foto.".

#### • Quarto instrumento: Entrevista com a fotógrafa

As fotos escolhidas pela fotografa foram a terceira e a quarta foto que justificou sua escolha da seguinte forma: Por causa do sorriso dela, eu achei bonito o sorriso dela! E também por causa do gesto dela (com as mãos) e o biquinho dela. E disse não ter escolhido as outras Porque o cabelo da Tétis ficou de lado, tá... porque não ficou muito bonita, essa aqui eu achei bonita. Quanto se as fotos revelavam algo de Tétis, a fotógrafa foi contundente: "que ela é muito bonita"!

## • Quinto instrumento: Grupo focal com Tétis

Tétis sentada em lado oposto a Réia, com expressão de brava, alternava em encarar e virar o rosto para esta. Mexia bastante no cabelo, e cruzava e descruza as pernas. Quando foi provocada por reia, como se não possuísse nem beleza, berço ou educação, Réia tomou a palavra, e disse "que pior era quem achava que era, e não era nada, não se enxergava no espelho.". Quando finalizou ergue-se jogando a cadeira para trás.

#### • Sexto instrumento: diário de campo

Percebi no processo de pesquisa de campo, bastante irritada e a um passo de brigar fisicamente. Nos posteriores a briga, elas não jogaram, e como se fosse óbvio as outras alunas também se recusaram a participar. Disse na ocasião, que se elas não queriam que jogassem elas, mas disseram que não tinha graça jogar sem as boas. Tétis continuou tendo um bom relacionamento com o grupo de alunas e alunos, diferente de Réia. O que fez com que participasse efetivamente das atividades físicas.

Perguntei a ela o motivo daquela discussão briga, e apenas disse, "aquela menina se acha"

No grupo focal, quando discutiu com Réia continuou a demonstrar a mesma forma de dinâmica corporal, quando agradeci e disse que ficassem a vontade para desfazer a roda e ir tomar água, as duas levantaram-se agressivamente e com o corpo afastaram violentamente as cadeiras para trás, fazendo grande barulho, se entreolharam e cada uma foi para um lado.

## Considerações parciais

Possui como símbolo maior de beleza o cabelo. Apesar de se relacionar bem com todos, não admite ser afrontada, quando isto ocorre enfrenta com a mesma intensidade de agressões.

## 5.6 Estige

Estige é uma aluna bastante reservada, em relação aos outros alunos. Pertence a um grupo de meninas que não gostam muito de participar das atividades das aulas de educação física. Entre seu pequeno grupo é bastante estimada, e apesar de possuir um biótipo frágil, tende ser bastante agressiva quando percebe qualquer hostilidade a alguma de suas amigas, por vezes a acalmei, pois sua atitude primeira é de enfrentamento não levando em conta as consequências. O seu discurso de não temer a nada nem a ninguém, percebo mais como uma defesa, proveniente de uma personalidade protetora, frente a um mundo que se desvela em complexidade.

Estabeleceu comigo (professora) através dos anos de convivência, uma relação de confiança que a leva confidenciar seus assuntos pessoais e a pedir conselhos sobre os mais variados temas. Gosta muito de conversar, mas é extremamente seletiva com quem escolhe para manter um diálogo.

# • Primeiro instrumento- Fotografias

Utilizou de vestimentas (agasalhos) para compor as fotos, usou alguns elementos como cadeira e mesa de tênis e também tirou foto no banheiro.

# • Segundo instrumento - Foto- elicitação

Figura 35 As duas fotos escolhidas por Estige



Fonte: Arquivo da pesquisa

Quanto às três fotos abaixo, não foram escolhidas em detrimentos das duas.



Figura 36 As três fotos não escolhidas por Estige

Fonte: Arquivo da pesquisa

## • Terceiro instrumento: Entrevista com Estige

Quando perguntada sobre o motivo da escolha das duas fotos que mais tinha gostado, Estige foi rápida em esclarecer que não gosta de tirar fotos; "Tipo assim, sabe? Eu não sou muito ligada em foto, tipo... eu não gosto muito de tirar foto, não sou ligada". Disse ter escolhido ambas as fotos por ter se sentido bem, mas antes que eu perguntasse sobre as outras fotos não escolhidas, já apontou para as outras fotos dizendo que naquelas não tinha se sentido "bem". Tentei, então esclarecer o que era esse sentir ou não sentir-se bem, o que Estige respondeu:

"Ah, tipo, como eu posso dizer? É que sabe... tipo, é que meio... o rosto tá meio que... como aquele dia eu tinha brigado com uma pessoa, meu rosto tava mais triste, que alegre, que agora... porque tipo, eu tava feliz por fora, mas triste por dentro. Então não é a mesma coisa, entendeu?" Insisti no questionamento da opção que fez da não escolha daquelas fotos, na tentativa de aprofundar a compreensão da resposta que acabara de pronunciar. Estige repetiu a minha pergunta elevando seus olhos para cima, como se precisasse deste pequeno instante para achar a resposta dentro de si;

"Por que eu não escolhi? Por que tipo assim sabe... quando a gente "oia" a foto da gente, a gente já não gosta da gente, a gente gosta de olhar as fotos das pessoas, da gente mesmo, a gente não se sente a vontade de ver..." E prosseguiu:

"Não dá vontade de oiá, minhas fotos, das pessoas eu vejo que tá bonita, mas oiando as minha é estranha... porque eu já não sou muito ligada em foto, pra mim é estranho... e as outras eu não gostei porque eu tava muito diferente!" Entendi que este

diferente, que se referia, não era algo bom, pois fez um gesto de rejeição com a face, o que logo se confirmou verbalmente quando explicou: *é que tipo assim eu tava, tava com um sorriso forçado!* 

Na tentativa de descobrir se Estige entendia suas próprias imagens como elementos possíveis de a revelar, não só confirmei que sim, como pude perceber que ela acreditava que seus sentimentos mais profundos estavam impressos naquelas fotos: Ah, tipo assim, mostram pra mim, tipo... como eu posso dizer... antes eu era bem "meior" que isso, que tipo agora, eu não tenho aquele rosto de antes, feliz., contente, aquele rosto meio assim que tem algo muito margurado no coração, então tipo, então eu não sei o que eu sinto... então pra mim, não é a mesma coisa... entendeu? De ver a minha foto, sei lá, é estranho pra mim. Que tipo aqui eu to amargurada... eu posso estar no coração, por dentro e por fora... só que agora eu to bem diferente do que eu to aqui, nas fotos, entendeu? E prosseguindo: "oiando", eu 'oiando" bem assim, vejo tipo eu dou risada forçada e tipo eu não sou uma garota feliz, contente, alegre, eu sou uma pessoa que precisa de algo que tá faltando, há um vazio em mim, então quando sempre que penso nesse vazio, mostra aquele rosto triste amargurado.

Este foi um momento delicado, pois sua tristeza tornou-se cristalina, o que dizia parecia ter mais peso ainda, pela forma como dizia; lenta, resignada, com um cansaço na voz e no corpo, que se encolhia pouco a pouco diante dos meus olhos. Resisti o ímpeto primeiro de sorrir, brincar com ela, mudar de assunto, tentar alegrá-la como sempre acabo fazendo apenas perguntei se dava pra ver tudo o que ela acabara de dizer. Estige afirmou com sim, e com o dedo apontando para cada foto, uma a uma dizia: "tô dando risada forçada, aqui também, ali também".

#### • Quarto instrumento: Entrevista com a fotógrafa

A amiga fotógrafa (não pertence as dez que compõem a análise da pesquisa) transita em vários grupos diferentes, não se fixando a nenhum deles. De um temperamento bastante sociável, tem problemas unicamente com Afrodite que a afronta dentro e fora da quadra. Quando perguntada sobre os motivos que a levaram a escolher as duas fotos de Estige respondeu que era devido a estas mostrarem "o jeito dela de verdade", este jeito que definiu como: "tipo de sorrir de brincar, o olhar dela, mas o estilinho dela..." Quando questionada pelo motivo de não ter escolhido as outras

revelou: " ela tá mais séria, mais cara de brava e ela não é brava. Ela é gente boa". Reiterando que Estige é brincalhona, quando perguntei o que as fotos revelavam.

## • Quinto instrumento: Grupo focal com Estige

Estige sentou no lugar que ainda estava vazio, do outro lado do círculo tendo eu como referência. Pouquíssimo participou do grupo focal, uma única vez, entretanto a situação foi reveladora. Quando Galatéia terminou sua explicação sobre as vantagens d e usar a beleza através da sedução para ganhar coisas e para chamar a atenção pra si, mencionei que as meninas do outro lado do circulo permaneceram em silêncio, e se desejavam se pronunciar Estige então disse, em clara resposta ao que tinha acabado de ouvir: "As meninas que se acham... Elas não se valorizam, ao menos as meninas feias não ficam correndo atrás dos meninos".

Galatéia, riu de Estige, por esta estar defendendo as feias, pressupondo que Estige, se via como tal, pois parecia estar ofendida, com que acabara de ouvir da boca de Galatéia.

Após o grupo focal reuni as alunas que nada ou pouco falaram, e perguntei por que permaneceram tão quietas e se havia alguma coisa que gostariam de colocar, acrescentar, naquele momento Estige se pronunciou: "Porque tipo assim, as meninas tipo... nada contra as meninas, mas elas acham que beleza é tudo, e o que importa é o que tem dentro do coração! O que importa é o caráter. Elas discordam. O que adianta ter beleza e não ter amor de verdade? Perguntei então porque não tinha discordado no meio de todas elas, a que Estige respondeu: "qualquer coisa que fala elas ficam nervosinhas"

## • Sexto instrumento: diário de campo

Estige participa pouco das atividades físicas, parece sempre achar meios para esta não participação. Às vezes faz outras atividades das apostilas na arquibancada, e possui um repertório imenso para sair da aula. Quando fica, ou esta conversando com suas amigas ou conversando comigo. Parece que desabafar faz bem, e vê-la saindo da minha aula melhor do que entrou entendo como também uma prerrogativa do meu papel social.

Percebi no transcorrer da pesquisa de campo, principalmente o grupo focal, Estige desambientada, retraída não sabendo como agir e nem mesmo reagindo a provocações, o que decerto faria no cotidiano.

#### • Sétimo instrumento-Análise das fotos

Quanto à análise semiótica da imagem, que tem por objetivo de observa-se na primeira imagem, escolhida por Afrodite a seguinte estrutura semiótica.

# - Primeira foto, entre cinco, escolhida por Estige:



Figura 37 Análise semiótica da primeira foto escolhida por de Estige

# a) Primeira instância- Sentidos Denotativos;

Como elementos presentes, observa-se que a Estige, esta em pé encostada na parede de azulejo do banheiro feminino. Ela veste blusa preta de gola alta, agasalho verde com flores estilizadas lilás e roxo, calça jeans e tênis branco. Não utiliza maquiagem no rosto e nenhum enfeite. O cabelo em corte Chanel esta repartido do lado.

A cabeça esta posicionada para frente, os lábios em leve sorriso fechado, o braço direito flexionado apoiando a mão na altura da cintura, enquanto o braço esquerdo estendido na lateral do corpo apoia as mãos na altura da coxa esquerda que se mantêm estendida, ao contrário da direita que em flexão apoia o a base do pé na parede, como apoio.

## b) Segunda instancia- Sentidos conotativos;

Estige mostra-se serena, olhando de frente para os olhos de quem a observa (lente, fotografa, leitores da pesquisa) e ainda que não sorria por completo deixa transparecer disposição em interagir com o outro.

O gesto da mão na cintura denota feminilidade, entretanto se contrapõem ao gesto geralmente mais masculino de colocar o pé na parede, dando a imagem de Estige, um contraponto harmonioso.

# c) Efeitos de sentido por similaridade e contiguidade;

Similaridade a cor do cabelo e blusa preta que se misturam, são responsáveis por construir um entorno escuro que se contrapõem a cor da face que por sua vez destaca os olhos de Estige, deixando-os mais expressivos.

Contiguidade: o que se repete não esta em seu corpo, mas atrás de si, na parede de azulejo branco quadriculado que disfarçadamente moldura Estige dando um sentido de simetria e harmonia.

#### d) Efeitos de sentido pelas presenças e ausências.

Estige tem muitas nuances, seu olhar é direto com quem conversa, e quase nunca sorri abertamente. Transmite uma mistura de melancolia e meiguice no olhar, bastante desconfiada mantém sempre uma postura de observadora, o que fica bastante explicito nesta foto.

Quanto ao sentido de ausência, pode-se afirmar que sua agressividade momentânea (rompantes) não consta deste registro fotográfico.

# - Última foto, entre cinco escolhida por Afrodite:



Figura 38 Análise semiótica da última imagem escolhida por Estige

Fonte: Arquivo da pesquisa.

# a) Primeira instância- Sentidos Denotativos;

Estige manteve-se no mesmo ambiente, banheiro. Em pé com o corpo disposto em perfil a cabeça direcionada para o lado direito causando um efeito da face ser direcionada para quem a observa tem o seu braço esquerdo escondido atrás da lateral do corpo e o braço direito em leve flexão do cotovelo e a palma da mão voltada para trás, suas pernas são cortadas do campo de visão n altura do joelho e panturrilha da perna esquerda que flexionada avança a frente.

Sua face esta inclinada um pouco para frente e para baixo, os olhos focados no outro (lente, fotografa, leitor) de forma penetrante e sensual.

# b) Segunda instancia- Sentidos conotativos;

Estige mostra-se sexy, expondo seu perfil.

# c)Efeitos de sentido por similaridade e contiguidade;

Similaridade: a face e olhar reforçam uma linha central (imaginária) que deve ser percorrida com o olhar, isto é o corpo.

Contiguidade: os azulejos se repetem, no entanto por causa do ângulo da câmera parecem torto os quadriculados da parede não produzindo assim simetria e a parte superior e inferior foram cortadas, causando mais desarmonia ainda na imagem como composição.

#### d) Efeitos de sentido pelas presenças e ausências.

Quanto a presença o sorriso fechado (conhecido como meio –sorriso) e a forma de olhar nos olhos do outro, frente a frente.

Quanto ao efeito de sentido pela ausência, corresponde a forma mais contida, mais meiga, menos sexy, que se posiciona no cotidiano escolar..

## Considerações parciais

Estige mostra os efeitos, que um ambiente marcado, delimitado por questões da beleza podem provocar. Como forma de defesa, também forma um grupo, acha que se protege emocionalmente. Possui o entendimento que a beleza não deveria ser valorizada como uma forma de obter vantagens, e no lugar valoriza as relações humanas, a verdade a felicidade.

Na análise das fotos percebe-se que também tem a mesma imagética de beleza feminina, quando pousa de maneira sensual, entretanto não escolha estas fotos, até mesmo se nega nelas. Há aí, um sentimento duplo, pois provavelmente receba como informações de beleza feminina, representações que incorporou em algumas fotos, no entanto elas se chocam com seus conceitos do que realmente se deve valorizar.

## 5.7Ártemis

Ártemis é uma aluna que vinda do Estado da Bahia, de uma cidade do interior, o qual me escapou o nome, chegou a Salto de Pirapora e na escola em 2012. Seu falar é calmo, gosta muito de conversar, sempre muito doce e gentil com todos. Em pouco tempo influenciou as outras meninas da sala a se cumprimentar com abraço e beijo na face quando chegam.

Artemis, juntamente com mais três alunas da sala dela não queriam participar da pesquisa, inicialmente não insisti, mas fiquei intrigada, com o olhar triste de Ártemis, então me dirigi a ela e em uma conversa particular, expliquei novamente como seria a

pesquisa qual o objetivo e caso ela quisesse pensar, poderia participar com em um outro dia, com outro grupo de outra sala, e não haveria problema, como percebi um brilho no olhar com esta possibilidade que eu acabara de propor, comecei a fazer perguntas acerca do motivo de não querer participar e quando ela começou a responder de forma tão verdadeira e desolada, pedi permissão para gravar a nossa conversa no meu celular:

Eu:. Ártemis, por que quando eu pedi para você tirar foto, você não quis tirar foto, qual o problema com fotos?

Ártemis: Eu não gosto de tirar foto, por que eu me acho feia, não me acho bonita!

Eu: Por que você se acha feia?

Ártemis: Por que eu sou gorda... É o corpo muito... ah, sei lá, muito feio para mim, aí eu não gosto de tirar foto

Eu: O que é uma mulher bonita?

Ártemis: A. Mulher bonita? É para mim... é aquela que são magrinhas, tem corpo bonito, tem estilo... e eu não tenho... Eu acho que eu não tenho!

Eu: Não tem estilo, por que? Por que gordinhas não tem estilo? Como é isso?

Ártemis: É por que eu acho que... Não que as gordinhas não tem estilo, mas é que eu não tenho, por causa do meu corpo.

Eu: Tá... Eu percebo que você não joga na aula de Educação Física, você não participa. Você não joga futebol com as outras meninas, ou outro esporte. Isso tem alguma coisa haver? Como é a história?

Ártemis: Tem! Porque às vezes eu jogo e eles podem escolher as que mais sabem... tem umas que não sabem... mas escolhem aquelas... que são mais bonitinhas, aquela que dá mais bola... Entendeu? E eu não sou assim, sou mais na minha...

Eu: Mas é... Te causa algum constrangimento ou tem algum problema de mostrar mais o corpo na Educação Física, ou tudo bem?

Ártemis: Eu tenho vergonha, eu não gosto muito de jogar nada... é mais... sossegada só...(risos) melhor ficar só olhando, só...(risos).

Eu: Mas alguém já tirou sarro, ou falou alguma coisa? Fez algum comentário que te magoou?

Ártemis: Ah, tirar sarro, todo mundo tira, as vezes, mas nunca falou para me magoar.

Eu:. Então como você sabe, que as pessoas não gostam? Que elas vão tirar sarro se ainda eles não falaram?

Ártemis:. Ah, por causa do jeito, que eles começam a olhar, a eles... Começa a entrar na quadra, já tem boato, aí eu prefiro nem jogar!

Eu: Isto não magoa?

Ártemis: Magoa porque, você fica sem fazer as coisas que eu gosto, por causa de hoatos.

Eu: Mas que importância que tem eles acharem que você é gordinha?

Ártemis:. Nenhuma!

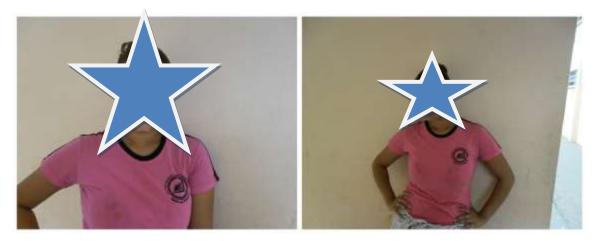
Eu: Então, mas se é nenhuma... Por que, pesa tanto a ponto de você não jogar ou não participar de Educação Física?

Ártemis: Ah, eu não sei (risos).

Esta conversa ocorreu no dia 01 de novembro de 2012, aniversário de Ártemis, desliguei o celular agradeci pela por falar com tanta verdade de algo que era tão dolorido, abri minha bolsa peguei um espelhinho de maquiagem e pedi que ela se olhasse no espelho e me dissesse o que ela via, Ártemis negou-se a olhar no espelho, disse que não gostava de se ver, o que eu respondi que deveria ser por isso que não via o quanto era bonita. Disse que eu queria dar de presente fotos suas, para ela nunca se esquecer dos seus quinze anos, uma vez que não haveria festa, e nenhum tipo de comemoração, se ela poderia tirar essas fotos. Ártemis concordou, tirou duas fotos então mostrei no visor da câmera sua imagem a ela. Pareceu estranhar sua própria imagem, mas sorriu. Neste momento, uma aluna se aproximou para pegar a bola que estava ao meu lado e curiosa olhou por cima dos ombros de Ártemis e vendo a foto, disse: "tá linda!" Ártemis não disse nada, mas como continuo a olhar-se nas duas fotos. Pedi que quando acabasse de ver guardasse em minha bolsa, que quando pudesse eu revelaria e daria a ela. No final da aula. Ártemis veio conversar comigo, pedindo para participar também, mas se poderia tirar mais fotos com a próxima turma. Concordei, feliz!

No dia seguinte, ao chamá-la para sessão fotográfica percebi que estava arrumada de forma diferente do habitual e pediu para uma amiga emprestado um brilho labial, parecendo não ter o costume de usar, pois pediu ajuda a colega para que passasse nela.

Figura 39 Ártemis



# • Primeiro instrumento- Fotografias

Tirou as fotos com a condição que fosse ao banheiro, onde ninguém pudesse vê-la. Veio arrumada para a ocasião, pediu a uma colega um brilho labial, e um pouco sem jeito começo a passar, a colega então passou para ela. Subiram para tirar as fotos, já avisando que teria de ser no banheiro.

# • Segundo instrumento - Foto- elicitação



Figura 40 As duas fotos escolhidas por Ártemis

Fonte: Arquivo da pesquisa

Quanto às três fotos abaixo, não foram escolhidas em detrimentos das duas.

Figura 41 As três fotos não escolhidas por Ártemis

Fonte: Arquivo da pesquisa

## • Terceiro instrumento: Entrevista com Ártemis

Como justificativa para a escolha das duas fotos Artemis respondeu: "porque ficou bastante bonita a pose o jeito" Quanto a não escolha das demais: " não achei que não ficou muito legal, meu jeito de sair na foto". Perguntei então o que as fotos revelavam sobre ela, responde "beleza", no entanto olhando para os meus olhos, como se aquela resposta devesse ser tida, esperando depois de dizer com o olhar uma aprovação como se fosse uma questão de certo e errado. Insisti na pergunta, o que ela disse então não ter entendido, expliquei novamente e então parecendo cansada respondeu "sei lá... não sei responder". Não insisti mais.

## • Quarto instrumento: Entrevista com a fotógrafa

Sua fotógrafa escolheu a primeira foto (esquerda) e a terceira foto (primeira esquerda) por ter gostado da pose dela, com a mão na cintura, e quando perguntei por que não tinha escolhido as outras, disse que ao tinha gostado, pois ficou exagerada.

# • Quinto instrumento: Grupo focal com Ártemis

Permaneceu em silêncio, algumas vezes concordando com sorrisos e gestos corporais positivos em outras vezes com a cabeça abaixada, olhando e escrevendo com um pedaço de tijolo a letra "A" inicial do seu nome. Não fiz nenhuma tentativa para que ela falasse, pois sabendo de sua timidez, não desejei que se sentisse constrangida ou pressionada a nada. Depois do grupo focal, perguntei se gostaria de completar ou falar alguma coisa sobre a discussão, o que ela respondeu que não.

## • Sexto instrumento: diário de campo

Em todo o processo de pesquisa de campo tomei cuidado para não força-la a participar de nada.

Pareceu gostar do processo de tirar fotos, mas mostrou-se bastante enfadada no grupo focal.

Poucos registros tenho dela em aula, pois sempre com jeitinho diz que não pode, não quer, outro dia participa da aula. Quanto à apostila, a parte teórica termina antes que os outros e ajuda os ainda a responder. Possui primordialmente esta característica, de ajudar o outro, porém não vejo esta qualidade de cooperação em quadra, pois definitivamente não participa das aulas.

Quando a quadra da escola foi liberada para que voltássemos a ter aulas lá, Ártemis foi de todas as alunas a que mais sentiu. Dizia que a melhor parte da escola era poder ficar sentada na grama embaixo da árvore, conversando com as amigas, o que eu tentei explicar que isto tinha pouco de escola e então com a generosidade que lhe cabe explicou que na Bahia, no interior onde morava, era bastante humilde e algumas escolas não eram como as nossas de tijolos, não tinham apostilas, e em alguns lugares as escolas eram sim embaixo de árvores, calei-me diante de tudo o que eu ainda deveria aprender.

## Considerações parciais

Ártemis, das alunas, foi quem mais contribuiu para que o olhar das alunas que não se consideram bonitas possam ser enfim enxergados, se até aqui vim, tateando, subjetivando para demonstrar que há sim, um mal estar por parte de algumas alunas que dentro de uma dinâmica de poder sofrem por não se encaixarem no perfil vigente do grupo.

Primeiro Artemis em sua transparência parece não se importar em dizer que se acha feia, que mulheres bonitas são as magrinhas, que na quadra as bonitinhas são tratadas melhor, que sente constrangimento e que as pessoas tiram sarro, se não verbalmente com os olhares que trocam.

Mesmo depois, que conversamos, sobre a real importância da opinião sarcástica do outro, e como deveria olhar para sua beleza, esquecendo-se de padrões, ou ao menos tendo padrões próximos a mulher real, ela se mostrou insegura.

Interessante foi observar o olhar do outro (fotógrafo) que elogiou a pose, a mão, como se olhasse para pedaços dela, e não ela inteira e completou dizendo que as outras (fotos) não tinha escolhido, pois tinha ficado exagerada. Tentei entender onde estava este exagero, como a própria fotografa não soube explicar, apenas insistiu que estava

exagerada suponho que seja por não ser um corpo magro, como deve estar acostumada a ter como padrão.

#### 5.8 Tálassa

Tálassa é uma aluna bastante tímida, igualmente a sua irmã Ártemis. Aluna nova em sua sala, vinda da Bahia, tentou fazer amizade em todos os grupos de meninas. Parece ter encontrado e sido aceita em um grupo predominantemente que não participa das atividades, no entanto as vezes que insisti muito para que ela participasse, percebi que joga muito bem e tem prazer na atividade física, no entanto prefere ficar sentada com suas colegas, quase como se sentindo culpada em deixa-las para jogar.

É mais uma observadora, fala raramente, mas quando o faz, mostra-se extremamente gentil e carinhosa no tratamento com o outro. Um assunto que a faz sorrir é a Bahia, seu antigo lar, faço perguntas encantada com a descrição dela sobre o lugar de onde veio, isto parece deixa-la feliz. Mais de uma vez, finalizou nossa conversa dizendo: "um dia eu volto, pra lá"!

Sua presença na pesquisa, disposta juntamente com as meninas que pouco participam da aula e pouco possuem discursos de valoração da beleza, foi feito por mim pesquisadora, no entanto não esquecendo que a sua não participação nas atividades também dá por um sentimento de lealdade as amigas.

#### • Primeiro instrumento- Fotografias

Tirou fotos no banheiro e foi à única aluna a levantar a blusa, mostrando a barriga.

## • Segundo instrumento - Foto- elicitação

Figura 42 As duas fotos escolhidas por Tálassa

Foto: Arquivo da pesquisa

Quanto às três fotos abaixo, não foram escolhidas em detrimentos das duas.



Figura 43 As três fotos não escolhidas por Tálassa

Fonte: arquivo pessoal

## • Terceiro instrumento: Entrevista com Tálassa

Tálassa justificou as escolhas de suas fotos da seguinte forma; É porque, eu achei estas duas muito legais, adorei muito mesmo! Mais essa daqui ó! (primeira foto). Ficou muito mais boa!

Perguntei então por que não tinha escolhido as demais fotos e ela respondeu que não tinha gostado do jeito, da xuxa<sup>52</sup> no braço, na mão tampando o rosto, o cabelo bagunçado e o corpo muito alongado para trás.

<sup>&</sup>lt;sup>52</sup> Como Tálassa chama o elástico de prender o cabelo.

Perguntei então se as fotos revelavam algo sobre ela, disse que sim; "que sou muito, muito assim... muito legal, muito simpática e às vezes eu finjo que sou "pirigueti", aí eu fico um pouco assim, se referindo a primeira foto.

#### • Quarto instrumento: Entrevista com a fotógrafa

A colega que tirou foto escolheu a segunda e a terceira foto explicando que Tálassa tinha sorrido nestas fotos e não tinha escolhido as demais, pois: "não ficou bem perfeitas".

## • Quinto instrumento: Grupo focal com Tálassa

Não se pronunciou em nenhum momento. Após o grupo focal, perguntei a ela se gostaria de acrescentar, discordar ou fazer algum comentário, Tálassa disse não.

#### • Sexto instrumento: diário de campo

Tálassa é bastante tímida e vê-la em poses sensuais, causou-me estranhamento, pois não entendia como explicar este fato, afinal pessoas mais tímidas costumam não mostrar tanto o corpo. Mas foi na entrevista ao dizer que fingia ser "pirigueti", que entendi que se esforçava para aparentar ser outra pessoa, mais expansiva e adulta, na tentativa de ser aceita pelo grupo social.

## Considerações parciais

Tálassa, sendo uma aluna tímida, pousou de forma oposta ao que é no cotidiano escolar, dando a impressão é que é sensual e expansiva, isto ocorreu provavelmente em uma tentativa de parecer mais adulta e com trejeitos das suas amigas. Claramente Tálassa diz que fingiu ser assim, o que comprovo, pois seu comportamento é discreto, seu falar é baixo, e sua postura ainda quase infantil.

A lealdade ao grupo, que eu supunha se confirmou, em uma tentativa de ser aceita e parecer com suas novas amigas.

Possuí boa autoestima, sua timidez, é mais cultural, e esta submissão ao grupo é apenas uma tentativa de se adequar em um mundo que todo dia, ela tenta me dizer que não é o dela.

## 5.9 Harpias

Harpias é minha aluna há muitos anos, o tempo e a relação de amizade, confiou a mim um papel de aconselhadora. Possui um grande interesse por entender o ser humano, o que faz perguntar a mim, em tom solene se posso ajuda-la em um assunto particular, suas questões mais que individuais são questões universais, a compreensão da alma humana parece afeta —la profundamente, tento sempre mostrar a ela que não há uma resposta definitiva para tudo, e para uma mesma questão há muitos olhares de compreensão, mas sobretudo que ainda é uma adolescente e não deve esquecer de brincar, ter amigos, se divertir, haverá tempo para todos os seus questionamentos.

## • Primeiro instrumento- Fotografias

Ficou a principio temerosa, perguntando quem ia tirar essas fotos, expliquei novamente que seriam as próprias alunas, e cada uma escolhia uma, o que parece ter aliviado e feito decidir por participar.

Suas fotos foram todas ambientadas no banheiro, tendo como mudança apenas o vestuário da blusa.

## • Segundo instrumento - Foto- elicitação



Figura 44 as duas fotos que Harpias escolheu

Fonte: Arquivo da pesquisa

Quanto as três fotos abaixo, não foram escolhidas em detrimentos das duas.



Figura 45 As três fotos que Harpias não escolheu

Fonte: Arquivo da pesquisa

#### • Terceiro instrumento: Entrevista com Harpias

Harpias justificou a escolha de suas duas fotos por considerar que tinha ficado mais bonita. Em contrapartida disse não ter escolhido as demais, pois se achava estranha nelas; "" Ah, não sei, eu não gostei! Eu não gosto mito, assim do meu cabelo, agora! Muito curto!".

Quando perguntei se as fotos revelavam algo sobre ela respondei a principio não saber dizer, depois em uma tentativa explicou: "Ah, eu não sei... sei que eu queria ser mais dedicada comigo". Dedicada como? Perguntei. Ao que respondeu: Ah, eu não sei... eu não queria mais ter esse cabelo daí, se eu tivesse o meu cabelo de antes, eu tinha mais dedicação". Por perceber o quanto era relevante para ela a questão do cabelo, perguntei sobre ele, e ela explicou que era "muito grande".

Quanto às fotos revelarem algo dela, disse que algumas sim, :" ah, não sei, acho que pra mim mesmo, tipo assim, eu olho no espelho, a gente nunca se vê, já na foto a gente sempre se vê, concluindo que foto é melhor que espelho"

## • Quarto instrumento: Entrevista com a fotógrafa

A aluna que tirou suas fotos escolheu a terceira e quarta foto, justificando assim suas escolhas e não escolhas: Gostei das duas porque ela não está tão escondida, tá mais

aberta e as outras três não mostram quem ela é. Perguntando então o que mostravam ela responde: uma pessoa, muito vergonhosa. tipo gosta de colocar o cabelo no rosto, gosta de esconder o rosto, não gosta de mostrar o rosto dela.

## • Quinto instrumento: Grupo focal com Harpias

Sentou-se junto a Estige, isto é bastante distante de mim, e em nenhum momento se pronunciou. Quando fiz o segundo grupo focal apenas com alunas que falaram pouco ou nada falaram, continuou sem se pronunciar. Quando perguntei se realmente não queria dizer alguma coisa, o que quer que fosse, FAE movimento negativo com a cabeça sorrindo, com um sorriso fechado.

## • Sexto instrumento: diário de campo

Harpias parece gostar bastante de conversar comigo, e às vezes fica irritada se outra aluna deseja participar da conversa, ou falar comigo a sós. Seus questionamentos que partem sempre de coisas cotidianas que ela não consegue entender, e não comenta com os demais por achar que são assuntos bobos, na verdade possuem caráter ontológicos e suas reflexões sobre eles e sobre a vida de forma geral são belíssimas.

Percebo que o conteúdo da apostila de educação física, pouco a interessa, entretanto uma vez explicando sobre a medalha do Barão de Coubertin<sup>53</sup>, e como um brasileiro (Vanderlei Cordeiro de Lima) havia conquistado, como também o velejador canadense Lawrence Lemieux e sua história de bravura e compaixão em alto mar, Harpias desenvolveu questionamentos éticos que perpassou a aula teórica e na quadra ainda continuou a falar sobre o assunto.

Faço esta colocação justamente no diário de campo, para que haja compreensão que seu silêncio, não significa uma não participação, as ausências das palavras Harpias disse muito a mim no processo de pesquisa de campo. Manteve-se fechada, escondida, inacessível, através do seu corpo, da sua roupa, dos seus gestos, porém a observar tudo em uma tentativa de entender o verdadeiro significado das coisas.

Medalha de honra é concedida por atos de bravura, mérito esportivo indiscutível e por ética esportiva, nos Jogos Olímpicos, apenas onze medalhas foram concedidas desde 1896.

## Considerações parciais

Harpias mostrou-se reservada como de costume. Quanto a sua imagem, ainda que tenha se reconhecido como bonita parece dar mais importância ao cabelo, que a desagrada profundamente, por estar segundo ela curto

Suas fotos apesar de não ter elementos que distraiam o olhar e estar totalmente focado nela ela se esconde, atrás do seu cabelo e roupa

Sua colocação que foto é melhor do que espelho, descreve bem seu olhar para e sobre o mundo, sua preferência pela foto em detrimento ao espelho, é proveniente mais do simbolismo que o reflexo do espelho que a suposta qualidade de se enxergar em um papel.

#### **5.10 Diana**

Diana é uma aluna que com a aproximação da adolescência foi ficando tímida. Participa cada vez menos das aulas práticas, entretanto quando participa sobressai nos jogos por ser bastante rápida e esperta, no entanto, tenta ao máximo não chamar a atenção para si. Após os gols que faz, tenta não comemorar e se o faz, é com um pequeno sorriso nos lábios, quando tentei parabeniza-la em voz alta durante a partida percebi o seu constrangimento então faço, quando a aula termina e ela se despede de mim. Pergunto se esta tudo bem, ela sempre diz que sim, mas cada vez menos participando das aulas e se unindo as meninas que ficam somente a olhar na arquibancada.

## • Primeiro instrumento- Fotografias

Mostrou-se bastante tímida, parece ter participado mais pela influência do grupo, que propriamente por vontade própria. Não se entusiasmou muito em nenhum dos processos da pesquisa de campo. Quanto às fotos nem as cinco tirou. Quando verificando percebi a falta de uma, pedi para ela ir tirar, o que ela disse que não precisava. Não insisti, pois verifiquei aí, a informação que ela se sentia a vontade para tirar fotos.

## • Segundo instrumento - Foto- elicitação



Figura 46 As duas fotos que Diana escolheu

Fonte: Arquivo pessoal

Quanto às três fotos abaixo, não foram escolhidas em detrimentos das duas.



Figura 47 As três foto as que Diana não escolheu

Fonte: Arquivo da pesquisa

## • Terceiro instrumento: Entrevista com Diana

Diana justificou a escolha de suas fotos utilizando uma palavra diferente das demais alunas, que diziam ter escolhidas as mais bonitas, disse: porque ficou melhor! O que ela explicou: "esta aqui saiu de corpo inteiro e esta mais destacada". Explicou que não tinha escolhido as outras três, pois não tinha gostado muito do seu jeito.

Ao perguntar o que as fotos revelam dela, disse: "mostram meu corpo" Ainda insisti em perguntar, na tentativa de ter uma resposta menos objetiva, mais abstrata que pudesse revelar algo de sua personalidade, mas ela disse que não, apenas mostravam o seu corpo.

## • Quarto instrumento: Entrevista com a fotógrafa

A colega que tirou as fotos escolheu a segunda e a terceira foto e justificou sua escolha da seguinte forma:

"Essa aqui eu não escolhi porque ela esta com o olho levantado para cima e essas eu não achei bonita, uma aqui eu achei bonita, só que gostei mais dessas aqui... ela ta bonita aqui, essa (a primeira fotografia) eu não gostei." Perguntei por que não tinha gostado, o que disse apenas, levantando os ombros "só não gostei".

Quanto se as imagens revelavam algo dela, disse: "é bonita, achei sensual as fotos e o olhar dela é chamativo".

## • Quinto instrumento: Grupo focal com Diana

Sentada afastada de mim, permaneceu em silêncio, em nenhum momento se pronunciando. Após o térmico perguntei se gostaria de dizer alguma coisa, acrescentar discordar, o que ela disse que não. Perguntei se sentiu constrangida no grupo focal, o que ela também negou.

#### • Sexto instrumento: diário de campo

Na tentativa de Diana passar despercebida, dificulta muito um olhar mais demorado para ela. Como se os outros alunos, que a todo momento solicitam formasse um muro difícil de transpor para encontrá-la.

Tanto no cotidiano escolar das aulas de educação física quanto no processo de pesquisa senti este abismo, que em certos momentos parecem intransponíveis.

## Considerações parciais

Mostrou-se bastante tímida, parecendo não sentir muito prazer em tirar fotos, ver sua imagem, ou participar do grupo focal.

Quanto o olhar (fotógrafa) do outro para ela na elicitação, parece não ter havido sequer uma questão social de agradar, como verifique em outras elicitações, no entanto quando a definiu, no processo de dizer o que Diana revelava, fez afirmando que as

imagens mostravam sensualidade, o que pouco parece provável, pois claramente ela parecia desconfortável, se fechando, e na última foto, até mesmo demonstrando com o olhar, que aquilo estava chato.

Parece desejar a invisibilidade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Mas as coisas findas muito mais que lindas, essas ficarão". (Drummond)



Figura 48 Estrada João Santos do Leme - Salto de Pirapora/ SP

Fonte: <a href="http://www.flickr.com/photos/karafa/5659398471/sizes/z/in/photostream/">http://www.flickr.com/photos/karafa/5659398471/sizes/z/in/photostream/</a>

Entendo estas considerações, como uma despedida. Sobretudo de mim. Não poderia ser diferente. Acho que nunca a gente volta ao que era, segue sendo outro alguém. E seguindo além de mim, reflito agora, no momento que as páginas desta dissertação começam a ser fechadas, que se a beleza é o acordo entre o conteúdo e a forma como faz crer Ibsen, então a beleza é a interpretação do mundo (Barthes, 2005).

Neste interpretar o mundo, deparei-me com muitas perguntas, que de maneira alguma tenho a presunção de respondê-las aqui, mas a partir de conclusões observadas, comentar os pontos mais altos que meus olhos possam enxergar.

Ao explorar as significações de beleza que são atribuídas ao corpo feminino pude observar através da visão de mundo das minhas alunas, que esta beleza é feita, sobretudo para o outro, seja agradar, seduzir, manipular, excluir. E se é para o outro, há sempre um canal aberto de comunicação e construção dentro do tecido social. Entretanto crer tão somente que a beleza impacta a vida social, e não procurar observar os seus meandros é ficar na superficialidade. Sendo assim para tentar entender esses meandros percorro o trabalho de campo realizado, onde posso a partir disso apontar algumas questões que se mostram centrais ao longo da dissertação e que, portanto passível de inferências enquanto conclusões do presente trabalho:

Conforme foi visto, a escola onde trabalho e foi realizada a pesquisa a questão da beleza é valorada e possui até mesmo uma importância cultural, uma vez que a própria escola se propôs a realizar um concurso de beleza, dizendo com isso que há mérito em ser bela.

No cotidiano escolar da educação física também observo esta valoração por partes das alunas e dos alunos, mas, sobretudo uma construção social a partir do elemento beleza.

O pressuposto que há relações de força (jogo de poder) nas relações femininas a partir dos conceitos de beleza pelo próprio grupo revelou-se condizente com a realidade, demonstrando os dramas envolvidos nessa relação. Uma análise mais detalhada do discurso das alunas observa, entretanto que o discurso de visão de mundo onde se predomina a competição, o vencer, o ser melhor, o lucro, estão engendrados juntamente a beleza, logo não podendo esta responder unicamente como fator desencadeante de uma relação de poder entre dominantes e dominadas.

Necessário balizar corretamente as fronteiras e deixar claro que a beleza em si não carrega a prerrogativa de causar malefício, mas o uso funcional dela, aceito e até estimulado causa uma desfragmentação no tecido social, que de princípio, já podemos concluir que é injusta. No cotidiano escolar isto toma duas faces, a meritocracia pela beleza, que eu não observei através de notas ou vantagens acadêmicas, mas como enaltecimento social e como forma de construção de relação social; quando Galatéia diz que não se deve sair com uma ridícula deixando claro a questão estética, e quando há alunas que nem se atrevem a participar da aula, pois reconhecem em seu cotidiano que seu grupo dará mais preferência a quem julgar bonita e ela acredita não ser demonstram

aí que a arena possui espaços delimitados. A exclusão existe. Oras surge em bom tom, oras nos silêncios de meninas, que começam agora se construir como mulheres.

Quanto as questões inicialmente colocadas na dissertação pontuo com maior detalhe:

## (a) como as alunas veem a si mesmas em relação à sua beleza?

A beleza parece ser vista pelas alunas apenas através do reflexo. O episódio das alunas que iam tirar fotos no banheiro pois lá era o lugar do espelho, que não existia mais pois havia se quebrado, exemplifica bem, o quanto a permeia mais o mundo exterior que o interior, parece serem capazes apenas de se reconhecer como belas, quando seus desenhos faciais são similares ao que o mundo diz que é belo, se reconhecem quando o outro diz que é. Algumas tem "sorte" que o outro veja e enxergue, outras, não. O que me leva a dizer que efetivamente não se veem belas, se escutam belas.

## (b) como as alunas são vistas pelas colegas, com relação à sua beleza?

Interessante observar, que só a forma de tratamento frente o reflexo do belo difere a compreensão da delicadeza das relações humanas. Quando da análise das fotos havia compreensão que era uma pessoa bonita, havia o aviso prévio, que só a escolha já estava errada, pois todas as imagens eram belas, como se do contrário estaria incorrendo no erro crasso de dizer que não era tão bela assim. Em contrapartida, quando não havia a compreensão, o julgamento da beleza não tinha este cuidado, olhava para as três fotos dispensadas e rapidamente dizia o porque . Porque, este vale lembrar que na maioria das vezes parecia não haver compreensão que sua escolha era apenas o seu próprio juízo de gosto não representando necessariamente uma verdade.

A maioria das fotos coincidiram, as vezes não as duas, apenas uma,o que pode pensar que há indícios de uma estética comum nos grupos

# (c) as alunas utilizam a beleza como forma de sedução e poder? Caso afirmativo, de que maneira isso ocorre, nas aulas de Educação Física?

Há indícios igualmente, que as alunas utilizam a beleza como forma de sedução e poder. Sedução esta que é a ação de encantar, causar fascínio e o poder como habilidade de impor sua vontade sobre o outro. Nota-se que o discurso de alunas que se

consideram belas evidenciam que através do seu encantamento conseguem o que desejam, e somente isto já basta para se sentirem diferentes, superiores. Esta noção de superioridade que faz com que acredite que os outros "meros mortais" devam se dispor afim de suprir estas vontades. No cotidiano escolar de educação física, o esporte evidencia estas vontades, nas lideranças, nos lugares de destaque, na formação dos times, que inicialmente pode-se pensar que é por afinidade, entretanto se pensarmos como são construídos os grupos sociais, qual a base, voltamos ao inicio da questão, a beleza. Assim, afirmando pode até parecer determinista e exagerado, mas é apenas porque coloco uma lente sobre o fato. Quando escuto da boca da própria aluna que ela não participa da aula pois se acha feia, percebo que estou em um mundo do não dito, da percepção conturbada da estética que norteia em quadra, como na sala, como na rua, como no mundo o lugar de cada um.

## d) Esse jogo de sedução e poder através da beleza traz vantagens?

As alunas de forma unanimes acreditam que a beleza trás vantagens, na maioria dos discursos as vantagens colocadas são sociais, principalmente como reconhecimento dentro do grupo e em relação ao sexo oposto, que não deixa de ser uma faceta de reconhecimento social. Verifiquei em apenas uma voz, a afirmação da utilização da própria sedução e do poder como forma de benefício financeiro. Na aula de educação física a vantagem também é social, tornando as alunas mais populares, estimadas, enaltecidas.

Por fim, diante do exposto, em relação as conclusões desta pesquisa, chamo a atenção para uma questão que merece um debruçar lento, primoroso, que farei em um momento posterior da minha vida, mas que no entanto deixo aqui balizada; a questão maior da pesquisa: Como eu, uma professora, deveria lidar (preparar as aulas, me posicionar, questionar, propor reflexão, silenciar...), frente as relações de poder advindas dos conceitos de belezas femininas que as alunas possuem?

Quando construí esta pergunta, ingenuamente imaginava um desfecho lógico relativamente fácil, visto que olhando para o problema enxergando de fato seu tamanho e forma poderia dar respostas didáticas a esta questão. No entanto quando enxerguei o problema, percebi que a beleza como jogo de poder é apenas o reflexo no espelho. A forma como nos constituímos como humanos, o que valorizamos e desvalorizamos, a ânsia por sermos mais, sermos sobre humanos. Logo, não encontrarei e aqui não

deixarei uma resposta pronta; que se outra pessoa se identificar possa, folhear esta dissertação e achar a resposta, a solução. Como prática pedagógica apenas vejo como possível a intensa discussão em todo o âmbito educacional, seja em congressos ou na sala de aula, do que ocorre de fato, se é realmente isto que desejamos como construção de mundo para que em algum momento da nossa história, que talvez eu nem aqui esteja possa haver uma desconstrução deste espelho que nos diz a todo instante (porque perguntam), o que é a beleza.

E por fim encerro este estudo como comecei, lendo Baudrillard (1991, p.15) que afirma: "Ora, a mulher nada mais é que aparência". A isto, hoje tenho condições de responder; se ainda que muita de nós incorremos no engano de entender a beleza pelo olhar do outro, se machucamos muitas vezes nossas próprias irmãs, isto não diz quem somos, no máximo, como estamos. O feminino como forma e conteúdo transpassa como se fosse absolutamente nada o reino das aparências.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**; tradução Alfredo Bosi - 2ª edição - Martins Fontes, São Paulo, 1998.

ABREU, Sérgio Luiz da Silva de. **A conferência de Viena e a discriminação racial no mercado de trabalho, 2012.** Disponível em: <a href="http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/confer%C3%AAncia-de-viena-e-discrimina%C3%A7%C3%A3o-racial-no-mercado-de-trabalho Acesso em: 05.01.2013">http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/confer%C3%AAncia-de-viena-e-discrimina%C3%A7%C3%A3o-racial-no-mercado-de-trabalho Acesso em: 05.01.2013</a>

ADORNO, Theodor W. Teoria estética. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, São Paulo: Martins Fontes, 1970.

ALMEIDA; et al **A imagem corporal de mulheres morbidamente obesas avaliada através do desenho da figura humana** Revista Psicologia: Reflexão e Crítica, nº 15, p. 283-292, 2002 Disponível em: <a href="http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n2/14352.pdf">http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n2/14352.pdf</a>. Acesso em: 05.01.2013

ALVES, Nilda. Imagens das escolas: sobre redes de conhecimentos e currículos escolares;1991 Disponível em: <a href="http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos 17/nilda alves.pdf">http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos 17/nilda alves.pdf</a> Acesso em: 05.01.2013.

AQUINO, Victor. **Estética, de múltiplos significados e rara precisão.** Revista Estética nº08 art. 1, 2012. Disponível em: <a href="http://citrus.uspnet.usp.br/estetica/index.php/normas/25-sample-data-articles/joomla/extensions/plugins/51-user-plugins Acesso em: 05.01.2013">http://citrus.uspnet.usp.br/estetica/index.php/normas/25-sample-data-articles/joomla/extensions/plugins/51-user-plugins Acesso em: 05.01.2013</a>

ANDRADE, Oswald. Manifesto antropófago. Revista de Antropofagia, Ano I, No. I, maio de 1928. Disponível em: <a href="http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf">http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf</a> Acesso em: 05/01/2013

ANÔNIMO. A Epopéia de Gilgamesh. Ed.Wmf Martins Fontes, São Paulo, 2011.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**; trad. Roberto Raposo. 10 ed.- Forense Universitária. Rio de janeiro, 2005.

AURÉLIO.Dicionário eletrônico. 2013. Disponível em: http://www.dicionariodoaurelio.com/ Acesso em:

BALOGH, Anna Maria. **O corpo sedutor: A sobrevivência do mais Belo**. REVISTA USP, São Paulo, n.69, p. 149-158, março/maio 2006. Disponível em: http://www.usp.br/revistausp/69/14-annamaria.pdf Acesso em: 06/01/2013

BARTHES, Roland Imagem e moda. Martins Fontes, São Paulo, 2005.

BAUDRILLARD, Jean. **Da Sedução**; tradução Tânia Pellegrini.- Papiros, Campinas, 1991.

BAUDRILLARD, Jean. A troca do impossível; - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida** Vol.01; Difel, São Paulo, 1960.

BRACC. **Dependências químicas**. Disponível em: <a href="http://www.bracc.com.br/19-sample-data-articles/noticias/50-dependencia-quimica">http://www.bracc.com.br/19-sample-data-articles/noticias/50-dependencia-quimica</a> Acesso em: 06/01/2013

BROWN, Peter. Corpo e Sociedade: o Homem, a Mulher e a Renúncia Sexual no Início do Cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

BRUAIRE, Claude. A filosofia do corpo Herder, São Paulo, 1972

CASCUDO, Luís da Câmera. **Histórias dos nossos gestos**: uma pesquisa na mímica do Brasil. Editora Global; São Paulo, 2008.

COSTA de Paula, Rogéria. "Não quero ser branca não. Só quero um cabelo bom, cabelo bonito!": performances de corpos/cabelos de adolescentes negras em práticas informais de letramento. Tese de doutorado do curso de pós-graduação da Universidade Estadual de Campinas- Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas 2010.

Disponível em: <a href="http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000784431">http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000784431</a> Acesso

D'AGOSTINO, Mário Henrique Simão. A arquitetura, o corpo e o espelho sobre a beleza e o tempo na arte do Renascimento e em nossos dias. Tempo soc. [online]. 2003, vol.15, n.1, pp. 113-137. Disponível em: <a href="http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702003000100007">http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702003000100007</a>. Acesso em: 06/01/2013

DAÓLIO, Jocimar. Da cultura do corpo. Papirus, Campinas, 1995.

em:06/01/2013

DUARTE, Ana Rita Fonteles. **Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América.** *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2006, vol.14, n.1 [cited 2013-06-11], pp. 287-293 . Available from: <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0104-026X2006000100015&lng=en&nrm=iso">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0104-026X2006000100015&lng=en&nrm=iso</a>. ISSN 0104-026X. <a href="http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100015">http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100015</a>. Acesso em: 05.01. 2013.

DUARTE, João Francisco. O que é beleza. 3ª Ed. Brasiliense, São Paulo, 1991.

DUARTE, Rodrigo. **Vicissitudes do belo** Revista Cult, edição nº120, São Paulo, 2010. Disponível em: <a href="http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/vicissitudes-do-belo/">http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/vicissitudes-do-belo/</a> acesso em: 05.01.2013.

ECO, Umberto. **História da Beleza**; tradução Eliana Aguiar.-Record, Rio de Janeiro, 2010.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Educação Física na crise da modernidade . Tese de doutorado do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1999. Disponível em:

http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000195528 Acesso em: 05.01.2013.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** 2ed. Bookman, Porto Alegre 2004.

FOLHA DE SÃO PAULO **Mulher é demitida nos EUA por ser "muito atraente"**, 2012. Disponível em: <a href="http://classificados.folha.uol.com.br/empregos/1206703-mulher-e-demitida-nos-eua-por-ser-muito-atraente.shtml">http://classificados.folha.uol.com.br/empregos/1206703-mulher-e-demitida-nos-eua-por-ser-muito-atraente.shtml</a> Acesso em: 04/02/2013

FOLHA DE SÃO PAULO. Jurados tendem a condenar mulheres obesas mais do que as magras, diz estudo Disponível em: <a href="http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1215987-jurados-tendem-a-condenar-mulheres-obesas-mais-do-que-as-magras-diz-estudo.shtml">http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1215987-jurados-tendem-a-condenar-mulheres-obesas-mais-do-que-as-magras-diz-estudo.shtml</a> Acesso em: 19.01.2013

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Edições Graal. Rio de Janeiro, 1982

GALARD, Jean. A beleza do gesto: uma estética das condutas. EDUSP, São Paulo, 1997.

Gallo, Silvio. "Humanidades" e formação: horizontes e possibilidades. In; Barbosa, Raquel lazzarri leite Barbosa. Formação de educadores. Ediotra Unesp, São Paulo, 2006.

GAUTIER, Théophile Gautier. **A morte amorosa** (conto), 1836. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/86668913/A-morte-amorosa-Theophile-Gautier Acesso em: 09/12/2012

GÊNESIS, in Bíblia Sagrada; tradução Almeida (Revista e atualizada). Sociedade Bíblica do Brasil.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** Ed. Penso, Porto Alegre, 2012.

GILLIAM, Angela; GILLIAM Onik'a **Negociando a subjetividade de mulata no Brasil** Revista Estudos Feministas da Universidade Federal de Santa Catarina vol.03, n.02. 1995. Disponível em: <a href="http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16471/15041">http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16471/15041</a> Acesso em: 05.01.2013.

HAKIM, Catherine. Capital erótico. Best business, rio de Janeiro, 2012.

HERMANN, Nadja. Hermenêutica e Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. Trad. J.A.A. Torrano. Iluminuras, São Paulo, 1991.

HOMERO. Ilíada. Ed. Nova Cultural, São Paulo, 2002.

JIMENEZ, Marc. O que é estética? Universidade do Vale do Rio Grande do Sul, 1999.

JÓ, In: Bíblia Sagrada; tradução Almeida (Revista e atualizada). Sociedade Bíblica do Brasil.

LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Companhia das Letras; São Paulo, 1989.

LOURO , Guacira Lopes C**orpo, gênero e sexualidade: desafios para a pesquisa educacional.** Faculdade de Educação/UFRS. Disponível em: <a href="http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2000/Gestao\_e\_Politicas/Mesa\_Redo">http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2000/Gestao\_e\_Politicas/Mesa\_Redo</a> <a href="mailto:nda\_-Trabalho/02\_02\_32\_4M3704.pdf">nda\_-Trabalho/02\_02\_32\_4M3704.pdf</a>. Acesso em: 10/12/2012

MAMMÌ, Lorenzo. O espírito na carne: o cristianismo e o corpo. In: NOVAES, Ad auto et al. **O homem- máquina: a ciência manipula o corpo**. Compainha das Letras- São Paulo, 2003.

MERLEAU - PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**; tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura- 2ª Ed.- Martins Fontes, São Paulo 1999.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa às marteladas. Guimarães Editores, LDA. Lisboa, 1985.

PANKOW, Gisela. O homem e seu espaço vivido: Análises literárias. Papirus. Campinas-SP,1988.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo.** *Educ. Soc.* [online]. 2007, vol.28, n.98 [cited 2013-06-12], pp. 47-72 . Available from: <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0101-73302007000100004&lng=en&nrm=iso">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0101-73302007000100004&lng=en&nrm=iso</a>. ISSN 0101-7330. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302007000100004.

PROVÉRBIOS. In: Bíblia Sagrada; tradução Almeida (Revista e atualizada). Sociedade Bíblica do Brasil.

SANT'ANNA, Denise Políticas do Corpo São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SILVA, Eliana Rodrigues. As configurações do corpo na cena artística contemporânea. **Cogito**, Salvador, 2012 . Disponível em <a href="http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1519-94792008000100005&lng=pt&nrm=iso>">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?scielo.php?scielo.php?scielo.php?scielo.php?scielo.php?sc

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza**, tradução Léo Schlafman. Ediouro. Rio de Janeiro, 2006.